

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



DESENHAR PALAVRAS E FALAR IMAGENS

Estudo sobre o papel do Desenho na Comunicação Visual
Signos e Pictogramas baseados na história de Lewis Carroll,
Alice no País das Maravilhas

Ana Rita Reis Rocha

Trabalho do Projeto

Mestrado em Desenho

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



DESENHAR PALAVRAS E FALAR IMAGENS

Estudo sobre o papel do Desenho na Comunicação Visual
Signos e Pictogramas baseados na história de Lewis Carroll,
Alice no País das Maravilhas

Ana Rita Reis Rocha

Trabalho de Projeto

Orientada pelo Prof(a). Doutor(a) Margarida Calado

Mestrado em Desenho

2014

Ao Reis, à Ana, à Lucy e ao Pedro

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todas as pessoas amigas, familiares e até desconhecidas que me apoiaram de forma directa ou indirecta na realização desta Dissertação.

À minha mãe, Maria Lucinda, um obrigado pela paciência e pelo apoio dado para a conclusão desta etapa. Ao Pedro Luís, pelas horas que passamos à conversa sobre os assuntos deste trabalho e por me apoiar e incentivar sempre que algo parecia que poderia correr mal, um agradecimento muito forte.

Aos meus colegas e amigos que elogiavam e criticaram o meu trabalho, pois foi graças aos vossos comentários que foi possível obter o resultado pretendido e acreditar num futuro em que o Desenho fará parte.

Agradeço também a todos os familiares e amigos que de certo modo permitiram que eu chegasse aqui, que me prestaram muito apoio e amizade.

Para concluir, gostaria de expressar o meu agradecimento à Professora Margarida Calado, por ter aceite o meu projecto, acompanhando-me e orientando-me da melhor forma possível, mostrando-se sempre disponível até à conclusão do mesmo.

Resumo

O trabalho de dissertação que seguidamente se apresenta é acerca do Desenho na Comunicação visual, por meio do estudo dos pictogramas.

Ao longo deste trabalho percebemos a importância que o Desenho tem como forma de comunicar e como forma de prestar serviço a essa comunicação.

Apercebemo-nos que o Desenho está sujeito a um reconhecimento para desempenhar as suas funções como mensagem visual e que tal reconhecimento só é possível quando há um contexto adjacente ou uma familiarização com o projecto.

Tendo por base isto, elaborou-se um conjunto de ilustrações pictóricas, que narram a história *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll. Apropriamo-nos desta narrativa por as suas personagens e cenas serem do conhecimento geral, garantindo que a produção e apresentação dos pictogramas tivesse sucesso no plano do reconhecimento.

Perante este trabalho compreendemos o poder que uma imagem tem na comunicação, e que o facto de sermos seres visuais faz com que dependamos das imagens para comunicar com mais eficácia, elevando a comunicação visual a um patamar superior ao da linguagem escrita.

Palavras-Chave: Desenho – Comunicação Visual – Imagens – Pictogramas – Alice no País das Maravilhas

Abstract

The dissertation here presented is about Drawing in visual communication through the study of pictograms.

Throughout this paper we realize the importance that drawing has as a way to communicate and as a way to provide service to that communication.

We realized that the drawing is subject to an acknowledgment to carry out its functions as a visual message and that such recognition is possible only when there is a surrounding context or familiarity with the project.

Based on this, we prepared a set of pictorial illustrations that tell the story *Alice in Wonderland* by Lewis Carroll. We have used this narrative because the characters and scenes are of common knowledge, ensuring that the production and presentation of the pictograms were successful in terms of recognition.

Presented with this paper, we understand the power that an image has in communication, and the fact that we are visual beings ensures images to communicate more effectively, elevating the visual communication to a higher level than written language.

Keywords: Draw – Visual Communication – Images – Pictograms – Alice in Wonderland

ÍNDICE

Agradecimentos.....	IV
Resumo	VI
Abstract	VII
Introdução.....	9
PARTE I - O DESENHO	12
1. Compreender o Desenho	12
1.1. Desenho ao longo dos tempos.	13
2. Comunicar pelo Desenho.....	15
2.1. A linguagem do Desenho	17
2.2. Comunicar pela linha e pela forma e pela figura.....	18
2.3. Funções comunicativas do Desenho	20
3. Do processo racional para o Desenho.	22
4. A verbalização como apoio ao Desenho	23
5. O Desenho e o Reconhecimento Visual.....	25
PARTE II – A COMUNICAÇÃO VISUAL E AS IMAGENS.....	28
1. Compreender a Imagem.....	28
2. A imagem ao serviço da comunicação visual	31
2.1. A imagem como uma linguagem.....	34
2.2. A Imagem como Signo	36
3. Compreender os Signos e os Pictogramas.....	37
3.1. Semiótica	37
3.2. Signo.....	37
3.3. Símbolo.....	38
3.4. Ícone	39
3.5. Pictogramas.....	40
4. História dos Signos e Pictogramas.....	40
5. Comunicar através dos signos e dos pictogramas	43
PARTE III- NARRAR POR MEIO DE PICTOGRAMAS.....	46
Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll – Uma narrativa pictórica	46
1. Apresentação do Trabalho Prático	46
2. Da “ideia” para o Desenho	48
3. A importância do Desenho na construção da ilustração pictórica	51

4. Análise das Ilustrações pictóricas	53
4.1. Definição técnica do trabalho.	53
4.2. Estilo de Representação.....	55
4.3. Relação texto-imagem	56
4.4. Contexto.....	57
4.5. Interpretação da Cor.....	59
5. Reconhecimento	60
6. Porque se considera uma ilustração pictórica?.....	64
Conclusão.....	65
BIBLIOGRAFIA.....	68
Livros.....	68
Referências.....	69

Introdução

“Para que serve um livro”, pensou Alice, “sem figuras nem diálogos?”

Lewis Carroll, 2002

A seguinte dissertação possui uma componente teórico-prática e encontra-se inserida no Mestrado em Desenho da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. O objectivo deste trabalho é estudar a importância do Desenho no campo da Comunicação visual. No presente tema de dissertação, *Desenhar palavras e falar imagens* pretendemos abordar a interligação do desenho com a comunicação visual, realizando um estudo tendo por base os signos e os pictogramas como forma de composição de uma mensagem. A razão pela qual resolvemos abordar esta temática, resultou da tentativa de compreender de que maneira o Desenho pode ser útil na comunicação visual e na composição de uma mensagem.

O gosto e a motivação para a realização deste trabalho relacionam-se com o facto de haver um interesse nas formas de comunicação gráfica e visual por meio do desenho e das ilustrações. Compreender e tirar proveito das respostas a estas questões não só garante uma taxa de sucesso aquando da eficaz comunicação como também permite a resolução de problemas de entendimento perante a leitura de uma imagem. Seja como for, devemos colocar como base o Desenho, quer como projecto para solucionar problemas quer como representação do visível.

Desenhar é algo inerente ao ser humano. A capacidade de agarrarmos num material riscador e desenharmos, é algo que já vem desde os primórdios da humanidade.

Inspiramo-nos no poema de Almada Negreiros, *A Flor*,¹ para reflectirmos sobre o nosso comportamento perante a condição do Desenho. Uma criança desenha uma «flor» e mesmo antes de saber denomina-la já compreende que aquele conjunto de linhas e formas reflete uma flor. Verificamos então que o Desenho depende tanto dele próprio como das nossas cognições.

Numa primeira etapa compreenderemos o papel do Desenho na comunicação visual, percebendo a sua evolução ao longo da história e as suas funções comunicativas, a

¹ NEGREIROS, José De Almada - III Parte - O regresso ou o Homem sentado: A flor. In *A Invenção do dia claro*

respeito das suas técnicas e a nível intelectual, por meio da verbalização do Desenho e do seu Reconhecimento enquanto forma de comunicação.

Apercebemo-nos que o papel do Desenho vai além da aleatoriedade dos traços em prol da criação de uma figura. Desenhamos o que vemos com o propósito de o representarmos e muitas vezes com o objectivo de o comunicarmos. Retrocedemos no tempo para compreender de que maneira o Desenho desenvolveu as suas características, não só como ferramenta de projecto mas como ferramenta comunicativa. Perceber as partes que constituem um desenho, partindo dos elementos estruturais, como ponto, linha, e a forma, permitir-nos-à estudar a função deles em relação à comunicação e posteriormente analisaremos esses elementos organizados em funções comunicativas, com o propósito de conhecer as formas que o desenho tem ao seu dispor para elaborar uma mensagem visual. No entanto, o estudo da linguagem do Desenho não se baseia só a nível técnico, perceber o papel do Desenho a nível intelectual permite estudar soluções de apoio ao reconhecimento e à leitura das imagens. Compreendemos que as palavras ajudam ao reconhecimento e que esse reconhecimento é elemento fulcral na comunicação visual.

Desenhamos conceitos e nomeamo-los, como forma de explicarmos o nosso processo intelectual e de garantir o reconhecimento do desenho. Enchemos os nossos pensamentos com ideias com formas visuais e transmitimo-las para o papel graças as inúmeras ferramentas que o desenho coloca à nossa disposição. Partilhamos depois, com outras pessoas estas imagens, estas mensagens visuais, e apoderamo-nos delas para comunicar algo, recorrendo ou não ao auxílio das palavras. E fazemo-lo como se dominássemos as imagens, mesmo que não tenhamos qualquer noção do que elas são na realidade. Outras vezes, simplificamo-las em signos, os mesmos signos que os nossos antepassados usaram para comunicar, para representarem algo nas paredes das cavernas, nas tabuas, até mesmo em papiro. Signos que deram a possibilidade de hoje em dia termos um sistema de escrita, e um sistema de reconhecimento visual direccionado para a comunicação. Uma vez mais aproveitamo-nos deles para sinalizar, identificar ou alertar outros de algo.

Conforme descrito, a segunda etapa basear-se-á na imagem, os seus significados e a sua utilidade comunicativa. Perceberemos as partes que constituem a comunicação visual pelas imagens e de que forma podemos tirar partido dela. No seguimento da imagem falamos dos Signos e dos Pictogramas, da maneira como uma mensagem pode ser

simplificada e ao mesmo tempo transmitir tanto. Compreendemos o seu significado e a sua história, o que nos dará um impulso para a realização do trabalho prático.

Finalmente numa terceira etapa, colocar-se-á em análise toda a construção e avaliação do trabalho prático. Aproveitando o conceito de Signos e de Pictogramas elaborou-se para análise um conjunto de ilustrações pictóricas narrando a história de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas* tendo por base o processo do Desenho na sua construção e na sua avaliação. Partindo da construção da ideia a nível intelectual até a sua realização quer por desenho quer posteriormente por vectorização digital, desenvolveram-se as ilustrações em torno de citações emblemáticas que permitem termos um conhecimento geral da narrativa.

Os métodos de pesquisa basearam-se na leitura de registos bibliográficos de vários autores, bem como uma pesquisa visual do modo como os signos e os pictogramas de hoje em dia são vistos a nível de ilustrações. Além do mais tirou-se partido da opinião pública mediante um questionário que deu ênfase à questão do reconhecimento, permitindo que avaliássemos as ilustrações de acordo com os padrões de reconhecimento geral. O conhecimento das obras referentes à *Alice no País das Maravilhas*, como é o caso de filmes e de ilustrações originais, permitiu o conhecimento dos elementos mais emblemáticos da narrativa facilitando o reconhecimento a nível geral.

Neste trabalho interessa-nos perceber de que forma a imagem é influente na comunicação e no reconhecimento completando esta questão com a intervenção do desenho neste processo. A elaboração das ilustrações garante um entendimento do próprio trabalho, dos conceitos de imagem e de signo, realçando o papel do Desenho na fomentação da ideia e na sua concretização. Compreender as suas ferramentas bem como compreender a imagem coloca à nossa disposição ilimitadas formas de comunicação visual.

PARTE I - O DESENHO

1. Compreender o Desenho

En los tiempos más primitivos, hace decenas de milenios, el hombre sintió el impulso de dibujar o pintar en las paredes de su vivienda primitiva o sobre las rocas de sus inmediaciones. El hombre primitivo se asemeja en este particular a un niño, que en cuando aprende a andar a gatas comienza a pintarrapear en la pared o a trazar desmañados dibujos en la arena.

Ignace Gelb, 1976, 48

Gelb revela assim a condição do desenho perante o Homem e a sua importância na forma como nos relacionamos com ele.

Definimos o Desenho como acto de esboçar ou de representar alguma coisa, quer sejam objectos visíveis, quer seja algo que tenhamos intelectualizado ou imaginado. Contudo interessa-nos ir mais além e compreender o Desenho, o seu significado, analisá-lo e estudá-lo com algum pormenor e perceber como ele se adequa às novas épocas e às novas formas de comunicação.

Derivado do verbo Desenhar, cuja etimologia tem raízes no latim *designare*, Desenho significa, 1. Fazer uma representação gráfica com base no delineamento dos contornos, Traçar, 2. Fazer a concepção da forma e da estrutura de determinada coisa, Arquear, Esboçar, e/ou Planear, 3. Podendo ainda apresentar e/ou descrever determinada forma, Configurar, cujo objectivo pode ser o de 4. Representar palavras e tornar visível ideias e pensamentos, Descrever e Mostrar.²

Sendo assim, o desenho é uma representação gráfica da forma ou de algo referente a objectos, seres, ou conceitos, sobre uma superfície, geralmente de papel, por meio de determinados instrumentos como o lápis ou o pincel. No entanto, as definições do Desenho não se prendem apenas com a etimologia e com o seu significado. O próprio Desenho é definido pelas suas características representativas, os seus traçados, o seu rigor, etc, e a sua evolução enquanto ferramenta cognitiva cedeu-lhe novos conceitos associados.

² Definição retirada do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Vol 1, 1175

1.1. Desenho ao longo dos tempos.

La historia del dibujo es en gran parte la historia de sus nombres y la evolución de las estructuras en donde las organizamos; ambos aspectos son determinantes en el establecimiento de su sentido.

Juan J. G. Molina, 2005, 14

Molina fala-nos da história do Desenho como sendo definida primariamente pelos seus nomes e pelas suas questões técnicas. Novas metodologias de trabalho, técnicas artísticas, materiais e suportes e novas representações foram apresentadas a favor do desenho e não só determinaram o seu funcionamento como também as suas denominações.

Vários autores deslindaram o Desenho, e escreveram tratados sobre ele referindo os pontos de maior importância e esclarecendo as áreas abrangidas pela acção do desenho. Segundo o tratado de Cennini, *Libro dell'Arte*, que contribuiu para a instituição do primado do Desenho, este devia ser elevado a um patamar onde fosse considerado parte essencial da formação do artista, bem como, a defesa de um desenho formativo com o objectivo de investigar sobre as tridimensionalidades de luz e sombra. É também neste tratado que se começa a ver a multiplicidade do desenho, mas tendo sempre uma origem comum: “apesar de existir em vários tipos, o Desenho é só um e tem uma origem e um destino mental.”(Côrte-Real, 2001,19)

Por sua vez, Alberti no seu tratado, *Della Pittura*, aponta o desenho no sentido do reconhecimento visual e fala do Desenho como acto de produzir signo. Sendo um ponto de partida para a pintura, apoiado no reconhecimento dos traços, Alberti defendia também que o pintor deveria ser possuidor de uma boa destreza, tanto manual como intelectual, “o pintor deverá ser capaz de imitar com a mão aquilo que tiver imaginado com a mente.” (Côrte-Real, 2001, 23) e tal perfeição no desenho só seria alcançada por meio da linha e da circunscrição da forma, “o *disegno* equivalia sobretudo à *circonscrizione*”. (Côrte-Real, 2001, 23), Por sua vez, abandona a ideia de Cennini sobre um desenho formativo, apoiado na experiencia em prol de um desenho infalível baseado num paradigma de rigor onde este deixa de estar presente apenas nas metodologias “para se

transformar no traço indelével que as faz serem reconhecidas”, classificando-o como o “Desenho dos Architectos”. (Côrte-Real, 2001, 23).

No seguimento da ideia de Alberti, Francisco de Holanda também defendeu o Desenho como ferramenta de projecto e de construção de ideias. “E digamos assi: logo como a idea está determinada e escolhida, como se quer pôr em obra, far-se ha e pôr-se-ha logo em Desenho” (Holanda, 1984, 98). Holanda defendia a importância que o desenho teria por meio do esquisso no acto de estruturar as ideias no visível, pois seriam os traços que determinariam aquilo que pretendíamos fazer, ou seja aquilo que intelectualizamos. Elevou o Desenho admitindo-o como sendo a substância e o esqueleto da pintura e das outras artes, e defendeu-o como sendo a base do ensino para qualquer artista e para qualquer arte. Compartilhando da opinião de Alberti, Holanda afirmou que o desenho fazia parte de tudo, e em tudo era possível demonstrar a acção do Desenho e a sua influência no mundo. (Holanda, 1984, 100)

Seguimos com a ideia do Desenho como base de todas as criações e referimos Zucari que por sua vez elevou o desenho a proporções quase divinas. Falava-se de um “*Disegno Interno Di Dio*” que colocava todo o processo num patamar quase inalcançado pelos homens. Zucari chegou mesmo a sugerir, etimologicamente, que o desenho se definisse por “*Segno di Dio in noi*”, ³(Côrte-Real, 2001, 74) afirmando-o como tendo origem divina e que qualquer manifestação no ser humano seria graças a uma produção intelectual. Considerava também, que o desenho dentro de nós funcionava como uma fórmula motora das nossas cognições e operações. Apresentou duas teorias sobre a nossa relação e percepção com o Desenho, o desenho interno e o desenho externo. Defendia o “disegno interno” como sendo a ideia, “él mismo lo que define como «el concepto formado en nuestra mente para poder conocer cualquier cosa y obrar externalmente conforme a la cosa entendida» (Molina, 2005, 244) e por outro lado, afirmava um outro desenho gerado por processos externos na elaboração de uma forma, “disegno externo (...) lo que aparece circunscrito de forma pero sin sustância de cuerpo. Simples delineación, circunscripción, medida y figura de cualquier cosa imaginada y real.” (Molina, 2005, 289)

Existem inúmeros autores que discutiram a importância do Desenho e o elevaram a um nível fundamental para o processo de intelectualização, criação e reconhecimento

³ Ao jogarmos com as palavras sugeridas por Zucari para a definição de Desenho: “*Segno di Dio in noi*” apercebemo-nos de um trocadilho conveniente para a definição do Desenho: “*Di – Segn-o*” que nos incita a pensar nos signos como uma produção divina, alcançada pelo Homem por meio do Desenho.

visual. Contudo, o Desenho só foi considerado ferramenta processual de origem cognoscitiva, a partir da Revolução Industrial, com a consequente reorganização do sistema produtivo, passando a figurar na lista das preocupações da educação e da formação. Esta reorganização permitiu que o Desenho evoluísse como ferramenta de apoio à construção de conceitos e ideias, sendo um dos factores para o impulso que o levou a ser considerado uma das disciplinas mais importantes da educação dos artistas. Com o “alargamento das competências técnicas das academias de Belas- Artes e com uma conceptualização progressiva e sistemática” (Paiva, 2004,106) a presença do Desenho tornou-se evidente e passou a abranger componentes de origem conceptual, perceptiva e operativa, que levaram a factores decisivos do processo projectual.

Factores como os mencionados garantiram ao Desenho ter o papel de destaque que possui actualmente, como ferramenta não só artística, mas de apoio a disciplinas de projecto, como o Design e a Arquitectura, pois são as suas características formais que o elevaram e lhe conferiram a particularidade de se relacionar tão bem com a nossa mão como com a nossa consciência, unindo-as em conformidade perante a resolução de questões formais.

2. Comunicar pelo Desenho

Além de ser um dos meios de comunicação mais antigos e vulgares, o Desenho é aquele meio que mais rapidamente associa o visível às ideias, representa, dá a ver e é visto.

Francisco Paiva, 2004, 16

O Desenho desempenha uma função vital na comunicação, não só pelo registo como também pela composição e ordenação das ideias mentais para a transfiguração no visível. É pelo desenho que as ideias se concretizam, e é pelo processo intelectual que o objecto representado ganha um novo sentido. Assim sendo, é importante analisar o desenho, quer para compreender o seu funcionamento, quer para tirar proveito das suas funções comunicativas diversas.

“Para toda persona que se inicia en el dibujo, el nombre que reconoce en su acción es un factor determinante de su proyecto. Porque éste no sólo precisa su relación com el

objeto representado, sino también su relación con el proceso de representación.”

(Molina, 2005, 11)

Quando desempenhamos uma função comunicativa por meio do desenho, não temos apenas uma relação visual com o objecto representado, mas criamos toda uma relação com o processo de representação. De acordo com Massironi (2010, 24) este processo é composto por elementos primários e secundários. Os elementos primários são aqueles que se referem à tipologia e construção gráfica do desenho, como o traço, o plano de representação e todo o processo de ênfase-exclusão dos elementos representados com objectivo de representar ou informar, e os elementos secundários aqueles que se referem a um plano mais intelectual, social e ambiental, ou seja, derivam das capacidades mentais do desenhador, do seu estado de espírito e personalidade e do ambiente e da cultura em que se insere.

Ao desenharmos não nos limitamos apenas aos elementos gráficos como o traço, o esboço, o plano ou a mancha, mas tiramos partido de outros elementos externos, isto é os elementos que vamos representar, como a árvore, a casa e a mesa que irão fazer parte do desenho na sua construção e no seu registo. Desta forma a comunicação pelo desenho compõe-se por meio de conceitos baseados nos elementos gráficos e nos elementos externos visuais representados: “Podemos nombrar las líneas que aparecen como un concepto que determina la idea de la cosa que formalizamos (...) pero también el gesto que se determina.” (Molina, 2005, 12)

É importante então perceber o valor que os elementos primários têm para a comunicação, visto que os elementos secundários são de análise subjectiva, sendo que de todas as vezes que “falarmos em «linha», «sinal», «traço gráfico», entendemos sempre por estes termos o cunho que um instrumento apto àquele fim e manobrado pelo Homem deixa sobre qualquer superfície com a finalidade de comunicar qualquer coisa.” (Massironi, 2010, 24)

Associamos os elementos do desenho defendidos por Massironi, aos conceitos de desenho de Zuccari, compreendidos num sentido mais interpretativo, o *Disegno Interno* e *Disegno Externo*. O *Disegno Interno* vai corresponder aos elementos secundários, pois este tem a sua definição na ideia e a sua origem como produto do intelecto formado a partir de informações externas mas com origem no pensamento do desenhador: “El concepto formado en nuestra mente para poder conocer cualquier cosa y obra externamente,

conforme a la cosa entendida”. (Molina, 2005, 244) Por sua vez, o *Disegno Externo* terá a sua definição na forma, ou seja apoiar-se-á nos elementos primários, para responder à comunicação. É apenas o resultado da linha na criação da forma, sem qualquer conteúdo interno significante: “lo que aparece circunscrito de la forma pero sin sustância de cuerpo...” (Molina, 2005, 286)

Ao conhecermos as partes que constituem a comunicação pelo Desenho, apercebemo-nos de que estes elementos traduzem a singularidade e ao mesmo tempo a complexidade do processo de Desenho. Os mesmos elementos podem ser repetidos mas o Desenho não será igual. A peculiaridade do Desenho permitirá a produção de representações semelhantes aos objectos, graças à capacidade de o apreendermos intelectualmente e configurá-lo no visível por meio dos seus traços de representação.

A função instintiva ou consciente de desenhar resulta num conjunto de pontos, linhas e manchas em prol da concretização das nossas ideias, e são esses elementos que completam a comunicação. Compreendemos então que os elementos do Desenho definem-no, e para tal, é também necessário defini-los para entender melhor o Desenho e apoderarmo-nos das suas características a favor de uma comunicação eficaz.

2.1. A linguagem do Desenho

Quando falamos na linguagem do Desenho prevemos a existência de características comunicativas que o definem como acontece com outras linguagens, ferramentas essas ao dispor da comunicação visual, apresentadas quer num plano visível, determinadas pelo gesto, pelos materiais e suportes, quer apresentadas com origem nas faculdades mentais, a idealização. Molina apresenta no seu livro *Nombres del Dibujo*, um conjunto de ferramentas e nomenclaturas para a definição do Desenho enquanto linguagem, partindo dos elementos base de registo, até aos elementos do discurso e da acção mental.

Numa questão de análise formal da comunicação visual, iniciaremos o estudo das componentes do Desenho pelo elemento mais básico: o ponto. É por ele que se definem rectas, se orientam os traços e se representam os elementos mínimos. É o elemento sem dimensão, “señal minúscula que deja en una superficie un instrumento puntiagudo de trazado” (Molina, 2005, 286).

A observação que fazemos do ponto não nos interessa que seja extensa, pois as características artísticas do ponto são quase nulas, no entanto é ele que define a linha, e é pela linha que se estruturam formas provenientes do pensamento, se organizam no visível as ideias e os conceitos, se transmitem sentimentos e sensações e o mais importante é onde reside a definição de Desenho.

2.2. Comunicar pela linha e pela forma e pela figura

O processo de comunicação em Desenho vai além da leitura que fazemos do conjunto dos traços, das formas e das figuras representadas. A própria linha, por mais simples que seja, carrega em si mesma informação para a leitura do desenho, e essa informação é constantemente transferida entre a linha e a forma, entre o pensamento e a mão.

Alberti explicava no seu livro *Della Pintura*: “Nenhuma composição nem nenhuma «luminização» se pode louvar onde não haja uma boa circunscrição, isto é, um bom desenho” (Côrte-Real, 2001, 23), referindo-se à linha como o elemento mais importante do Desenho.

A linha tem uma importância enorme no Desenho, é ela que o define, no entanto essa definição não se limita ao conceito de «traçar» ou ao «acto de representar», a linha vai mais além, quando falamos que se pode apresentar em diversos modos e adquirir diferentes significados consoante a sua tipologia.

Rudolf Arnheim⁴ defendia que a linha podia apresentar-se em três modos, cada um com conceitos e utilidades diversas no desenho. A «linha-objecto» caracterizada por ser um tipo de traço aberto, independente de um significado, assemelha-se por associação, ao objecto visível que pretende representar. Em contra-posição a «linha-contorno» é um traçado fechado, que encerra em si a construção do desenho definindo-o pelo espaço vazio. É o princípio da construção da forma, sendo um traçado mais definidor representa o objecto tornando-o mais descritivo, atribuindo-lhe por vezes um valor simbólico. Em modo de finalizar, a «linha-textura» resulta da repetição do traço, de forma regular ou alternada, quer em escala, orientação ou intervalos com o propósito de criar textura. Este tipo de linha é o mais comum em desenhos cujo propósito é dominar as técnicas de luz-sombra e de volume tridimensional.

⁴ ARNHEIM, Rudolf, *Visual Thinking*, 1974, Citado por Massironi – cit. P.24

Massironi, na sua interpretação, fala da linha como sendo um “sinal”, e isso permite avaliá-la segundo amplos critérios, de acordo com a precisão e uniformidade - sinal executado com instrumentos, e com a variedade e falta de homogeneidade - sinal executado à mão livre, definidores de estilos de desenhos.

É pela linha que se configura no visível formas e figuras reconhecíveis: “Configurar é dotar de sinais da potência de reconhecimento” (Côrte-Real, 2001, 14). São estes sinais que definem as formas e as figuras, e que ditam a diferença entre várias figuras representadas. A forma, “configuración o distribución exterior de los cuerpos materiales y las imagenes planas” (Molina, 2005, 286) é a representação física do conteúdo conceptual.

Molina faz uma separação entre a forma e a figura, clarificando a forma como o método de organização e configuração da obra, mas afirma que a figura é a representação do objecto constituída pelo conjunto dos contornos com a superfície. Entendemos então a forma como a representação externa de algo, enquanto a figura é o conteúdo interno dessa representação: “el contenido es lo que se presenta dentro de una forma...” (Molina, 2005, 287). Esta ideia é também partilhada por Francisco Paiva que defende uma figura disciplinada pelo contorno, circunscrita, isolada dos demais elementos da obra impedindo que a sua forma se dissipe. (Paiva, 2004, 163)

Quando representamos um objecto, fazemos uma análise dos seus traços e das suas características visíveis, tirando partido delas para uma configuração. “Configurar exige também uma diminuição dos elementos legíveis da imagem para a figura. A figura é sempre mais económica que a imagem que a origina...” (Côrte-Real, 2001, p.14)

Segundo Côrte-Real, o desenho que desenvolvermos terá sempre um resultado mais económico que o próprio objecto real, isto porque certas informações perdem-se no caminho em prol da construção da figura com o propósito de comunicarem algo. Desta maneira, os desenhos que visam o controlo formal são produzidos com base numa necessidade comunicativa, defendendo assim, uma figuração e uma forma final do objecto com uma representação clara que não apresente dúvidas perante a leitura e compreensão da mesma. A linha aproximar-nos-á assim da comunicação visual graças às suas características intrínsecas: “...a linha, por mais cortante e virtuosa que seja, pode igualmente transmitir sensações tácteis, dinâmicas e hápticas ou possuir valores de sugestão e de surpresa.” (Paiva, 2004, 189). Da mesma maneira, é ela que estrutura o pensamento e auxilia na expressão de sentimentos. Côrte-Real faz referência ao trabalho

de Miguel Ângelo sobre a linha, referindo que este tirou partido das tramas (sinal-textura) e das linhas de contorno (sinal-contorno) para se exprimir: “Todas as tensões, todo o langor, todo o terror ou paixão poderiam aparecer na doçura ou vigor dos traços quer das tramas quer dos contornos, em conflito ou concordantes, fechados ou abertos.” (Côrte-Real, 2001, 43)

Partilhando da ideia da linha definir a forma, René Huyghe (1998, 88) fala da linha submissa, aquela que se coloca num completo anonimato para permitir a definição da forma. Todavia não nos devemos esquecer que qualquer leitura e interpretação feita no desenho terá sempre por base a análise da linha e consequentemente da circunscrição da forma, pois é pela forma que o desenho se torna apto a entrar no plano de reconhecimento.

Apesar da linha dominar a construção gráfica do desenho, de nada se vale, sem formar figuras capazes de serem percepcionadas no entendimento intelectual e são estas características visuais partilhadas entre a linha, a forma e a figura que definem as funções comunicativas do Desenho.

2.3. Funções comunicativas do Desenho

Ao termos em conta a linha ou sinal, a figura, o plano de representação e outras características do desenho, temos à nossa disposição inúmeras formas de comunicação visual eficaz. O conhecimento não só dos elementos em separado mas também das formas como eles se apresentam em grupo, permite-nos ter um leque de possibilidades para as funções de comunicação. Ao comunicarmos devemos ter em consideração o que realmente pretendemos dizer, por exemplo, se nos interessa descrever ao pormenor uma planta e as características da sua espécie ou simplesmente identificá-la como uma flor em vez de uma árvore, e neste caso recorreremos à função comunicativa que melhor se adequa ao nosso propósito comunicativo: “na comunicação gráfico-desenhativa a qualidade do conteúdo a transmitir (...) determina a escolha dos elementos estruturais que constituem a mensagem...” (Massironi, 2010, 89)

A função comunicativa ilustrativa é definida pela representação sobre os planos longitudinais/horizontais, ou seja depende de um sentido perspectico para reforçar essa realidade visual, recorre em maioria ao sinal-contorno e ao sinal-textura, para representar

os elementos visíveis. Caracterizada por admitir no seu interior elaborados gráficos, define-se por representar objectos, cenas e/ou paisagens, “procurando confrontar e organizar os estímulos perceptivos de modo a produzir no observador aspectos análogos aos provenientes dos objectos, cenas, paisagens do mesmo tipo observados na realidade.” (Massironi, 2010, 45). Os desenhos com função ilustrativa desempenham funções mais próximas da representação da realidade, podendo ser manipuladas de acordo com o que se pretende comunicar. Funcionam como intermediários entre o indivíduo e a realidade física exterior, com a intenção de seduzirem e captarem pela credibilidade que lhes é inerente, dependentes de uma necessidade que obriga a mente do artista a combinar-se com o objecto representado, analisando-o intelectualmente antes de o representar: “A imagem que, mais do que qualquer outra, tende a identificar-se perceptivamente com a coisa que reproduz é a ilustrativa.” (Massironi, 2010, 47)

Em oposição à função comunicativa ilustrativa temos a função operativa: “A figura deixa de ser identificável com a coisa que reproduz” (Massironi, 2010, 49) e passa a resultar de um conjunto de informações e de características, que contribuem, por assimilação e semelhança, para o reconhecimento da figura. Nas suas representações recorre à vista em planos frontais, pois tem como objectivo o reconhecimento das características principais que caracterizam determinado objecto. Dominada pelo sinal-objecto e pelo sinal-contorno, resulta em desenhos com uma necessidade de interpretação e de leitura das imagens superior ao da função ilustrativa.

Associada às representações botânicas e às do Desenho Científico a função taxonómica partilha das intenções representativas do desenho de função ilustrativa. Com preferência sobre o sinal-textura, confere ao desenho importantes informações para a sua leitura e compreensão, como é o caso da textura de uma folha de determinada espécie de árvore, delimitando a figura por meio do sinal-contorno. O fundo é excluído da representação por ser considerado elemento perturbador na leitura da imagem. Exibida sobre um plano frontal, partilha do objectivo da função operativa, isto é, comunicar e explicar ao observador algo.

Dentro das funções que o desenho utiliza para comunicar, existem ainda duas funções: a diagramática e a sinalética.

A função comunicativa diagramática ou Diagramas é responsável pela apresentação da informação de forma clara e simplificada, com o propósito de explicar algo ou de apresentar factores de forma muito clara e concisa. Caracteriza-se pelo uso do plano

frontal, predominam os três tipos de sinais, de acordo com o que se pretende comunicar. Se for a um nível esquemático é mais recorrente o uso do sinal-objecto e do sinal-contorno, se por sua vez for num âmbito descritivo, como por exemplo um mapa, opta-se pelo sinal-contorno, aliado a distinção gráfica produzida pelo sinal-textura.

Relativamente à sinalética apresenta-se sobre o plano frontal de representação, na medida em que os elementos representados produzirão no observador diferentes estados de aproximação e expectativas. O tipo de sinal é normalmente fechado recorrendo ao sinal-textura para produzir formas e figuras e ao sinal-contorno para delimitá-las. O objectivo desta representação é o de “transmitir informações essenciais a um grande número de pessoas (...) a quem não é fornecido nenhum ensinamento para defrontarem a decodificação dessas mensagens.” (Massironi, 2010, 118).

O propósito da mensagem provém das intenções do desenhador, ao qual cabe fazer as escolhas em relação ao tipo de desenho e ao tipo de elementos a usar perante a comunicação: “O fim comunicativo-informativo que preside às intenções do emissor de uma mensagem gráfica contribui para determinar as escolhas estruturais dos meios do desenho.” (Massironi, 2010, 89).

3. Do processo racional para o Desenho.

O processo mental e de reconhecimento realizado pelo observador coloca-se entre o objecto e a representação e permite que por meio do desenho, sejam adicionados dados que alterem a sua percepção do objecto enquanto elemento representativo, gerando formas com significado. Segundo Massironi (2010, 69) qualquer representação que seja fiel à realidade contém em si uma interpretação, logo resulta como uma tentativa para explicar a própria realidade. Esta tentativa ocorre por haver uma compreensão por parte do desenhador em relação ao objecto, que será aproveitada em prol da eficácia comunicativa. A representação por resultar de dados perceptivos e cognitivos conterà em si, detalhes do processo mental do desenhador.

Ao desenharmos fazemos escolhas para que a representação comunique algo. Interessados pelas características que possamos associar à mensagem, procuramos evidenciar as que melhor se adequam à comunicação, e neste caso serão sempre as visíveis, descurando as restantes. Condicionamos e impomos de acordo com a

informação e com o tipo de mensagem que pretendemos comunicar e mantemos o processo de representação dependente do desenhador: “o desenhador só escolhe e só comunica algumas [possibilidades] no seu trabalho” (Massironi, 2010, 70).

De acordo com Francisco Paiva, mesmo que as características comunicativas tenham sempre o seu começo e fim na razão, não devemos ignorar que todo o processo de comunicação resulta “da interação dos materiais e comporta irreduzíveis autonomismos psíquicos, tensões e emoções de várias intensidades.” (Paiva, 2004, 18)

Sendo assim, o desenho resulta mais num processo mental combinando a razão e a emoção do desenhador com o propósito de produzir desenhos cuja mensagem está manipulada para o entendimento que se quer transmitir.

4. A verbalização como apoio ao Desenho

As ideias desenvolvem-se com os desenhos e nos desenhos, amiúde acompanhados com palavras.

Francisco Paiva, 2004, 108

“Se, mostrando uma ilustração a uma pessoa lhe perguntarmos: o que é isto?, a resposta será: «é um cavalo» ou «um homem» e não «Isto é um desenho» ou «a fotografia» ou «a pintura» de um cavalo ou de um homem respectivamente.” (Massironi, 2010, 72). Esta associação verbal só é possível quando estão presentes as características fundamentais para definir por associação o objecto representado ao real, como um «cavalo» ou um «homem». Assim e de acordo com Molina, a verbalização do desenho não é só uma questão visual e associativa com a representação, mas também, com toda a gramática e linguagem do desenho, o que torna possível não só defini-lo, como também definir o tipo de representação.

A leitura que fazemos dos desenhos é ambígua, gerando por vezes conflitos com o que vemos e com aquilo que intelectualizamos. É nestes casos, que dependemos da verbalização para assegurar aquilo que estamos a ver como sendo verdadeiro, garantindo que a nossa interpretação não contém erros de leitura e de entendimento. Tomemos este exemplo dado por Massironi (2010, 109): “Mesmo com uma fotografia de um homem com um cão, se virmos escrito por baixo «homem com cão», sentimo-nos muito mais

tranquilos e seguros de ter visto o que devíamos ver, do que se não tivesse nada escrito.” A existência daquele conjunto de palavras elimina no nosso pensamento quaisquer outras possibilidades de significado, mesmo que nos tentem indicar o contrário, estaremos muito mais seguros de que aquela imagem, não se refere a nada mais do que o que as palavras indicam. Da mesma forma a verbalização pode incorrer no sentido contrário, ou seja pode alterar a percepção que fazemos do desenho e iludir-nos ou clarificar-nos perante algo que acreditamos estar a ver como correcto: “Evidentemente, en este caso tan sencillo podemos provocar distintas interpretaciones (...), pero quizá fuera aún más eficaz imponer una de esas interpretaciones...” (Gombrich, 1993, 35)

“El proceso de formación del language muestra cómo el caos delas impresiones inmediatas se aclara y ordena para nosotros sólo cuando lo «nombramos» y penetramos com la función del pensamiento y de la expresión lingüística.” (Molina, 2005, 15)

Molina demonstra a função da linguagem a favor da expressão visual, e por sua vez do Desenho. As palavras delimitam qualquer ideia errada que a representação nos possa transmitir e “aclaram-na”, dando-lhe um sentido e um significado. O processo da formação da linguagem revela o funcionamento do pensamento e de toda a expressão linguística em torno da representação visual. A linguagem converte-se num instrumento fundamental, em virtude da qual progredimos de um mundo de sensações para um mundo onde a intuição é dominada pela representação. Apoiado na linguagem e nas palavras, o Desenho não só representa o visível, como torna o invisível, visível, desempenhando um papel de intermediário entre os conceitos, as emoções e as coisas representadas, tornando-se o catalisador para a modificação das ações mentais em conceitos visuais. (Molina, 2005, 16)

A verbalização resulta em conceitos, se dizemos «braço» referimo-nos ao conceito de «um membro do corpo humano» e isso delimitará a nossa percepção. Alargar essa percepção, referindo «membro do corpo humano», geraria uma panóplia de opções aquando da realização de um desenho. Por sua vez, se nos disserem para representarmos um «braço», todos os traços gráficos estarão delimitados àquela forma. No entanto, ao desenharmos um braço, o entendimento é imediato sem necessidade da palavra: “...onde a escrita encontra obstáculos de exaustividade, entra o desenho ou a ilustração...” (Massironi, 2010, 25)

A denominação das partes representativas enquanto desenhamos, não só delimita e ajuda à construção da ideia no plano intelectual como também auxilia na sua definição:

“El dibujante debe discriminar, no sólo el artificio desde el que anota los nombres de la idea que determina la cosa, sino también aquél que es el adecuado para el momento em que se encuentra, com respecto al grado de definición de la idea.” (Molina, 2005, 93). Verbalizar ajuda não só a mente a processar a informação visual como também a comunicá-la. Quando idealizamos alguma coisa, essas ideias jamais ocorrem no pensamento sob a forma de palavra, mas sim sob a forma de imagens, contudo essas imagens estão fora do alcance externo, e só se tornam alcançáveis, quando por meio de verbalização as tornamos «físicas» no reconhecimento.

Da mesma maneira que a verbalização apoia e delimita a acção do desenho, também ela é limitada pelas palavras e pelos códigos linguísticos. Por sua vez o Desenho, mesmo limitado, consegue ultrapassar as barreiras linguísticas e ter um entendimento mais alargado. Dito isto, Côte-Real faz referência a uma citação de Scamozzi onde refere que: “De modo que pelo desenho se exprime muito facilmente tudo aquilo que não pode fazer a multiplicidade das palavras expressas, ou descritas em papel...”,⁵ afirmando a universalidade do Desenho como um processo versátil por onde se podem evocar as formas e as ideias, cujo reconhecimento vai além da língua em si.

Compreendemos que a linguagem é universalmente reconhecida como “o sistema comunicativo próprio do homem” (Massironi, 2010, 125) mas é também uma demonstração da evolução e do dinamismo das faculdades intelectuais. Dessa maneira o Desenho deve apoiar as suas características e a sua versatilidade na linguagem como forma de sucesso na sua estruturação mental, dependendo delas para ser eficaz a nível do reconhecimento e a nível da comunicação visual.

5. O Desenho e o Reconhecimento Visual

Esse «esboço» generalizado desde el que el dibujante há ido a la búsqueda de la idea, há ido acotando procedimientos y técnicas que de alguna manera há determinando soluciones reconocibles en donde se resuelven las ideas del dibujo.

Juan J.G. Molina, 2005, 153

⁵ SCAMOZZI, Vincenzo, *L'Idea dell'Architettura Universale di Vincenzo Scamozzi Architetto*, 1615. Citado por CÔTE-REAL, p.54

Sabemos que a associação das palavras às representações gráficas permitem uma comunicação fácil e simples, auxiliando no reconhecimento de determinada mensagem. Tomemos como exemplo a representação de um traço horizontal ondulado, a partir do momento em que o denominarmos «mar» devido à sua semelhança com a ondulação marítima, ganha o reconhecimento por associação com o termo, a partir desse momento, sempre que virmos representado um traço ondulado, lembrar-nos-emos de associá-lo ao conceito «mar»: “El automatismo con el que un estudiante recurre a ciertos procedimientos o técnicas para hacer un «apunte» o un «estudio» de figura podrá ser ignorado por él, pero una vez realizado, él y los otros podrán reconocer con facilidad la geneologia de trazos que le dieron origen.” (Molina, 2005, 153)

Com base no reconhecimento feito a partir de associações, quer com auxílio das palavras, ou simplesmente por se assemelhar com um objecto representado, interessamos perceber de que maneira o desenho tira partido dessas características para comunicar. A funcionalidade do desenho na comunicação sobrepõem-se à das palavras, pois as palavras só são utilizáveis se tiverem o mesmo significado para cada um dos interlocutores, isto é, se designarem o mesmo objecto e o mesmo conceito (Huyghe, 1998, 87). Por outro lado, o reconhecimento das imagens permite uma comunicação mais alargada, pois o código que partilha é mais amplo tal como o seu entendimento.

“Quando este objecto possível, e por isso existente em qualquer forma, se torna desenho, representação gráfica, é representado de um modo e de uma forma ditados por uma intenção comunicativa que embora aproximativamente expressa, é sempre reconhecível, mesmo que não completamente recuperável.” (Massironi, 2010, 87)

O propósito de representarmos um objecto é que ele seja reconhecido como tal. O facto de o reconhecermos dita a forma como o iremos interpretar, pois a acção de reconhecimento exige que haja uma aproximação forte entre a representação e o observador.

Todos os elementos constitutivos do processo de desenho fazem parte do plano de reconhecimento como é o caso do plano de representação onde esboçamos a nossa ideia. De acordo com Massironi, o observador colocar-se-á na posição dos traços representados e por sua vez relacionar-se-á com o plano de representação o que lhe conferirá uma diferente aproximação e expectativa da relação com objecto, por exemplo, a representação em perspectiva de determinado edifício é mais identificativa que a

representação frontal, pois cede ao desenho informações importantes que de outra maneira passariam despercebidas.

O desenho de um objecto não se limita a ser apenas a representação dele mesmo, é também a forma e de como o desenhador explica e interpreta o que vê, pois este funciona como emissor de uma mensagem gráfica que se encontra condicionado pelo código e pela qualidade informativa do que quer comunicar. “A representação gráfica transmite, sempre e simultaneamente, tanto os traços figurativos do objecto, como a chave interpretativa” (Massironi, 2010, 92) ou seja todo o desenho contém em si mesmo a chave para o reconhecimento visual e para a decodificação da própria mensagem. De acordo com Paiva (2004, 171), as ferramentas do desenho ao conterem em si mesmo informação de decodificação baseada na comunicação da ideia e da componente projectual da produção artística permitirá ao desenho ser afirmado como processo unificador da acção de reconhecimento. É então evidente que o desenho funciona como um instrumento de clarificação e explicação (mais do que representação) pelo facto de se reconhecerem com maior facilidade os elementos que compõem a mensagem, bem como a própria mensagem.

Ao existir um protocolo para o reconhecimento visual, estamos a criar um código de leitura, partilhado entre o desenho e o observador, que vai facilitar a leitura e a compreensão do desenho: “O protocolo do reconhecimento visual facilita a comunicação de ideias formais inequívocas” (Côrte-Real, 2001, 18). Desta forma, o sucesso da comunicação ficará garantido, pois existe uma familiaridade entre o objecto representado e a interpretação do observador.

PARTE II – A COMUNICAÇÃO VISUAL E AS IMAGENS

1. Compreender a Imagem

Estamos cercados de informação visual, para onde quer que olhemos somos confrontados com imagens. Como seres maioritariamente visuais é-nos quase impossível ignorar a enorme quantidade de informação que nos chega. Ao sermos confrontados com esta panóplia de imagens ao nosso redor temos a necessidade de as compreender, a leitura que fazemos delas é quase instantânea, sem muitas vezes reflectirmos sobre o que percebemos num primeiro instante. Contudo as imagens e a mensagem que elas carregam contêm em si muito mais do que o que captamos num primeiro instante, o seu conhecimento e estudo permite compreendê-las e evitar enganos e erradas interpretações.

Normalmente falamos de Imagens mesmo sem termos o conhecimento do que elas são. Olhamos para elas e entendemos de forma quase imediata o seu conceito. A capacidade de distinguirmos uma imagem de um texto é um processo que o ser humano faz de forma quase instantânea. A compreensão do conceito de Imagem e de todos os processos adjacentes da comunicação é algo que além de facilitar a sua leitura, nos permite escolher os melhores meios de comunicação, tornando a mensagem visual mais eficaz e fácil de interpretar.

Num sentido etimológico a palavra ‘Imagem’ deriva do latim *Imago*, referente à máscara mortuária levada nos funerais da antiguidade romana, designando assim uma representação visual de determinado objecto ou ser. Todavia, o conceito de imagem evoluiu e mudou-se de acordo com os estudos e as diferentes interpretações que foram feitas ao longo dos tempos. “la palabra imagen se utiliza la mayor parte de las veces para nombrar las representaciones de las cosas.” (Molina, 2005, 321)

No século V a.c., Platão realizou uma interessante teoria sobre o conceito de imagem, associando-a ao termo *eidea*, como algo que representa fielmente os corpos e os objetos. Para ele, as imagens seriam o produto visível dos objetos, as formas visuais adjacentes do mesmo, afirmando que as imagens resultavam de sombras, reflexos na água ou à superfície dos corpos opacos, polidos e brilhantes e ainda de outras representações do mesmo género. (Joly, 2008, 13)

Aristóteles contrapôs essa ideia e afirmou que as Imagens seriam o resultado obtido pela aquisição dos sentidos produzindo assim uma representação mental de um objecto real.

Com efeito, e de acordo com Joly (2008, 19), no domínio da Arte e do Desenho a imagem está ligada essencialmente à representação visual, contudo não podemos descurar a produção mental realizada aquando da criação de uma nova imagem. Partindo deste pressuposto a imagem pode ser vista não só como algo representativo, mas também, como algo semelhante a determinado corpo. Sendo assim, não só é importante a representação visual do objecto mas também toda a associação feita pelo mesmo com outro semelhante.

Tomemos por base a seguinte citação retirada da Bíblia em que podemos entender o conceito de imagem enquanto semelhança: “Então Deus disse: «Façamos o homem à nossa imagem e semelhança.»”⁶

Neste caso entendemos que o conceito de imagem não se refere apenas à representação do real, mas sim, ao conceito de semelhança ou seja, o indivíduo partilha com a realidade características que estão presentes em ambos, sem serem representadas com exactidão, apenas permanecem em conceito por parecença. Homem e Deus são “imagens” separadas com o qual se estabelecem pontos de ligação e comparação entre os seus elementos comuns.

A imagem pode também resultar de outros processos mais simplistas, no Período Paleolítico, as paredes das cavernas estavam cobertas com registos pictóricos, considerados imagem “na medida que imitam esquematizando visualmente as pessoas e os objetos do mundo real”. (Joly, 2008, p.18). Apercebemo-nos da amplitude do conceito de Imagem, que vai além, da representação fiel e por semelhança do objecto, partindo também para a construção por associação com o objecto a representar.

Vemos então a imagem como um dos primeiros meios de comunicação e registo, (parcialmente) independente da escrita e da oralidade para comunicar, sendo considerada por certos autores uma nova linguagem e ponto de partida para várias linguagens pictóricas.

⁶ Citação retirada de: A Bíblia Sagrada; 1.ª ed.. Lisboa: Paulus, 1993, Génesis 1:26

O estudo da imagem implica a figuração de algo, quer seja por semelhança ou por associação, no entanto, a imagem também tem a sua origem num plano intelectual: a Imagem Mental e o Esquema Mental.

A Imagem Mental é a imagem produzida na mente com recurso a informações adquiridas, externamente, isto é pela apreensão de novos dados por meio da leitura ou da audição de informação descrita. Joly afirma que este tipo de imagem dá-nos a “impressão de o ver quase como se lá estivéssemos”, pois parece que pede “emprestadas as suas características à visão.” Por outro lado, a imagem produzida em Esquema Mental resulta no reconhecimento de formas e no colidir de traços visuais adquiridos previamente como forma de reconhecer um desenho ou qualquer outra forma visual. É esta capacidade que nos permite decifrar, por exemplo, um corpo, mesmo desconstruído, no meio de um emaranhado de linhas como acontece com os desenhos morfológicos (fig.1), cuja desconstrução do corpo dificulta o seu imediato reconhecimento, e da mesma maneira “é o que se passa com quatro traços para os membros, como nos desenhos de comunicação primitivos.” (Joly, 2008, 20)

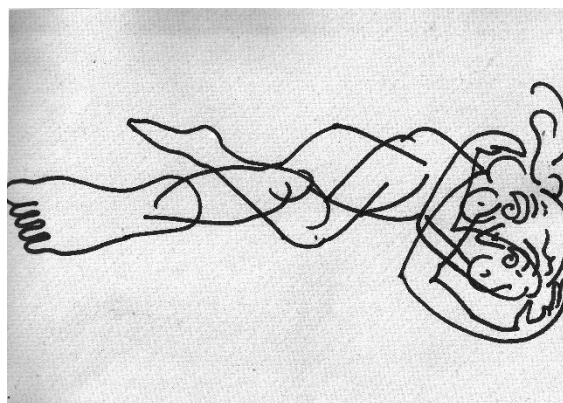


Fig.1 Estudo de figura humana, Desenho Morfológico, desenho de autor, 2013

A interpretação que se faz da imagem relaciona-se diretamente com o emissor e posteriormente com o recetor. “A imagem passa por alguém, que a produz ou reconhece.” (Joly, 2008,13), logo a importância de criar uma imagem parte da necessidade de comunicar, caso contrário a imagem produzida seria desprovida de conteúdo e informação.

2. A imagem ao serviço da comunicação visual

René Huyghe (1998) explica como a imagem está presente e entranhada no nosso quotidiano e como ela se força perante o nosso pensamento e a nossa visão a ser aceite. Fala de uma imagem capaz de dominar o Homem, a imagem publicitária, no entanto relembra que as imagens não são só publicitárias, e elucida-nos sobre a imagem na arte, aquela que por sua vez pressiona o Homem para o reconhecimento, a observação com o objectivo de a desvendar e de a compreender, afirmando uma imagem que nos desperta a consciência para ser apreciada e julgada.

Estamos tão cercados de informação visual que já nem nos questionamos sobre a verdade e a realidade das imagens. A facilidade com que as manipulamos de acordo com o que pretendemos comunicar é igualmente comparável à facilidade com que elas nos manipulam.

“As imagens assumem uma função substitutiva dos objectos de que se fala e apresentam-se como emblemáticas, típicas e exemplares, porque os traços constitutivos e diferenciadores releváveis visivamente são apresentados segundo múltiplos pontos de vista simultâneos” (Massironi, 2010, 65)

A característica sedutora e ludibriante da imagem leva-nos ao engano, somos confrontados com representações tão realistas que quase afirmamos que sejam o objecto real, contudo, a imagem é apenas uma ilusão da realidade, uma forma de nos manipular enquanto observadores, perante a vontade do emissor.

Conhecer como funciona a comunicação visual é conhecer como comunicam as imagens. Sabemos de antemão que a imagem é produzida por nós, graças ao reconhecimento. Ao termos uma ideia produzimos imediatamente uma imagem mental, todavia, a existência de uma imagem no plano real, pode produzir em nós uma ideia, ou seja, o mesmo processo pode ocorrer no sentido inverso: “revestimos uma ideia com uma imagem ou uma imagem com ideias.” (Paiva, 2004, 197). Seja como for, a produção e o reconhecimento das imagens é um ciclo, cujo primeiro elemento será também o último.

De acordo com John Morgan (1986, 3), a comunicação processa-se porque o emissor escolhe a mensagem e calcula a melhor forma de a transmitir, fazendo-a chegar a uma

predestinada audiência. Nesta citação apercebemo-nos das partes que constituem a mensagem: emissor, mensagem, canal, receptor.

Perante a leitura de uma imagem devemos ter em consideração o papel do emissor e do receptor no momento certo. Compreender a função que cada um desempenha nessa leitura é clarificar e (des)codificar a mensagem: “...o emissor carrega a forma apresentada de significado e intenções comunicativas e que mantêm constante o nível de conteúdo do objecto mensagem, o receptor, por sua vez, preenche com conteúdos os vazios que o processo de leitura lhe fez necessariamente descurar.” (Massironi, 2010, 88). O emissor será sempre responsável pela produção e codificação da mensagem, se tal produção não for clara, a mensagem também não o será, e quando o receptor a receber apenas lhe parecerá mais confusa: “as the sender struggles to find a way of encoding the message, the receiver must focus attention on it, interpret it, and if necessary seek clarification” (Morgan, 1986, 7).

Citando Morgan (1986, 8):

“You are trying to decode my message in order to infer the state of mind which produce it. In showing you my drawing, I am trying to produce in you a particular effect, which may or may not be the same as my state of mind in making the drawing.”

Sabemos então que perante a nossa intenção de comunicar, aquilo que «dizemos» pode não ser o que realmente pensamos inicialmente, porque as nossas emoções e as nossas experiências podem não fazer parte da mensagem. A mensagem é algo que deve ser comunicado e interpretado de forma objectiva, é por isso que um desenho será interpretado primariamente pelo que representa e só depois, se houver indícios, é que será interpretado de acordo com o estado mental e emocional do desenhador.

Temos explicado o processo de comunicação do emissor para o receptor de forma separada, um com o papel de codificar a mensagem o outro com o objectivo de a decodificar. No entanto não podemos esquecer que tal processo só é possível quando ambas as partes partilham do mesmo código. A mensagem é interpretada de acordo com a experiência de cada um, Morgan dá-nos o exemplo da imagem de um «camelo», para um beduíno será visto como um meio de transporte, mas para uma criança será mais uma diversão de quando foi ao zoológico: “Each person will interpret a picture of a camel in terms of their own experience and may incorrectly assume that the picture means the same to others. We are easily misled into thinking that our share of language implies a share pool of experiences.” (1986, 8). Para facilitar esta interpretação não só as partes

devem estar familiarizadas com a mensagem como também tem de partilhar o mesmo canal de comunicação.

Por vezes a mensagem encontra nos canais de comunicação obstáculos que dificultam a sua leitura. Tomemos como exemplo o sinal «proibido fumar» colocado numa sala, o emissor será aquele que tirará partido da imagem para comunicar uma intenção. Terá ao seu dispor o sinal que usará para o converter na mensagem. O canal será a forma de transmiti-la, tendo à sua disposição todo o espaço envolvente, chegando ao receptor, a pessoa a quem a mensagem se dirige, por meio da percepção. O emissor será quem inicialmente colocou a imagem na sala, informando todos da sua intenção, «Proibido fumar nesta sala!». Até aqui tudo bem porque a mensagem é clara e não sofre influências externas que alterem a sua percepção. Suponhamos que o sinal se encontraria num espaço exterior, a leitura do receptor estaria condicionada pela sua percepção do espaço, como por exemplo, se o sinal estivesse afixado numa árvore poderia querer dizer que seria proibido fumar ao pé daquela árvore, ou simplesmente naquela área toda (se fosse um parque), contudo sem ter as fronteiras correctamente delimitadas seria complicado para o receptor identificar essa área. Todos estes factores que dificultam a percepção da mensagem e a alteram, não indo ao encontro da produção inicial, resultam em «ruído» para a leitura e uma maneira de combater esse ruído é criar uma redundância na produção da mensagem que se sobreponha, com o objectivo de clarificar a comunicação, como por exemplo a repetição do sinal «proibido fumar» de forma consecutiva numa área aberta.

Conhecendo as partes que constituem e determinam a eficácia de uma mensagem visual, a sua produção da mensagem torna-se mais fácil. Massironi faz uma proposta para a elaboração da imagem como mensagem visual:

“...em qualquer imagem são evidenciados alguns traços, elementos ou características, de maneira a resultarem bem legíveis, enquanto outros, pelo contrário, são completamente descurados, voluntariamente ignorados, omitidos, como se não existissem.” (2010, 70)

Quando lemos e interpretamos uma mensagem, fazemo-lo com base nos elementos visíveis e nos elementos omitidos. A nossa interpretação da mensagem é de tal maneira instantânea que por vezes conseguimos compreendê-la com o mínimo de elementos possíveis. Quando tentamos referir os elementos que nos indicaram para a mensagem, referimos com alguma facilidade os elementos visíveis, os traços, determinado objecto representado, contudo o mesmo não acontece quando tentamos enumerar os elementos

excluídos, mesmo que tenhamos a noção de que eles existem e de que eles nos apoiaram na leitura e interpretação da imagem: “É interessante notar como, observando atentamente uma imagem gráfica, dela ressalta com uma certa facilidade o que nela está realçado (...) enquanto é mais difícil enumerar um certo número de elementos omitidos, mesmo que habitualmente estes últimos sejam em número maior.” (Massironi, 2010, 70). Não conseguimos enumerar os elementos excluídos porque enquanto receptores a imagem torna-se a realidade da mensagem, sem nunca conhecermos outra, por isso mesmo que tenhamos a noção desses elementos, será porque a nossa percepção conseguiu preencher os espaços em branco cumprindo assim o objectivo da comunicação pela imagem: “... a imagem, para o receptor, é sempre uma realidade” (Massironi, 2010, 110).

2.1. A imagem como uma linguagem

Estamos numa era onde se afirma que a imagem se sobrepõe à palavra e segundo Gombrich (1993, 130) devemos clarificar o conceito e a importância da imagem na comunicação e perguntar-nos o que é que ela pode fazer de melhor ou pior em relação à linguagem escrita ou falada. Graças às capacidades da imagem não só temos a possibilidade de ver e compreendê-la, mesmo que estejamos fora da nossa zona de conforto, como o seu entendimento está limitado às questões do reconhecimento, que por sua vez são mais amplas que as da linguagem escrita ou falada.

Para tudo o que vemos e que reconhecemos necessitamos de um código de decifração da imagem. A capacidade de compreender esse código permitirá alterar a nossa percepção em relação a ela e ao decodificarmos o código estaremos mais perto de compreender o conteúdo da imagem, isto é a mensagem: “cuanto más fácil es separar el código del contenido, más podemos basearnos en la imagen para comunicar un tipo particular de información.” (Gombrich, 1993, 135). Tal como acontece nas outras linguagens a presença de um código faz parte da leitura e do entendimento, sem ele a formação da linguagem não seria possível da mesma maneira que a produção de uma mensagem também não, pois o emissor necessita de criar um código compartilhado com o receptor.

Ao definirmos a imagem como uma linguagem, estamos a assumi-la como uma forma de comunicação, porém, para tirarmos proveito dela nesse sentido necessitamos de fazer

uma análise à própria leitura que fazemos das imagens. Segundo Joly (2008, 52) a imagem desempenha uma função pedagógica na sua relação connosco, e nós devemos corresponder-nos com ela assumindo uma função de procura e verificação em prol do bom funcionamento da mensagem visual. Assim não só tratamos a imagem como uma linguagem ao nosso serviço para comunicarmos, usamo-la de forma útil, aproveitando as suas características intrínsecas que a tornam uma forma de comunicar tão particular. Ao considerar a imagem uma linguagem consideramo-la também um instrumento de intercessão entre o homem e o mundo e um instrumento de conhecimento, por partilhar informações visuais sobre o mundo que nos rodeia. (Joly, 2008, 67)

A imagem resulta de uma produção consciente e inconsciente do ser humano, e tal como acontece com a linguagem necessita de ser ensinada. Gombrich propõe uma forma ordenada de como podemos ler uma imagem. Ao depararmo-nos com ela, pois a imagem chama-nos à atenção e orienta a nossa visão para a observarmos na sua totalidade, o que nos leva a ficar perplexos perante ela vemo-nos forçados a fixá-la e a questionarmo-nos sobre o que representa. (Gombrich, 1993, 271). Depois apercebemo-nos do que lá pode estar representado, desde os conceitos aos conteúdos. Sabemos então que o nosso entendimento da imagem está feito, descodificamo-la de forma quase instantânea. Isto acontece porque as diferentes classes de informação visual só funcionam na totalidade quando estamos familiarizados com elas e com o seu código. Uma pessoa que não saiba ler um mapa não conseguirá tirar dele a informação que precisa: “reconocer una imagen es ciertamente un proceso complejo que pone en juego muchas facultades humanas tanto innatas como adquiridas.” (Gombrich, 1993, 269)

Esta explicação de como ler uma imagem elucida-nos mais sobre a questão de considerarmos a imagem como uma linguagem. Esta ao ser figurativa permite uma “rapidez da percepção visual, assim como a simultaneidade aparente do reconhecimento do seu conteúdo e da sua interpretação.” (Joly, 2008, 46) Esta rapidez da percepção e da nossa capacidade de reconhecermos as imagens prende-se com o facto de o Homem aproveitar-se da imagem para comunicar e de já o fazer há muito tempo.

De acordo com Gombrich (1993, 261) interpretamos as imagens porque as reconhecemos como imitação da realidade, e o facto de serem reconhecidas e de representarem coisas ou criaturas garante-nos apenas que as imagens são signos naturais da linguagem.

2.2. A Imagem como Signo

Se a imagem é entendida como representação, tal significa que a imagem é entendida como Signo.

Martine Joly, 2008, 43

Até agora, não só consideramos a imagem como uma forma de comunicação útil como também a consideramos como uma linguagem. Porém a imagem será sempre vista como a representação de algum objecto ou conceito contido no plano real.

Dizermos e comprovarmos a imagem como um signo não chega, devemos compreender em que consiste esta afirmação. Tomemos como exemplo a fotografia de um gato, mesmo que esteja retratada uma espécie específica, ao lermos a fotografia, não vamos identificar esses detalhes, vamos ao geral, afirmando que o que vemos é um gato, generalizando. Essa questão de generalizar a imagem é que lhe confere o sentido signico. Segundo Joly (2005, 132): “A imagem (...) só é legível se reconhecermos os objectos, e reconhecer é arrumar numa classe...”. Esta citação só enfatiza o facto de vermos o gato como um conceito e não como a figura particular, definindo também que a imagem, além de poder ser considerada um signo é composta por eles: “a «imagem pura» funciona verdadeiramente como signo ou, mais exactamente, como conjunto de signos.” (Joly, 2008, 85)

A questão da formação de conceitos por meio das imagens, evocando os signos tem por base o contexto em que inserimos a imagem. Retomando o exemplo anterior, se nos referimos à fotografia do gato como o animal representado, estamos a criar um contexto mais amplo do que se nos referíssemos à espécie do gato. O mesmo acontece com o signo, o seu conceito será algo mais amplo do que a imagem que o gerou.

Mesmo assumindo a imagem como um signo devemos perceber o papel do signo na comunicação, ao reconhecermos a sua utilidade, reconheceremos na imagem funções que à partida nos passavam despercebidas.

3. Compreender os Signos e os Pictogramas

3.1. Semiótica

Perceber em que consistem os signos e os símbolos é perceber a ciência que os estuda, a Semiótica, não só para auxiliar o entendimento destes conceitos mas também porque apoia na interpretação que fazemos deles.

Compreendemos a Semiótica como a filosofia da linguagem e em paralelo estudamos a Semiologia como o estudo das linguagens específicas (imagem, gesto, teatro, etc). Formadas a partir da palavra grega *semeion*, que significa «signo», a Semiótica define-se por ser a “Disciplina que estuda as possíveis variedades dos signos.” (Eco, 1973, 15)

Historicamente, o conceito de «signo» identificava-se como sendo um sintoma de uma doença, por isso é que ainda hoje em dia, quando se fala em signos, fala-se também em sinais e indícios: “Mas os Antigos não consideravam como signo apenas os sintomas médicos. Consideravam também a linguagem como uma categoria de signos, ou de símbolos, que serviam para os homens comunicarem entre si.” (Joly, 2008, 32)

Compreender como se comunica por signos é compreender as partes que constituem essa comunicação. Inúmeros autores dedicaram-se ao estudo das unidades constitutivas da língua, estudando os sons e os fonemas desprovidos de sentido e posteriormente os signos linguísticos, contendo já em si significados e sentido. Apercebemo-nos então que esta comunicação pode ser composta por duas partes indissociáveis, unindo um significante (os sons) a um significado (contexto), produzindo assim um signo, ou de acordo com Peirce, um *representamen*.

3.2. Signo

Um signo ou representamen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém

Charles S. Peirce, 2000, p.46

Sabemos que a definição de signo é usada para denotar um objecto perceptível, quer seja imaginário quer tenha produção na realidade, com o propósito de o representar ou simplesmente de se referir a ele.

Umberto Eco, no seu livro *O Signo*, apresenta um conjunto de definições para o termo signo que não só nos ajudar a compreendê-lo melhor como a perceber também algumas das suas características comunicativas. Signo, do latim *Signum*, é referido como um “sintoma, indício, sinal manifesto a partir dos quais se podem tirar deduções e similares a respeito de qualquer coisa latente”. Referente a qualquer marca ou sinal deixado numa superfície, resulta de um gesto com o propósito de comunicar ou expressar as nossas intenções ou ideias. Um signo tanto pode ser uma expressão gráfica, desde o ponto à linha, como um processo visual apoiado em questões intelectuais.

“O signo é usado para transmitir uma informação para alguém, alguma coisa que um outro conhece e quer que o outro também conheça.” (Eco, 1977, 25)

Sabemos então que os signos são frequentemente utilizados na comunicação, aliás, encontramos-os frequentemente no nosso dia-a-dia, mesmo que por vezes não reparemos neles. Os signos, além de serem elementos num processo de comunicação são entidades num processo de significação, isto é contem em si mesmo a mensagem a transmitir, daí Peirce considera-los como o *representamen* da mensagem visual.

A leitura que fazemos de um signo não se baseia apenas no seu significado. Peirce (2000, p.51) apresenta uma teoria, considerando os signos conforme tricotomias avaliando de acordo com as relações que estabelece: Em primeiro lugar, “o signo em si mesmo”, quando é apenas uma qualidade representada; em segundo lugar, “relação do signo com o seu objecto”, referente a uma relação entre as características do objecto e a sua relação com o conceito (interpretante), o signo gera conceito; em terceiro lugar, “seu interpretante a representa-lo como um signo”, ou seja é o conceito que gera o signo. Com base nesta teoria ficamos a saber que um signo é qualquer coisa que substitui algo dependendo de uma relação com esse algo, assim sendo um signo é em primeiro lugar o que ele faz e o que ele faz é a sua significação.

3.3. Símbolo

Quando falamos em signos falamos também noutras classes signicas e por vezes os termos podem combinar-se e confundir-se entre si. Saber distinguir um signo de um símbolo, um signo de um ícone ou um signo de um pictograma, garante-nos acesso a outras formas de comunicação. Certamente que para o propósito deste trabalho interessa-nos a associação dos signos com os pictogramas e com os ícones, em prol da

construção de uma mensagem visual com o propósito pictórico, no entanto, deveremos ter as definições dos termos em consideração de forma a evitar confusões de leitura.

Numa breve definição, explicamos o símbolo como um signo que implica mais do que um significado óbvio e intencionado, com origem no subconsciente. (Morgan, 1986, 99). Apesar de não ser um signo no seu sentido mais puro, faz parte da classe, e é graças aos símbolos que reforçamos a comunicação visual. O conhecimento do significado dos símbolos soluciona questões formais, pois são elementos visuais cujo significado está entranhado na nossa percepção e história, como por exemplo o símbolo da cruz como uma representação cristã.

3.4. Ícone

Estamos familiarizados com o conceito de ícone associado à iconoclastia bizantina, pois há uma associação com o termo ícone a elementos emblemáticos e que ganham com isso significado, contudo o princípio do ícone vai mais além, bem como a sua definição. Peirce (2000) define o ícone como um signo que se refere ao objecto que denota apenas em virtude das suas características, independentemente de existir ou não, e indo de encontro ao termo iconoclasta, defende também o ícone como um signo cujo objectivo não é o de representar mas de suscitar intelectualmente no observador uma resposta significativa.

Eco apresenta uma definição mais clara para o termo ícone: “um ícone não é um signo que se assemelha ao próprio objecto porque o reproduz, mas é antes um signo baseado em modalidades particulares de produção (ostensão, uso de parte do objecto, translação ou projecção, etc) de uma impressão perceptiva que, muitas vezes através do recurso a outras experiências (tácteis, auditivas, etc.), por complexos processos sinestésicos, é considerada como «similar» à experimentada na presença de um dado objecto.” (Eco, 1977, 76). Com esta explicação a definição de ícone torna-se mais clara no nosso entendimento, de forma que podemos pensar nele como uma imagem mental, como afirma Peirce. Este princípio baseia-se no facto de qualquer actividade intelectual suscitada por uma imagem ou por conceitos que produza em nós signos reconhecíveis funciona como um modo de comunicar uma ideia.

3.5. Pictogramas

Quando pensamos em pictogramas o nosso pensamento leva-nos a todos os signos e sinais que vemos no dia-a-dia, com funções informativas, desde as figuras representando Homem e Mulher na porta das casas-de-banho públicas, até a representação de veículos e autocarros, como forma de indicar sinais de trânsito.

Enric Jardí (2014, 25) numa das suas soluções gráficas a problemas de comunicação dá uma definição para pictograma, que enquadra perfeitamente na definição deste trabalho: “Los pictogramas son representaciones pictóricas de carácter informativo que generalmente forman parte de sistemas más amplios que mantienen un mismo estilo gráfico.” De facto, o conceito de pictograma relaciona-se com esse carácter informativo, isto é, há uma mensagem cuja necessidade de a comunicarmos depende do maior número possível de indivíduos a compreenderem-na e para tal é necessário haver uma economia de traços que facilite a percepção e o reconhecimento. Os pictogramas garantem uma comunicação universal, transpondo barreiras que por vezes a linguagem não consegue transpôr.

Perante a construção de um pictograma devemos ter em consideração certos factores, com o propósito de captarem a atenção. Segundo Abdullah (2006, 23) os pictogramas ou devem fazer as pessoas pensar ou devem captar pela estranheza e diversão. Interessamos, então, perceber de que forma é que podemos tirar partido deles na comunicação visual, e esse assunto terá destaque aquando da avaliação do trabalho prático desenvolvido de acordo com este tema.

4. História dos Signos e Pictogramas

The images drawn by primitive people developed over hundreds of years into sign systems, reaching their apogee in the modern-day pictogram

Rayan Abdullah, 2006, 22

Temos conhecimento que o papel do desenho e das representações visuais há muito que fazem parte da comunicação do Homem. Desenhos pictóricos eram utilizados como forma de descrição, sob forma de elementos esquemáticos simplificados, representando

coisas visíveis e reais, constituindo aquilo que consideramos os “pré- anunciadores da escrita” (Joly, 2008, 18) e as primeiras formas de comunicação não-verbal.

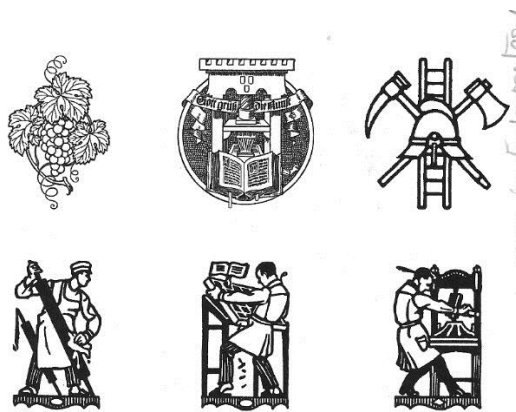
Sem existir outra forma de comunicação, as imagens eram o canal de transmissão da mensagem. Os signos e os pictogramas, apesar de não constituírem uma forma de escrita foram essenciais nos princípios da comunicação, contribuindo e influenciando na estruturação das escritas pictóricas que foram surgindo desde então.

Apercebemo-nos que todos os sistemas de escrita primitivos têm como base signos pictóricos: “Así, a medida que se fue haciendo evidente que la escritura cuneiforme mesopotámica había evolucionado desde una etapa pictográfica...” (Gelb, 1976, 93). A necessidade de identificar e classificar objectos recorrendo ao mínimo de signos permitiu, por meio de registos pictóricos o surgimento dos sistemas de escrita suméria e mesopotâmica. Porém, também no Egipto desenvolveram-se formas de escrita baseadas em sistemas de signos. Definida por um conjunto de pictogramas representando sons e conceitos, a escrita hieroglífica poderia representar o objecto ou a ideia a que se reportava, mas também, combinado com outros adquiria um significado diferente da leitura do pictograma simples. (Abdullah, 2006, 19)

Tanto a escrita cuneiforme, hieroglífica, como outras escritas com bases em signos que foram se desenvolvendo, tinham fundamentos no reconhecimento, como forma de facilitar a comunicação, usando o mínimo de signos possíveis: “en ambos casos, la idea básica es el principio de economia, que se esfuerza por la eficaz expresión del idioma por medio del menor número posible de signos.” (Gelb, 1976, 114)

Assim as escritas pictóricas organizaram-se em elaborados sistemas de signos que se baseavam nas pinturas primitivas: “cuanto más antiguas eram las tabletas, tanto más semejaban sus signos simples pinturas, tal como se encuentran en muchos otros sistemas pictograficos.” (Gelb, 1976, 93). Garantindo a pintura como base partilhava com ela característica que a definem. Segundo Gelb (1976) afirmava-se que a pintura tinha cedido à escrita os valores artísticos e de produção mental, necessários para a construção de elementos pictóricos, defendendo que a escrita teria a sua origem na pintura. Desta maneira podemos dizer que a escrita pictórica é mais expressiva que a oralidade pois conserva em si, princípios de expressividade e de fidelidade próprias da pintura: “La escritura es con frecuencia más expresiva que el habla. Esto se aplica especialmente a las escrituras pictóricas, es decir, escrituras como la egipcia, que conservan con fidelidad la forma de la pintura.” (Gelb, 1976)

Séculos mais tarde com a invenção da imprensa, no século XV, e com o desenvolvimento artístico, as novas imagens pictóricas surgiram, mais próximas das que actualmente conhecemos, as *vignettes* ou vinhetas (fig.2): “These small ornamental designs were originally based on foliage,, but the range of motifs soon expanded” (Abdullah, 2006, 20. Estes tipos de ornamentos espalharam-se graças a invenção da imprensa e eram normalmente usados como ilustrações e marcas de identificação representando os mais diversos motivos, desde associações com festividades, a animais, até a símbolos religiosos. De acordo com Abdullah, as vinhetas tinham tudo para ser considerados pictogramas num sentido mais amplo, a única diferença do que possamos considerar pictograma, é o facto de serem mais elaborados graficamente e não dependerem de nenhum sistema de codificação, no entanto, Abdullah defende: “they were icons rather than symbols”(2006, 20).



A Revolução Industrial e o rápido desenvolvimento global nas redes de comunicações e transportes fizeram com que as necessidades de uma comunicação rápida e eficaz se fizesse sentir com mais urgência, de modo a ultrapassar as barreiras culturais e linguísticas. Em 1909, em Paris foi acordado, por um grupo de países, a instauração de um conjunto de signos com representações referentes ao trânsito e à circulação rodoviária, surgindo

assim os primeiros signos pictóricos da forma como os conhecemos. Todavia, foram os pictogramas realizados para os jogos Olímpicos de Tóquio em 1964 que melhor representaram o conceito: “when abstract, systematically geometrical images were used to communicate facts to visitors, including diferente sports and general information” (Abdullah, 2006, 21).

Concluimos assim que tanto os signos como os pictogramas que reconhecemos no dia-a-dia tem uma longa história evolutiva, culminando o apogeu da sua evolução com os tempos modernos e com a enorme necessidade de comunicação visual rápida e eficaz.

5. Comunicar através dos signos e dos pictogramas

Quando se trata de compreender um signo ou um pictograma a leitura que fazemos dele é quase instantânea, pois a relação que temos com eles é tão estreita que por vezes basta que olhemos de relance para captarmos a mensagem toda. Isso acontece porque os pictogramas são lidos e compreendidos em três fases, cada uma dependente da outra, e ambas relacionadas directamente com o representado e com o observado: à primeira vista observamos os elementos e as qualidades mais importantes, depois num segundo olhar, vemos as qualidades e os elementos menos importantes, por fim, e numa terceira fase, apercebemo-nos de detalhes adicionais, graças à nossa experiência perceptiva. (Abdullah, 2006, 20)

Citando Gombrich (1993, 17)

“Aunque lo que llamamos realidad es demasiado rica y variada para su reproducible voluntad, los símbolos pueden aprenderse y recordarse en una medida sorprendente (...) La facultad de recordar símbolos varia enormemente pero, debido a su economía de elementos, los símbolos son mucho más susceptibles d ser almacenados de forma utilizable”

Sabemos que perante uma representação naturalista, o reconhecimento é quase imediato e sem esforço, contudo, o mesmo se passa quando lemos um signo. A economia de elementos permite que o percepcionemos e memorizemos com alguma facilidade, identificamos e relacionamo-nos quase instantaneamente com a imagem, mesmo que seja necessário um código para a decifrar. Este fenómeno pode ser explicado por os signos se assemelharem a imagens mentais, isto é, conseguem remeter-nos para imagens que

anteriormente percecionamos e gravamos na nossa memória. Desta forma, as imagens pictóricas iludem-nos para que as consigamos decifrar da mesma maneira que decifraríamos uma representação naturalista.

A facilidade da leitura e do reconhecimento dos pictogramas relaciona-se com a sua semelhança a determinado objecto ou a determinada acção que desempenhamos na realidade. No livro *Ver, compreender, analisar as imagens* de Laurent Gervereau temos o breve conhecimento de como a semiologia actua no estudo de determinado signo. Um estudo tripartido de várias ciências permite-nos analisar os signos e os símbolos na sua interpretação e nas suas questões formais: “A primeira trataria das condições formais para que os símbolos signifiquem... a que poderíamos chamar gramática formal; a segunda, a lógica, que trataria das condições formais da verdade dos símbolos; e a terceira trataria das condições formais da força dos símbolos... a que se poderia chamar retórica formal.” (Gervereau, 2007, 25) Desta forma, apercebemo-nos de que os símbolos e os signos não dependem totalmente das questões formais visivas, nem de questões de representação de determinado objecto, sendo assim, o princípio de construção de um signo não se baseia só na representação física de um objecto, mas sim, num conceito a que esse objecto/ imagem pertence: “Chamamos signo à combinação do conceito com a imagem” (Gervereau, 2007, 26), logo o propósito comunicativo do signo é a representação de um todo, conceito, e não determinado objecto, sujeito singular.

Para a comunicação por signos interessa-nos saber as partes influentes nelas envolvidas. Segundo Peirce a leitura das partes que constituem a definição do signo são indissociáveis e estão relacionadas entre si. O *representamen*, ou significante é aquilo que representa, ou seja o signo, em seguida a leitura do objecto representado gerará o *interpretante*, o significado do signo, ou seja o seu conceito.

“ *A imagem é o sinal icónico que estabelece uma semelhança qualitativa entre o significante e o referente*” (Joly, 2005, 49)

O signo, tal como as palavras, faz parte da linguagem, tem conceitos que variam de acordo com as circunstâncias em que se encontra. O significado que se obtém numa leitura imediata pode conter informação ocultada, daí só se compreender verdadeiramente o significado de uma imagem ou signo quando há conformidade entre o emissor e o recetor.

Segundo Eco, o conceito deixa de ser a forma ou o reflexo da imagem para ser o produto da construção intelectual das ideias, conferindo aos signos o domínio do

conceito. Da mesma forma que Joly estabelece uma relação de semelhança entre o significante e o referente, Eco afirma uma distinção entre ambos em prol da definição do conceito: “ Os conceitos por vezes são simples signos das coisas particulares.” (Eco, 1977, 149).

No seguimento desta matéria e com o intento de clarificar o signo e o conceito, Gelb (1976, 100) dá-nos como exemplo da construção de um pictograma a palavra «discórdia». Este conceito poderia ser representado de duas maneiras, uma em que se associaria o conceito a uma acção, nomeadamente a representação de duas pessoas a discutir e outra, num sentido fonético, que relacionaria a construção da palavra com duas outras imagens para formar esta ideia, como por exemplo a junção do termo «disco» com «corda».

Quando pensamos no propósito da comunicação interessa-nos saber qual destes dois métodos teria melhor resultado de leitura, e parece-nos óbvio que a figuração de uma acção facilitaria o reconhecimento do termo, no entanto se o objectivo for o de apresentar o termo, sem o associar a nada, a segunda opção torna-se uma mais-valia, principalmente porque limitará os termos adjacentes, como aconteceria com o primeiro caso que poderíamos ler «discussão».

Quando construímos um pictograma existem uma série de factores a considerar para que este cumpra o propósito para que é realizado. Rayan Abdullah (2006, 24) apresenta um conjunto de factores necessários para a construção eficaz de um pictograma, nomeadamente: “created by the people...”, ao afirmar sabemos que o pictograma não é algo que simplesmente surge na natureza, logo não é algo cuja interpretação esteja dependente de uma leitura e interpretação instintiva, mas sim de uma comunicação partilhada entre a relação do emissor com o receptor, cujo código de interpretação é o mesmo; “ *an image... for the purpose of quick and clear communication...*”, o objectivo dos pictogramas é serem de rápido reconhecimento, com uma leitura simples, limpa e sem estar sujeita a interpretações falaciosas; “... *communication without language or words...*”, da mesma maneira, o pictograma não deve ficar dependente de palavras ou textos explicativos, para ser totalmente entendido; “... *in order to draw attention to something...*”, e deve atrair e captar a atenção, sem necessitar de uma explicação complexa, em caso de necessidade ou informação.

Concluimos assim que os fundamentos de qualquer comunicação que tenha por base as imagens ou o sentido visual, tem como objectivo a determinação de um conceito que inspire em nós o reconhecimento para a imagem. A inexistência desse conceito não só

anulará todo o processo de reconhecimento, porque o receptor imporá um conceito para compreender a imagem, como também quebrará os códigos de comunicação entre as partes intervenientes.

PARTE III- NARRAR POR MEIO DE PICTOGRAMAS

Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll – Uma narrativa pictórica

1. Apresentação do Trabalho Prático

Alice estava começando a ficar muito cansada de estar sentada ao lado de sua irmã e não ter nada para fazer: uma vez ou duas ela dava uma olhadinha no livro que a irmã lia, mas não havia figuras ou diálogos nele e “para que serve um livro”, pensou Alice, “sem figuras nem diálogos?”

Lewis Carroll, 2002

Introduzimos este capítulo com uma citação da história que originou este trabalho prático. Fazemos referência à importância das imagens na comunicação, e de acordo com o estudo teórico realizado, é-nos conveniente demonstrar como realmente se processa essa comunicação. Inspiramo-nos numa história conhecida do público em geral, *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll para elaborar um conjunto de 25 ilustrações pictóricas com o objectivo de narrarem visualmente a história.

O propósito deste conjunto de ilustrações identifica-se com o facto de averiguar o sucesso da comunicação visual sem depender da linguagem escrita ou verbal. Relacionando-o com questões formais e de análise, estudaremos o grau de reconhecimento que as imagens têm perante o público, sendo a imagem a forma mais fácil de alcançar um grande número de pessoas garantindo o entendimento geral e a correcta leitura da mensagem.

O trabalho prático consiste na exposição das ilustrações sob a forma de um livro ilustrado, dando ênfase à narrativa da história por meio das imagens, fazendo-se acompanhar pelas citações que as originaram e posteriormente é apresentado o texto na

íntegra⁷, como forma de dar a conhecer a história original, permitindo uma correcta localização das imagens na narrativa.

Durante realização deste trabalho fomos questionados sobre a importância de apresentarmos um conjunto de ilustrações em vez de uma imagem representativa da história. A resposta é simples, o objectivo não é o de representar a obra é o de representar as partes que constituem a obra elaborando uma narrativa ilustrada que conte a história toda sem necessitar de texto adjacente. Com esta metodologia de trabalho referimos a opinião de Ignace Gelb (1976) sobre a comunicação por imagens em que ele afirma que podemos comunicar e expressar-nos de forma mais adequada por meio de uma sequência de simples desenhos.

No entanto tínhamos também outro objectivo quando realizamos este trabalho, a construção da mensagem visual, não deveria exceder-se isto é, não deveríamos incluir elementos que pudessem atrasar o processo de leitura. Mesmo que estejamos familiarizados com outras ilustrações referentes a esta narrativa, o nosso objectivo baseava-se no facto de limitarmos a representação dos elementos em detrimento de um reconhecimento rápido e eficaz. “Quanto mais icónica ou figurativa for uma imagem, mais fácil e agradável se torna captar, porque requer do espectador um esforço mínimo ou uma capacidade de abstracção quase nula.” (Costa, 2011, 24) e a melhor forma de o fazermos seria com recurso aos pictogramas tendo em consideração a sua definição e características previamente apresentadas “Los pictogramas son representaciones pictóricas de carácter informativo que generalmente forman parte de sistemas más amplios que mantienen un mismo estilo gráfico.” (Jardí, 2014, 25).

Perante a realização deste trabalho interessou-nos perceber o grau de reconhecimento e de entendimento das imagens e como tal realizou-se um breve inquérito a um grupo de pessoas como forma de testar essa questão. Os valores obtidos apenas nos interessam numa questão geral e de reconhecimento, permitindo-nos saber se de facto as ilustrações cumpriram o propósito para que foram criadas.

Todo este trabalho desenvolveu-se em torno da comunicação visual, no entanto de acordo com a nossa área de estudo, a imagem não é o único elemento que comporta a comunicação, sem o desenho esta também não seria possível e perceber o papel do

⁷ A apresentação do texto na íntegra só foi possível graças a versão dactilografada em brasileiro, disponibilizada pela Editora Arara Azul para a criação de um E-book.

desenho no envolvimento com este trabalho, é perceber o papel do desenho na comunicação visual em geral.

2. Da “ideia” para o Desenho

Estruturamos o nosso pensamento de acordo com as informações que percebemos do mundo exterior, no entanto, de nada se vale essa estruturação se não existir forma de a tornar visível. É nesta parte que entra o Desenho. Combinado com a nossa percepção e cognição elabora a nível mental as representações, contudo, é pelos traços que elas ganham vida e são posteriormente manipuladas em prol de uma comunicação certa.

Conhecendo a história e as personagens mais emblemáticas, formam-se no nosso intelecto imagens, que de acordo com a nossa percepção se assemelham por associação a outras já existentes. Estruturamos e criamos as nossas personagens (fig.3) e cenas com base no reconhecimento e comparação com outras imagens, por isso foi importante pesquisar por referências que pudessem fortalecer as características identificativas das nossas ilustrações.

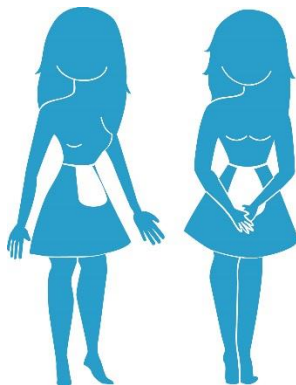


Fig.3: Ilustração vectorial da personagem principal, desenho de autor, 2014

Quando lemos a história e seleccionamos as citações transcritas para a elaboração das ilustrações toda a representação é desenvolvida no nosso intelecto. Imaginamos quase como se víssemos à nossa frente as características do que lemos. No entanto a manipulação que fazemos delas só é possível num plano real, estruturamos as formas com base na nossa percepção e relacionamos com as características do que lemos por meio do desenho. Tomemos como exemplo a construção da personagem «Alice»: A história não apresenta directamente características físicas para defini-la, no entanto graças às informações que recolhemos em ilustrações, filmes, séries, etc. (fig.4, 5, 6), associamos

de forma quase imediata e tentamos representá-la dentro dessas características, nomeadamente uma rapariga pequena de vestido azul, avental branco e cabelos loiros. Graças ao desenho concretizamos essas ideias, no entanto é também pelo desenho que estipulamos os pontos de interesse da figura e do conjunto da imagem.



Fig.4: Fotograma retirado do filme *Alice no País das Maravilhas*, Tim Burton, 2010



Fig.5: Fotograma retirado do filme *Alice no País das Maravilhas*, Walt Disney, 1951



Fig.6: Página representativa do processo de criação da personagem Alice para o jogo *Alice Madness Returns*, Ken Wong, 2011

Massironi fala de como por meio do desenho organizamos o nosso pensamento e as nossas ideias enquadrando-as no propósito da comunicação visual:

“Sobre esta corda suspensa entre enfastio e exclusão, move-se o desenhador (...) por um lado, a atenção às várias passagens da actividade perceptiva, por outro, a finalidade para que tende a figuração” (2010, 73)

Ao desenharmos as ilustrações pictóricas para *Alice no País das Maravilhas*, deparamo-nos com detalhes nas citações que serviam tanto para caracterizar as personagens como também o ambiente. De acordo com Massironi, ao realizarmos uma imagem ou um

desenho com o propósito de comunicarmos algo temos de estabelecer um equilíbrio entre os elementos que pretendemos representar e os que pretendemos omitir, caso contrário corremos o risco de toda a ideia da comunicação visual falhar. A quando da realização dos desenho tivemos em consideração o propósito da imagem e do que deveria representar, tomemos como exemplo: “Ardendo de curiosidade, ela correu pelo campo atrás dele, a tempo de vê-lo saltar para dentro de uma grande toca de coelho em baixo da cerca.” (Carroll, 2002). As informações que tiramos daqui são: «Alice corre atrás do coelho que salta para a toca debaixo de uma cerca», e questionamo-nos sobre quais os elementos fundamentais e quais os dispensáveis. Haverá necessidade de representar árvores, ervas, para mostrar que eles se encontram na natureza? Haverá necessidade de produzir na Alice uma expressão de curiosidade para enfatizar o acontecimento? Na verdade, a ambas estas questões respondemos negativamente, pois o nosso propósito ao usarmos a imagem é o de representar apenas a acção que é a parte importante da narrativa. Por isso eliminamos elementos como a cerca, arvores, expressões, em detrimento da enfatização de outras como o coelho e a Alice, dando-lhes o destaque merecido. (fig.7)



Fig.7 Esboço e vectorização da Alice a perseguir o coelho branco, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014

Ao construirmos, pelo desenho, os elementos que compõem a mensagem construímos em si o pictograma.

“Qualquer imagem que concorre para formar um pictograma, tende a assumir as características e a transmitir o sentido da total categoria dos objectos a que pertence o objecto em exame (...) a imagem d um objecto tem a propriedade de apresentar esse objecto em toda a sua singularidade, carregado por isso de todos os atributos que o caracterizam como individuo.” (Massironi, 2010, 118)

Com esta citação de Massironi pretendemos afirmar que qualquer desenho com o propósito de comunicar conterá em si as definições de um pictograma, ou seja, será

considerado elemento representativo de uma classe e de um conceito. Tal afirmação permite-nos enfatizar as características deste trabalho de acordo com as definições de pictograma, por os elementos que constituem as ilustrações resultarem em conceitos, que individualmente generalizam uma classe, mas que em conjunto formulam um signo pictórico com uma mensagem.

3. A importância do Desenho na construção da ilustração pictórica

No seguimento do tópico anterior, é pelo Desenho que estruturamos o nosso pensamento, organizamos, refazemos e apresentamos as nossas ideias. Estamos livres para cometer erros, estipular novas formas de representação, etc., e de acordo com Côrte-Real, (2001, 107) “... somente no plano do Desenho, é possível experimentar, sem grande risco, e até obter uma solução que se evidencie como válida...”. Desta forma o desenho torna-se ferramenta importante neste trabalho, porque é por ele que se definiram os traços e se deram forma às ideias antes de as vectorizarmos e concretizarmos num plano digital.

Compomos as figuras em torno de uma acção, equilibrando-as e fazendo relações entre elas (fig.8). Contudo, questionamo-nos se seria possível o mesmo sem recorrer ao Desenho, e concluímos que as ideias precisam de uma estruturação no visível, e isso torna-se mais fácil quando o desenho desempenha a função de compor de acordo com o imaginado: “..só o Desenho é capaz de criar o plano propício à composição, através do entendimento dos objectos...” (Côrte-Real, 2001, 107).

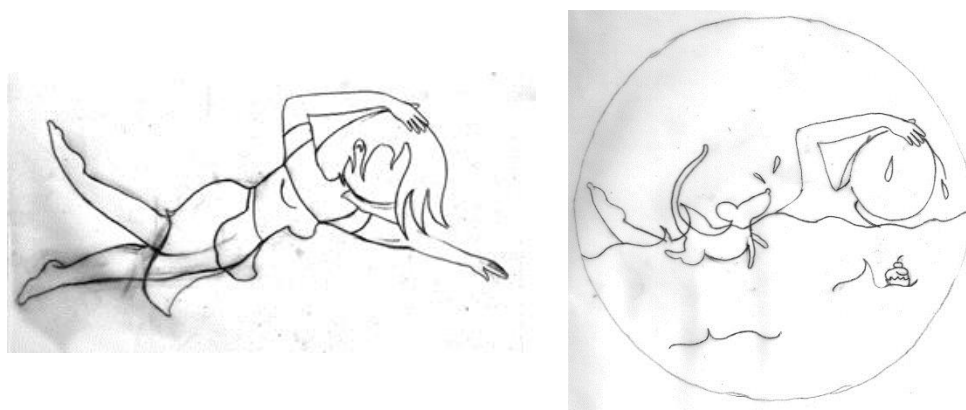


Fig.8 Esboço da Alice, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014⁸

⁸ Estudo da personagem Alice a nadar e composição de acordo com a citação transcrita, “Mas logo percebeu que estava no lago de lágrimas que derramara (...) ouviu algo chapinhando no lago um pouco mais adiante e nadou (...) era apenas um rato...” no seguimento da ideia, que o Desenho desempenha a função de estruturar.

Segundo Côrte-Real (2001, 107), os princípios pictóricos são enfatizados pelo Desenho, pois permite a construção de figuras onde a mínima expressão possível é característica do ícone e do símbolo, e que se adequa perfeitamente ao propósito deste trabalho.

Desenhamos e redesenhamos à medida que a ideia se forma no nosso pensamento. O desenho funciona como uma aproximação da ideia, uma forma de concretizar o pensamento. Recorrendo ao esboço, que permite uma rápida ligação entre as ideias e o desenho, a ideia é exposta e trabalhada, permitindo que sobre os traços representados sejam feitas correcções e melhoramentos em prol de uma comunicação eficaz: “... dibuja un esbozo que le permite pensar el cuadro, dibujando al mismo tiempo el proyecto del dibujo, que irá completando en la medida que cada uno de ellos, fuerce la necesidad del outro.” (Molina, 2005, 20). Por isso de acordo com Molina, não devemos só valorizar o desenho no seu processo mas também por ser realizado à mão, pois a destreza manual conferirá aos traços características e detalhes únicos importantes para o reconhecimento.

Defendido por Gelb (1976, 60), vemos associado as características do desenho à definição de pictograma:

“Nuestros dibujos, como todos los dibujos con propósito de comunicación, se caracterizan tanto por la ejecución estereotipada como por la omisión de todos los detalles (vegetación, montañas, etc...) no necesarios para expresar la comunicación.”

Apercebemo-nos então, que os desenhos com o propósito de comunicarem caracterizam-se pela execução estereotipada e pela omissão de certos detalhes desnecessários em prol do reconhecimento visual imediato (fig.9). Detalhes importantes a reter perante a construção e realização de um pictograma e que não só ajudam à estruturação como apoiam também na análise às ilustrações.



Fig.9 Esboço e Pictograma da Hora do Chá, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014.

4. Análise das Ilustrações pictóricas

Sabemos o porquê deste trabalho e de que forma ele se estruturou com base no desenho, agora interessa-nos perceber de que forma a mensagem visual foi captada e transmitida. Tendo por base a teoria de Laurent Gerverau sobre como analisar uma obra iremos basear-nos também nos resultados obtidos no questionário de opinião para perceber se as ilustrações cumprem ou não o propósito para que foram desenvolvidas: “As três etapas da grelha são: a descrição, a evocação do contexto e a interpretação” (Gerverau, 2007, 45)

A análise que faremos das ilustrações será principalmente a nível geral, no entanto algumas serão usadas como exemplo para esclarecer determinados pontos. Partindo da construção das ilustrações pictóricas iniciaremos este estudo pela descrição, passando pela evocação do contexto e terminando com a interpretação. Avaliaremos as técnicas, a relação texto-imagem, qual a ideia mais forte do pictograma, se as formas e as cores têm algum significado dentro de um contexto de reconhecimento e qual o seu impacto nesse reconhecimento.

4.1. Definição técnica do trabalho.

Quando se pretende comunicar algo tudo importa, e todos e quaisquer métodos de trabalho ajudam na definição técnica do trabalho e na sua apresentação enquanto imagem. Como estas ilustrações funcionam como uma narrativa, interessa-nos fazer uma análise do conjunto e dos atributos em comum.

Partindo das características que ressaltam à vista, observamos que se trata de uma ilustração vectorial digital, caracterizada por ter traços simples e cores sólidas. A escolha da técnica e do suporte determinam a interpretação global (Joly, 2002, 92) e num sentido contextual, a realização destas ilustrações em qualquer outra técnica ou suporte não enquadraria com o objectivo claro e simples dos traços vectoriais como característica dos pictogramas. Por este meio técnico de produção de uma ilustração define-se as imagens vectoriais como uma forma de correção dos traços produzidos pelo desenho manual impossibilitando a constatação dos erros. (Molina, 2005, 23)

As ilustrações pictóricas desenvolvem-se de acordo com a função comunicativa operativa do Desenho, caracterizada pela representação sobre o plano frontal, recorrem à linha-contorno para delimitar as figuras e apoia-se na cor para as preencher. Por sua vez usa a linha-objecto para delimitar certas características das formas (fig.10).



Fig.10 Pictograma Alice conversa com a Lagarta, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014

De um conjunto de 25 ilustrações, interessa-nos descrever os elementos gerais, como a técnica, o plano, e a representação.

“Descrever é já compreender. E grande parte da nossa cegueira face às imagens decorre do facto de as consumirmos como elementos de um sentido primeiro, sem nunca as inventariarmos.” (Gervereau, 2007, 45)

No entanto e de acordo com esta citação de Gervereau para compreendermos uma imagem devemos inventariá-la para termos a certeza que não nos escapa nenhum elemento à análise. Seguindo este exemplo coloca-se em evidência uma imagem escolhida por ser a mais emblemática do trabalho (de acordo com o questionário elaborado).

Esta ilustração pictórica, não só permitiu o reconhecimento e a associação da personagem à história como também contém elementos importantes para uma análise simbólica. Inserida num círculo preto, encontra-se em destaque duas figuras: uma rapariga e um coelho. A figura da rapariga representada em cor azul com um avental branco, encontra-se em pose de corrida. À sua frente, um coelho de cor branca, na mesma posição tem representado no lombo um relógio e encontra-se dentro de uma oval horizontal. Apresentamos então os elementos que constituem a imagem (fig.7).

Sabemos que a figura feminina se refere à personagem «Alice» por partilhar com ela características reconhecíveis de outras representações, nomeadamente o avental branco e a forma/ vestido azul. A outra figura é bastante fácil de associar com a personagem

«Coelho Branco» mesmo que não contenha certos detalhes como os descritos na história: “... um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa” (Carroll, 2002). O relógio significando o tempo e a urgência, é uma representação de um signo tradicional. A oval para onde o coelho se dirige representa a toca. Num conjunto de palavras, mesmo sem termos acesso à imagem conseguimos imagina-la na nossa mente. Isto acontece porque os elementos que compõem a mensagem foram descritos e como tal, todos foram percebidos e todos fazem parte da comunicação.

4.2. Estilo de Representação

A arte outrora, figurativa como era, apresentava um personagem identificável (...) de tal modo que dir-se-ia haver apenas uma narração, legível nas atitudes, nos gestos ou nas expressões e situadas num enquadramento. No entanto, homens, animais, árvores, pretensamente semelhantes, de um artista para o outro mudavam de planeta.

René Huyghe, 1998, 92

Esta citação é de elevada importância para a explicação do estilo de representação escolhido para este trabalho. Huyghe refere que as representações, mesmo que sejam referentes ao mesmo objecto variam de acordo com o artista. A forma de como representamos tem a ver com a nossa percepção do mundo e com aquilo com que nos identificamos, de tal modo, que este trabalho foge ao típico desenho pictórico em prol de uma ilustração pictórica com um cunho pessoal reforçado. De facto cada elemento desenhado contém a marca do autor, contribuindo para tornar a unidade global mais forte e mais expressiva (Huyghe, 1998).

Aicher e Krampen (1995, 119) apresentam-nos um ensaio sobre o reconhecimento de vários pictogramas (fig.11), desde elementos mais figurativos a outros mais abstratos e chegaram à conclusão que o reconhecimento dos pictogramas depende mais do significado que contêm do que das variedades do estilo, de tal modo que concordamos em dizer que apesar do estilo pouco tradicional de pictograma, se conseguimos entender o significado da mensagem então estamos perante uma representação pictórica.

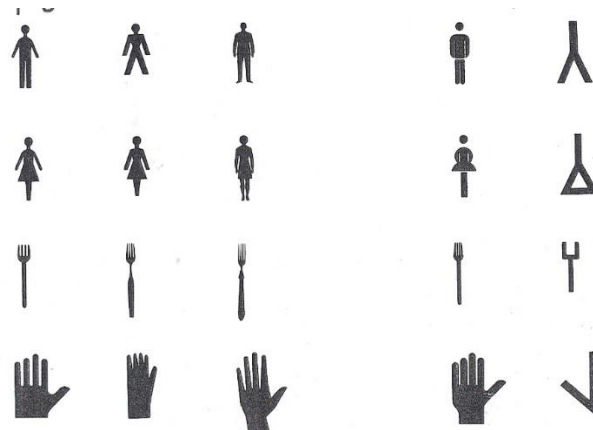


Fig.11 Estudo de vários pictogramas e a sua relação com o reconhecimento, Otl Aicher e Martin Krampen, 1995

No entanto mesmo sendo imagens com função comunicativa interessa-nos também que desempenhem funções ilustrativas pois contribuirão para o embelezamento do texto a que se destinam.

4.3. Relação texto-imagem

Neste trabalho, as imagens tem lugar de destaque, pois o propósito delas, como já referimos, é o de comunicarem determinada mensagem sem dependerem do texto para fazerem sentido em conjunto. Contudo é necessário haver um relacionamento entre as imagens, os textos e a literatura para que sejam reveladas numa questão interpretativa. (Joly, 2002, 78)

Neste trabalho, a relação entre a imagem e o texto privilegia a imagem. O texto como apoio da comunicação visual remete-se apenas para as citações transcritas que legendam as ilustrações (fig.12), todavia é apresentado a história na íntegra com as citações em destaque permitindo que o leitor conheça a história na íntegra e situe na globalidade da narrativa as ilustrações



Fig.12 Exibição de uma página do livro, *Alice no País das Maravilhas*, 2014

A relação das imagens com as citações acontece, pois ser necessário uma familiarização dos observadores com as ilustrações para as perceberem à partida, no entanto quando essa familiarização falha por o observador não conhecer a história entra o texto para lhe narrar o evento, ou seja o texto explica-lhe a imagem e enquadra-o dentro da história: “As palavras aí estão (...) provando-nos até que ponto as imagens podem alimentar a imaginação, informando-nos sobre as relações que mantemos com elas ou guiando-nos na sua interpretação.” (Joly, 2002, 78)

Também defendido por Joan Costa (2011, 31) as imagens e as formas apenas mostram a mensagem sem argumentarem pela razão, por isso, é necessário conjugá-las com a mensagem textual, pondo-as em paralelo. Assim não só garantimos o sucesso do reconhecimento como a compreensão das imagens num sentido global e na sua totalidade.

Seja como for, a organização das imagens com o texto está dependente de um contexto, e do objectivo do autor do trabalho. Por isso é que perante a construção do livro, dá-se ênfase à leitura das imagens em prol do texto para as fazer valer pelo seu objectivo inicial.

4.4. Contexto

A análise contextual é algo que pesa na interpretação das imagens. Perceber ao que o autor se refere quando elabora determinado gesto artístico clarifica a própria mensagem transmitida, regulando a sua função com base na utilização e no propósito da mensagem. (Joly, 2002, 92). A leitura que fazemos das imagens relaciona-se com a nossa percepção

e determina a forma como as vamos entender. Perceber o contexto em que se insere a imagem é meio caminho para se perceber a imagem em si.

Perante este trabalho, reconhecemos a figura «Alice» quando inserida no contexto da história, e reconhecemos a história por fazer parte da nossa percepção. Em análise não podemos inserir estas ilustrações em contextos novos, sabemos que o contexto base é o da narrativa e é o facto de termos essa ideia em mente que permite que reconheçamos o conjunto das ilustrações como elementos referentes a isso.

Morgan (1986, p.100) defende que a importância de uma história, lenda, ou conto e do seu conhecimento torna os signos identificáveis e mais facilmente o receptor se relaciona com eles e os interpreta, entendendo as entre-linhas descritas ou somente conhecidas pela narrativa. Este factor fica comprovado quando observamos que o nível de reconhecimento das ilustrações como um conjunto é superior em pessoas que leram ou viram filmes referentes à *Alice no País das Maravilhas* em relação a pessoas que não conhecem ou apenas conhecem partes da história (fig.13).

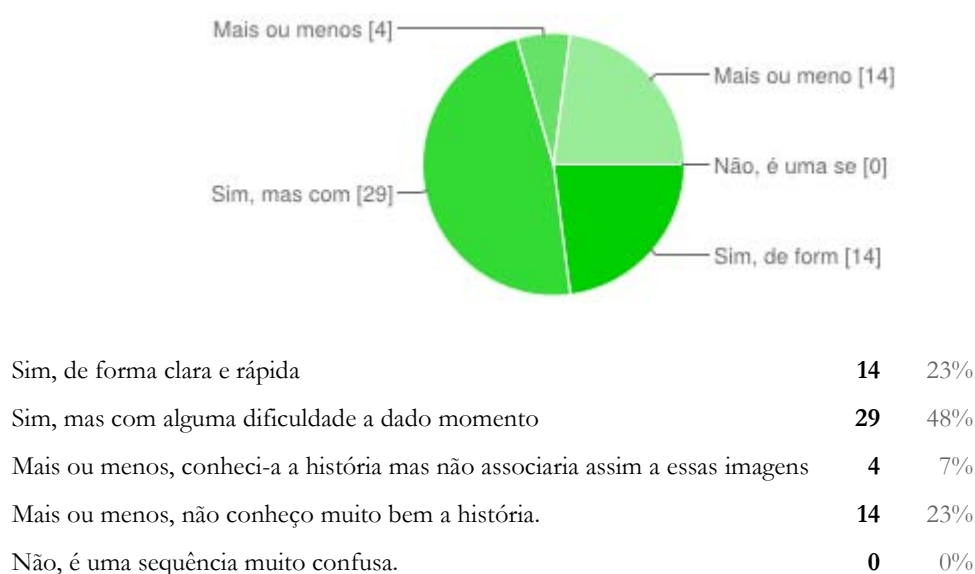


Fig.13 Gráfico de análise das respostas obtidas à pergunta: "Através da sequência de imagens apresentada, conseguiu ter noção da história como um todo?"

4.5. Interpretação da Cor

A cor... é mais um elemento do sistema gráfico, em pé de igualdade com as formas, as imagens e os signos.

Joan Costa, 2011, 58

Introduzimos este tópico com uma referência à cor enquanto elemento gráfico dependente de um contexto para a sua interpretação. Neste caso particular é usada de forma plana, delimitando as figuras para um entendimento geral da mensagem.

Elemento simbólico cujas propriedades conferem à mensagem visual características únicas, a cor e os sentimentos relacionam-se e por vezes escolhemos certas cores não pelo nosso gosto pessoal mas pelas associações derivadas das experiências universais enraizadas desde a infância no nosso pensamento e linguagem. (Heller, 2007, p.17)

Para este trabalho a cor foi mais que um elemento de distinção entre os objectos representados, foi uma forma de expormos ideias e conceitos sem recorrer a palavras ou a outros signos.

De certa forma, o nosso subconsciente guiava-nos para as cores seleccionadas mesmo antes de sabermos o seu significado, talvez por associarmos a representações outrora feitas das personagens de *Alice no País das Maravilhas*. No entanto a cor é muito mais que uma associação e para a conhecermos devemos experimentar. (Huyghe, 1998, 90)

Representada pela cor azul a personagem principal foi assim definida pela associação com a roupa previamente representada. Os elementos secundários eram delimitados a branco e em contraste o fundo a preto que de acordo com Heller é uma cor neutra. Personagens como o «Gato de Cheshire» (fig.14) e o «Chapeleiro» foram evidenciados com as cores Violeta e Laranja, respectivamente.



Fig.14 Pictograma Alice com o Gato de Cheshire, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014

De acordo com Eva Heller as cores não só se conjugaram entre si, como o resultado simbólico, foi o esperado:

“O azul é a cor daquelas ideias cuja realização se encontra distante. O violeta simboliza o lado irreal da fantasia- o fantástico. O cor-de-laranja, a terceira cor da fantasia, simboliza o prazer das ideias loucas. O Azul-violeta-cor-de-laranja é a combinação da fantasia.” (Heller, 2007, 26)

Noutras ilustrações foram usadas as cores no sentido antagónico, enfatizando a presença de elementos contrários, como acontece com a utilização do azul em oposição ao vermelho no «Bebe-me»/ «Come-me» (fig.15). A escolha destas cores deveu-se ao facto de serem complementares e ao mesmo tempo uma é fria e a outra é quente.



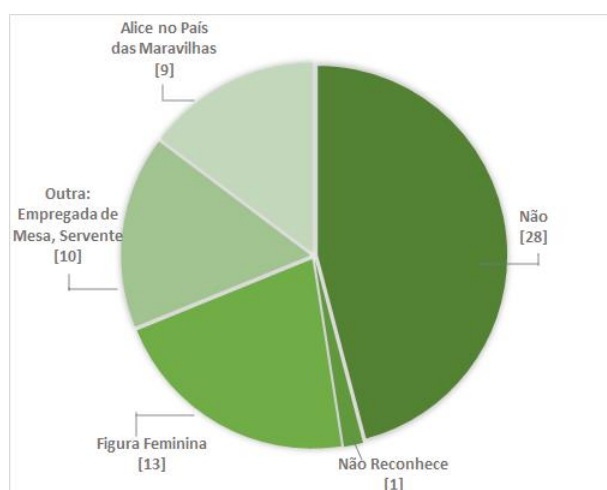
Fig.15 Pictograma «Bebe-me/Come-me», *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014

A cor torna-se factor importante no reconhecimento e na decifração da mensagem. Segundo Costa (2011, 74) o que define a cor é a sua função de código, isto é, cada cor tem o seu contexto específico, por exemplo reconhecemos um círculo vermelho como um semáforo, para pararmos, mesmo que não tenha nada escrito, isto acontece porque o nosso código foi ensinado a reconhecer a forma circular associada ao vermelho como um aviso para pararmos. Da mesma maneira funciona a cor neste trabalho, por estarmos habituados a reconhecer a figura da Alice como uma menina de vestido azul e avental branco, é importante salientar esse facto na construção do pictograma em prol do reconhecimento.

5. Reconhecimento

Ao longo deste trabalho temos dado realce à questão do reconhecimento pois é ela que determina a importância e a eficácia das imagens ao serviço da comunicação visual.

Ao desenharmos a figura da Alice, configuramo-la com um conjunto de sinais reconhecíveis, derivados de outras representações. O emblemático vestido azul com um avental branco distingue a personagem entre um conjunto de possibilidades representativas. Segundo Eco (1977) perante a instauração de um processo de reconhecimento de algo novo devemos revestir o objecto com traços de reconhecimento derivados da realidade previamente produzida. Por isso, só interpretamos a figura como Alice perante um contexto ou quando estamos familiarizados com ela, até lá podemos correr o risco de se fazer suposições sobre a figura representada, tal como aconteceu com a maioria dos entrevistados que apesar de afirmarem o reconhecimento da figura associaram-na a «empregada de mesa», isto porque o grau de familiarização com elementos do quotidiano é mais frequente do que representações de personagens: “Quando falamos de figura com a intermediação do desenho, a figura realizada pelo autor só coincide com a figura daquele que a lê se ambos participam do mesmo protocolo de reconhecimento” (Côrte-Real, 2001, 14)



Alice no País das Maravilhas	9	15%
Figura Feminina	13	21%
Outra: Empregada de Mesa, Servente	10	16%
Não reconhece.	1	2%
Não	28	46%

Fig.16 Gráfico de reconhecimento da personagem Alice⁹

⁹ O seguinte gráfico foi realizado com base na extrapolação de dados mediante as respostas obtidas às questões: “Reconhece a figura acima representada?” e “ Se sim, refira o nome ou algo identificativo?”, permitindo-nos perceber que a importância da relação de familiaridade do observador com o objecto no plano do reconhecimento, visto que a maioria dos entrevistados associaram a imagem a algo que lhes é comum.

Desta forma, o reconhecimento das figuras não depende só da forma de como são representados, mas também de um contexto e de uma relação entre a imagem e o observador. Tal como acontece quando associamos a figura a outras representações da «Alice» ou quando a inserimos num contexto partilhado com o «Coelho Branco» e voltamos a questionar o público, as respostas de reconhecimento aumentam e ficam direccionadas para o que pretendemos (fig.18). Outra questão que se prende com o reconhecimento é que ele se torna mais eficaz quando os pictogramas são representativos de acções ou situações que definem a história, como acontece com a ilustração da «Alice a perseguir o Coelho Branco»: “Os pictogramas resultam ser tanto mais uteis quanto menos necessitam de aprendizagem de regras de decodificação” (Massironi, 2010, 118)

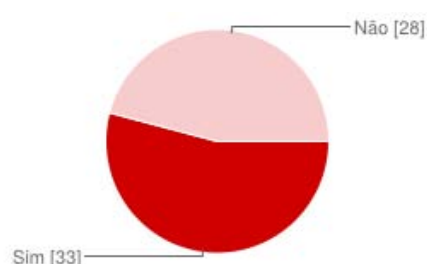


Fig.17 Gráfico de resposta à questão: “Reconhece a figura acima apresentada?”

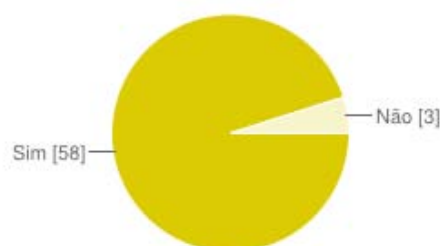


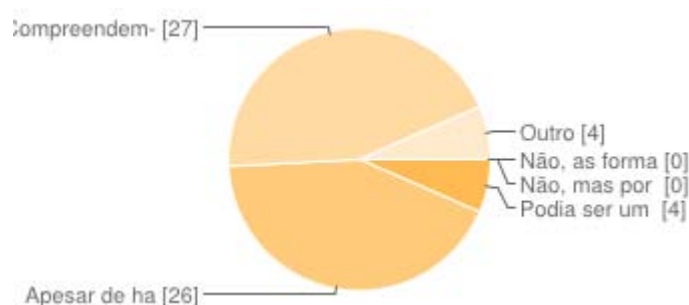
Fig.18 Gráfico de resposta à questão: “Inserida a personagem num contexto, reconhece a personagem?”¹⁰

A decodificação da figura além do contexto, está presente nas associações com outros semelhantes e na presença de elementos que após serem conhecidos funcionam como a chave para o entendimento geral da imagem. O artista precisa de se servir de alusões a elementos reconhecíveis de forma a garantir o reconhecimento e a leitura da sua imagem (Huyghe, 1998), tal como fizemos ao inserirmos personagens reconhecíveis, Coelho Branco, em associação à figura feminina.

Numa análise às respostas obtidas no questionário, apercebemo-nos que os inquiridos com um grau de familiaridade maior com a obra de Lewis Carroll tinham um grau de leitura e compreensão superior em relação aos que apenas conhecem as partes mais emblemáticas. Da mesma maneira o reconhecimento também teve sucesso por se

¹⁰ No questionário apresentamos a figura feminina (fig.3) e inquirimos sobre o seu reconhecimento imediato (fig.17), independentemente de ser associado à Alice ou não (algo que posteriormente nos apercebemos quando analisamos as respostas dadas à questão de referir “Quem” foi que apenas uma pequena parte reconheceu a personagem como Alice). Por sua vez, no gráfico fig.18, inserimos a personagem num contexto, fig.7, e o grau de reconhecimento não só foi direccionado para o que pretendíamos, reconhecer a Alice, como as respostas tiveram um impacto positivo.

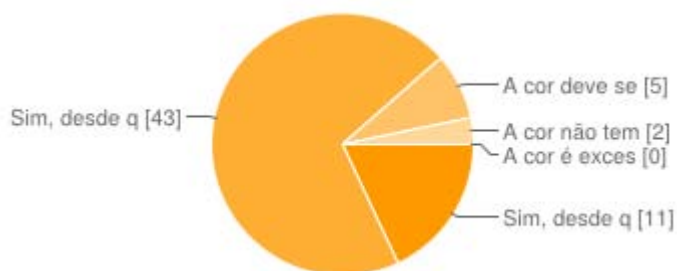
considerar que o estilo gráfico das imagens se adequava à comunicação por ser um estilo simples e claro, permitia perceber-se o essencial (fig.19).



Não, as formas são demasiado confusas	0	0%
Não, mas por outra razão que não a referida anteriormente	0	0%
Podia ser um estilo mais simples e claro que simplificasse o desenho	4	7%
Apesar de haver uma certa dificuldade, consegue perceber-se o essencial	26	43%
Compreendem-se bem as figuras e a acção delas.	27	44%

Fig.19 Gráfico de análise à questão: "O estilo gráfico ajuda ao reconhecimento?"

Outro elemento responsável pela identificação das personagens e por conseguinte das ilustrações e do seu significado, foi a cor (fig.20). Considerada em grande parte pelos entrevistados, um elemento importante para a comunicação desde que o significado dela estivesse presente e fosse identificável.



Sim, desde que seja reconhecível o seu significado, o que não é o caso	11	18%
Sim, desde que seja reconhecível o seu significado, como acontece neste caso.	43	70%
A cor deve ser secundária na comunicação.	5	8%
A cor não tem qualquer utilidade a não ser a distinguir formas	2	3%
A cor é excessiva e não confere nada de novo nem de simbólico à ilustração.	0	0%

Fig.20 Gráfico de análise à questão: "Considera importante a simbologia da cor para a caracterização e a definição das personagens na mensagem visual?"

Em suma percebemos que para o reconhecimento de algo como um ícone, é necessário que culturalmente existam fundamentações que apoiem esse reconhecimento, tal como os traços de reconhecimento pois não se apelida de signo icónico um objecto desconhecido. (Eco, 1977, 73). O reconhecimento do trabalho foi positivo, tendo em consideração as respostas obtidas percebemos que quanto maior é o grau de familiarização com a mensagem maior é o grau de entendimento da mesma.

6. Porque se considera uma ilustração pictórica?

De acordo com o estudado percebemos que um pictograma pode resultar de um conjunto de signos com características muito próprias a favor da comunicação visual. Comparar os elementos das imagens com propósito pictórico pode tornar a própria imagem um pictograma, dessa maneira, a imagem é entendida como um signo, por o receptor a reconhecer de forma quase instantânea e pelo estilo de representação gerar uma mensagem, cujo significado está para além do representado.

Se da mesma maneira que considerarmos as vinhetas como pictogramas e ícones, também as ilustrações apresentadas para a narrativa de *Alice no País das Maravilhas* poderão ser consideradas. Essa definição prende-se com o facto das “*vignettes*” possuírem em si características dos pictogramas, mesmo que estilisticamente sejam mais elaboradas, não dependem de um sistema de signos para serem entendidas (Abdullah, 2006, 20), tal como acontece com as ilustrações que usam elementos que em separado são conceitos (figura feminina) mas que em conjunto, dentro de um contexto ganham um significado adjacente a esse mesmo contexto.

Sabemos agora que o que define um pictograma é a forma como ele se relaciona com os receptores. O grau de leitura e de reconhecimento da imagem, a dependência ou não de textos e palavras e a capacidade de captar a atenção para a sua leitura, são factores a ter em consideração perante as características dum pictograma e tendo em consideração o questionário realizado depreendemos que essas características foram cumpridas em detrimento da definição deste trabalho como pictograma.

Segundo Massironi e conforme explicado, nos pictogramas a figura deve ser representativa de uma classe, ou de um conceito e não de um individuo ou objecto singular.

Ao desenharmos estas ilustrações, elaboramos os seus elementos de forma a representarem a sua classe na forma mais ampla possível, por exemplo, o coelho representa todos e quaisquer coelhos ou lebres no entanto só pertence à classe de “Coelho Branco” da história, quando inserimos aquele signo num contexto específico. Da mesma maneira, a representação da figura feminina, enquadra-se em qualquer situação, e representa o conceito de “mulher, rapariga” mas ganha o significado de Alice dentro do contexto da história e da relação com outros elementos: “Qualquer imagem que concorre para formar um pictograma tende a assumir as características e a transmitir o sentido da total categoria dos objectos a que pertence o objecto em exame” (Massironi, 2010, 118).

As características do pictograma e da própria comunicação visual permitem que se considerem estas ilustrações como pictogramas, pois a sua representação, mesmo que delimitada pelo contexto da história, tem uma leitura mais ampla e partilha de características simbólicas próprias dos elementos de uma mensagem visual.

Conclusão

Perante a realização deste trabalho conseguimos perceber que o papel do Desenho estende-se para lá do projecto e do planeamento da imagem. Compreendemo-lo como uma ferramenta de elevada importância na construção e comunicação da mensagem.

Apercebemo-nos que o Desenho está mais presente na comunicação do que o que pensamos. Tiramos partido das suas características desde cedo, e somos capazes de desenhar conceitos e palavras mesmo antes de as compreendermos e/ou denominarmos.

Estudamos assim o Desenho não só como uma ferramenta a favor da comunicação mas como uma forma de comunicação. Os traços já não se limitam a representar objectos, mas por conterem em si informações e ideias do desenhador servirão como uma mensagem que transmite os pensamentos e os formula no visível permitindo a compreensão alargada do conceito de comunicação.

Compreendemos então, que todos os elementos do Desenho, como forma de comunicação, dependem do processo de leitura e de reconhecimento. Os desenhos primitivos, independentemente dos significados que possam ter, mantinham em si as características da comunicação graças ao reconhecimento e à leitura das imagens.

Avançamos no trabalho e analisamos as imagens. Compreendemos como os antigos filósofos as definiam, desde representações semelhantes a associações dos objectos visíveis e entendemos como essas características são importantes para determinarmos o poder da imagem perante o emissor e o receptor. Estudamos as partes que definem a transmissão da mensagem, e isso permite-nos uma compreensão eficiente da imagem. Ao colocarmo-nos nos devidos lugares perante a interpretação da mensagem garantimos uma comunicação bem-sucedida, isto é, uma mensagem em que o receptor depreende as intenções do emissor.

Relacionar as imagens às formas de comunicação mais antigas que o próprio desenho, os signos e pictogramas, percebemos como os elementos mais básicos da comunicação visual podem conter mensagens tão complexas como as ilustrações mais elaboradas. Um estudo histórico dos pictogramas ajudou-nos a perceber que os seus conceitos vão além da sinalética, dos ícones e dos próprios signos. Entendemos que os pictogramas, definidos por um conceito, pretendem representar uma classe geral e dependem de um contexto e de um reconhecimento, caso contrário todo o propósito da construção de um signo ou de um pictograma fica invalidado por não corresponder com o objectivo da comunicação visual, o de transmitir com sucesso uma mensagem.

Com base nestas características, elaboramos um trabalho prático com o intuito de estudar a eficácia dos signos e dos pictogramas. Inspirados pela história de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, realizamos um conjunto de 25 ilustrações pictóricas que narram visualmente toda a história. O estudo das personagens permitiu que fossem inseridas em conceitos que em separado resultam para representar uma classe, contudo dentro de um contexto, colaboram no entendimento da mensagem visual. Para compreendermos de que maneira o reconhecimento foi influente na definição das ilustrações enquanto pictogramas, realizou-se um breve inquérito onde enfatizamos essas mesmas questões de contextualização e reconhecimento. Os resultados obtidos foram favoráveis e entraram em acordo com os nossos objectivos, os de valorizar a mensagem visual, construída pelos pictogramas, acima da leitura feita pelas palavras.

Como forma de demonstrar a eficácia e utilidade destas imagens realizou-se um livro em que os pictogramas tiveram destaque, narrando a história, fazendo acompanhar-se somente pelas citações que os originaram. O objectivo de compreendermos a história, somente pela leitura das imagens, foi bem-sucedida, de acordo com o estudo realizado. O entendimento das imagens resulta melhor quando inseridas no contexto da história e perante a relação entre elas, como uma forma de desencadear ordeiramente a narrativa.

O texto é apresentado na íntegra, como forma de dar a conhecer a história na sua totalidade. As citações são colocadas em destaque, permitindo que os leitores façam a ligação entre os pictogramas e a história.

Compreendemos que a leitura das imagens depende do reconhecimento visual e do contexto, o que torna possível considerar as ilustrações como pictogramas, por conterem em si as características que definem um pictograma, isto é a sintetização da informação mas garantindo o total entendimento das intenções a comunicar.

O Desenho contribuiu para este facto realizando e organizando todo o processo cognitivo do processamento das ideias em ilustrações.

Concluimos então que a importância do Desenho e das Imagens na Comunicação Visual é mais abrangente e eficaz do que as palavras, e cabe-nos tirar partido das características artísticas e projectivas em prol de uma comunicação eficaz. Percebemos que as imagens resultam numa nova linguagem independente das palavras, com códigos e formas de comunicar muito particulares, o que lhes confere características únicas na sua leitura e no seu entendimento.

Considerando o propósito deste trabalho, a demonstração do papel do Desenho e das imagens na Comunicação Visual, os resultados obtidos podem afirmar que ambos funcionam como uma forma de comunicação e uma linguagem, tão eficaz quanto as palavras. Independentemente do estilo dos traços gráficos, os pictogramas cumpriram com os objectivos para a qual foram criados, ou seja narrarem uma história sem dependerem das palavras para os auxiliar. Com este trabalho compreendemos que a leitura que fazemos de um desenho ou ilustração não depende só das questões técnicas e de construção gráfica dos elementos mas também das questões intelectuais de leitura e reconhecimento, características importantes na determinação do Desenho enquanto forma de Comunicação.

BIBLIOGRAFIA

Livros

AA.VV. - História Universal - Da humanidade pré-histórica ao império bizantino (século VII). 1. ed. Lisboa : Oceano, 1992

ABDULLAH, Rayan; HÜBNER, Roger - Pictograms Icons & Signs - A guide to information graphics. 1. ed. London : Thames & Hudson, 2006.

AICHER, Otl; KRAMPEN, Martin - Sistemas de signos em la comunicación visual. 4. ed. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 1995.

CARROLL, Lewis - Alice no País das Maravilhas [Em linha]. 1.^a. ed. Rio de Janeiro: Editorial Arara Azul, 2002 Disponível em
WWW:<URL:<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/alicep.html>>.

CÔRTE-REAL, Eduardo - O Triunfo da Virtude- As Origens do Desenho Arquitectónico. 1.^o. ed. Lisboa : Livros Horizonte, 2001

COSTA, Joan - Design para os olhos - Marca, Cor, Identidade, Sinalética. 1.^a. ed. Lisboa : Dinalivro, 2011

ECO, Umberto - O Signo. Lisboa : Editorial Presença, 1973

GELB, Ignace J. - Historia de la escritura. 1.^o. ed. Madrid : Alianza Editorial, 1976.

GERVEREAU, Laurent - Ver, compreender, analisar as imagens. 1. ed. Lisboa : Edições 70, 2007.

GOMBRICH, E. M. - La imagen y el ojo : nuevos estudios sobre la psicología de la representación pictórica. 2.^a. ed. Madrid : Alianza Editorial, 1993.

HELLER, Eva - A Psicologia das Cores. 1.^o. ed. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 2007.

HOLANDA, Francisco de – Da Pintura antiga. 1.^a. ed. Lisboa : Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984

HUYGHE, René - O poder da imagem. 1. ed. Lisboa : Edições 70, 1998.

JARDÍ, Enric - Pensar con imágenes. 1.^a. ed. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 2014

- JOLY, Martine - A Imagem e a sua interpretação. 1. ed. Lisboa : Edições 70, 2002.
- JOLY, Martine - A imagem e os signos. 1. ed. Lisboa : Edições 70, 2005
- JOLY, Martine - Introdução à análise da imagem. 1. ed. Lisboa : Edições 70, 2008.
- MASSIRONI, Manfredo - Ver pelo Desenho - Aspectos técnicos, cognitivos, comunicativos. 2. ed. Lisboa : Edições 70, 2010.
- MOLINA, Juan J. Gómez; CABEZAS, Lino; COPÓN, Miguel - Los nombres del dibujo. 1. ed. Madrid : Cátedra, 2005
- MORGAN, JOHN; WELTON, Peter. - See what I mean: An introduction to visual communication. 1.^a ed. London : Arnold, 1986
- PAIVA, Francisco - O que representa o Desenho? - Conceito, objectos e fins do desenho moderno. Covilhã : Universidade da Beira Interior, 2004
- PEIRCE, Charles Sanders - Semiótica. 3.^a ed. São Paulo : Editora Perspectiva, 2000

Referências

- BURTON, Tim – Alice in Wonderland. USA: Disney, 2010. 1 disco óptico (DVD).
- DISNEY, Walt – Alice in Wonderland. USA: Lusomundo/Disney, 1951. 1 disco óptico (DVD)
- MCGEE, American [et.al]. – The art of Alice Madness Returns. 1. ed. [s.l.] : DarkHorse Books, 20

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



DESENHAR PALAVRAS E FALAR IMAGENS

Apêndice

Ana Rita Reis Rocha

Trabalho do Projeto
Mestrado em Desenho

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



DESENHAR PALAVRAS E FALAR IMAGENS

Apêndice

Ana Rita Reis Rocha

Orientado pela Orientada pelo Prof(a). Doutor(a) Margarida Calado

Trabalho do Projeto
Mestrado em Desenho

2014



¹ Conjunto de 25 ilustrações pictóricas referentes a narrativa, *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll

² Fig.1 “...ela correu pelo campo atrás dele, a tempo de vê-lo saltar para dentro de uma grande toca de coelho...”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014

³ Fig.2 “...caiu sobre uma pilha de gravetos e folhas secas e a queda acabou.”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014



⁴ Fig.3 “Alice encontrou uma cortina (...) e atrás dela existia uma pequena porta ...”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014

⁵ Fig.4 “encontrou uma pequena garrafa e amarrada ao redor do gargalo estava uma etiqueta com as palavras «BEBE-ME» (...) “Que sensação estranha “, disse Alice. “Eu devo estar encolhendo...”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014



⁶ Fig.5 “encontrou um pequeno bolo, no qual a palavra «COMA-ME» (...) “Agora eu estou esticando (...). Adeus meus pezinhos!” , *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014

⁷ Fig.6 “Mas logo percebeu que estava no lago de lágrimas que derramara (...) ouviu algo chapinhando no lago um pouco mais adiante e nadou (...) era apenas um rato,...” *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014



⁸ Fig.7 “Eles sentaram-se então em círculo, com o Rato no meio.”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014

⁹ Fig.8 “Nós gostaríamos que você aceitasse esse elegante dedal.”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014



¹⁰ Fig.9 “Alice continuava a crescer e, como último recurso, ela colocou um braço para fora da janela.”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014

¹¹ Fig.10 “um enorme cachorrinho que olhava para ela.”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014



¹² Fig.11 “Ela esticou-se na ponta dos dedos e olhou sobre a margem do cogumelo, seus olhos imediatamente avistaram uma enorme lagarta azul”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014

¹³ Fig.12 “a menina esticou seus braços o mais que pôde em torno do cogumelo e cortou um pedaço da borda com cada mão”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014



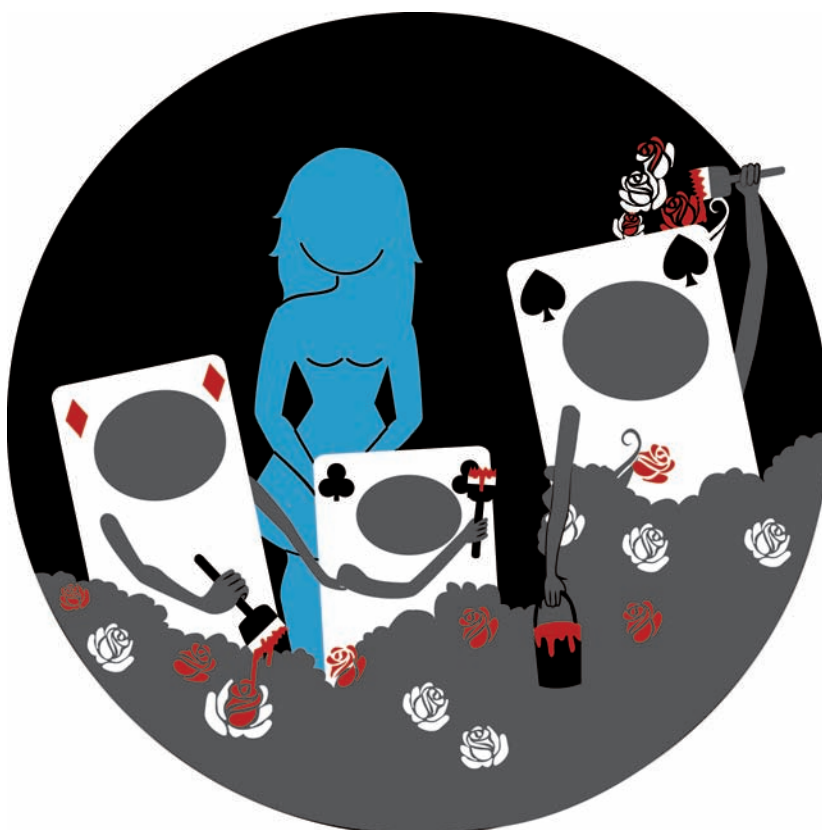
¹⁴ Fig.13 “Alice tentou levar a cabeça até elas (mãos) e descobriu com alegria que o seu pescoço podia tombar facilmente em qualquer direção, como se fosse uma serpente.”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014

¹⁵ Fig.14 “A porta dava directamente para uma grande cozinha (...) a Duquesa estava sentada (...) embalando um bebé.”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014



¹⁶ Fig.15“ Gato de Cheshire sentado sobre o ramo de uma árvore a pouca distância. O Gato apenas sorriu quando viu a Alice...”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014

¹⁷ Fig. 16“Havia uma mesa arrumada(...) a Lebre de Março e o Chapeleiro estavam tomando chá.”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014



¹⁸ Fig.17 “Uma vez mais ela encontrou-se naquela sala (...) começou por apanhar a pequena chave dourada, depois abriu a porta...”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014

¹⁹ Fig.18 “Uma grande roseira imperava na entrada do jardim: as rosas que nela cresciam eram brancas, mas havia três jardineiros que se ocupavam em pintá-las de vermelho.”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014



²⁰ Fig.19 “Meu nome é Alice. às suas ordens Majestade. disse Alice bem educadamente.”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014

²¹ Fig.20 “Alice pensou que ela nunca em sua vida vira um campo de críquete tão curioso (...) as bolas de críquete eram ouriços vivos e os tacos eram flamingos também vivos.”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014



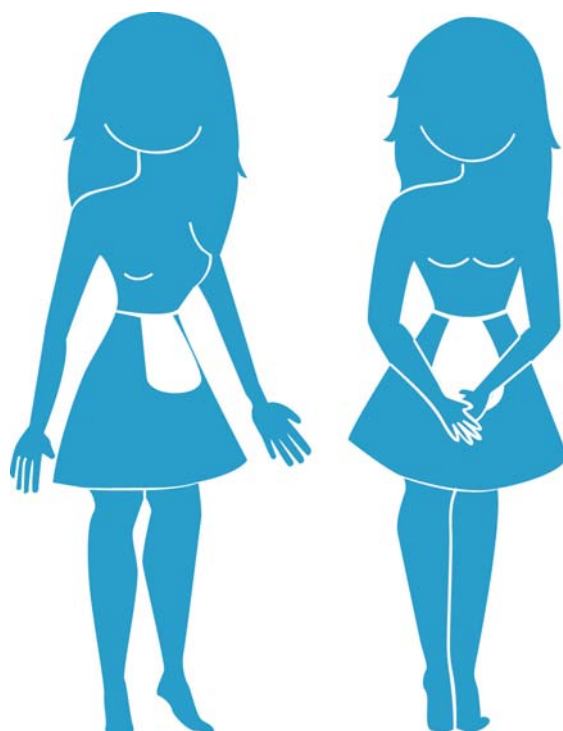
²² Fig. 21 “havia uma discussão entre o carrasco, o Rei e a Rainha, todos falando ao mesmo tempo...”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014

²³ Fig.22 “O Grifo sentou-se e esfregou os olhos (...) a Falsa Tartaruga ao longe, sentada triste e solitária sobre a pequena saliência de uma pedra.”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014



²⁴ Fig.23 “Valete estava parado na frente deles, acorrentado (...)A primeira testemunha era o Chapeleiro (...) A Rainha de Copas fez algumas tortas, Em um dia de Verão: O Valete de Copas roubou todas elas e levou embora sem hesitação””, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014

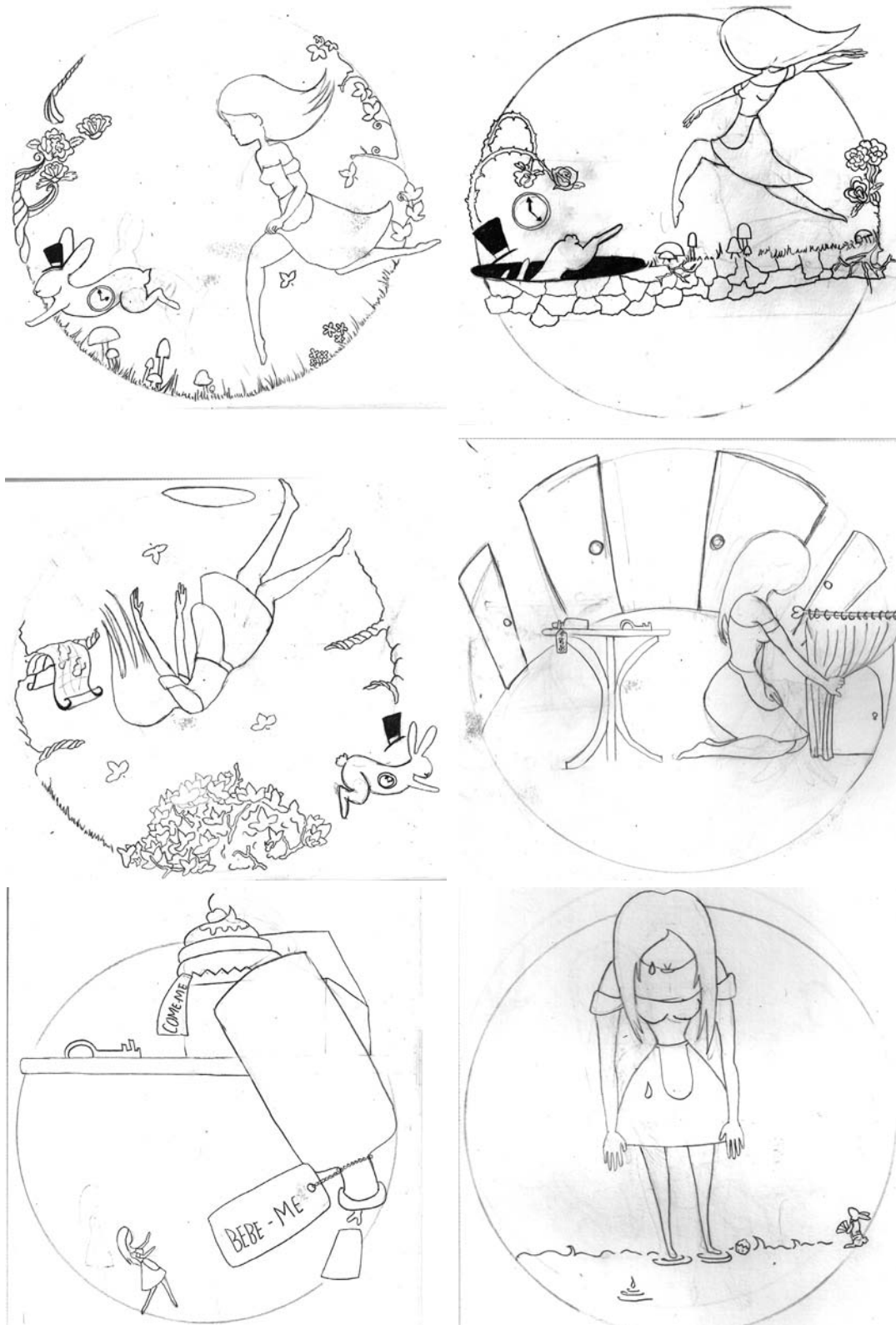
²⁵ Fig.24 “Nesse instante todo o baralho voou no ar, começando depois a cair sobre Alice.”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014



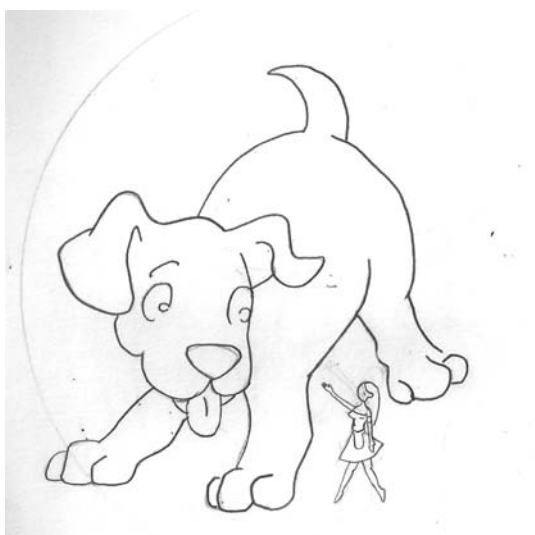
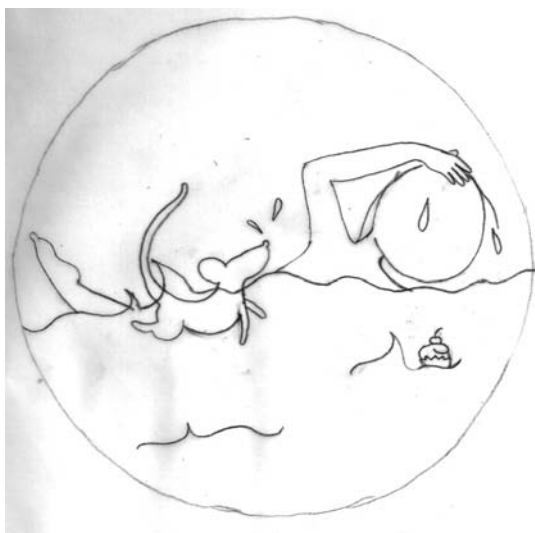
²⁶ Fig.25 “A menina achou-se então deitada no barranco com a cabeça no colo da irmã, que gentilmente afastava algumas folhas secas que tinham caído da árvore.”, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014

²⁷ Fig. 26 Estudo para a personagem Alice, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014

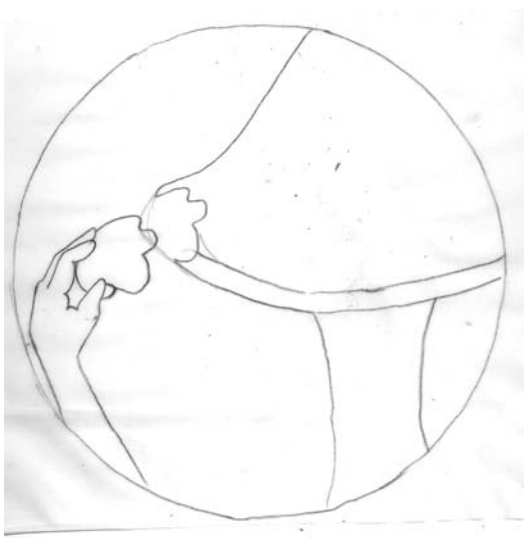
Esboços e Estudos



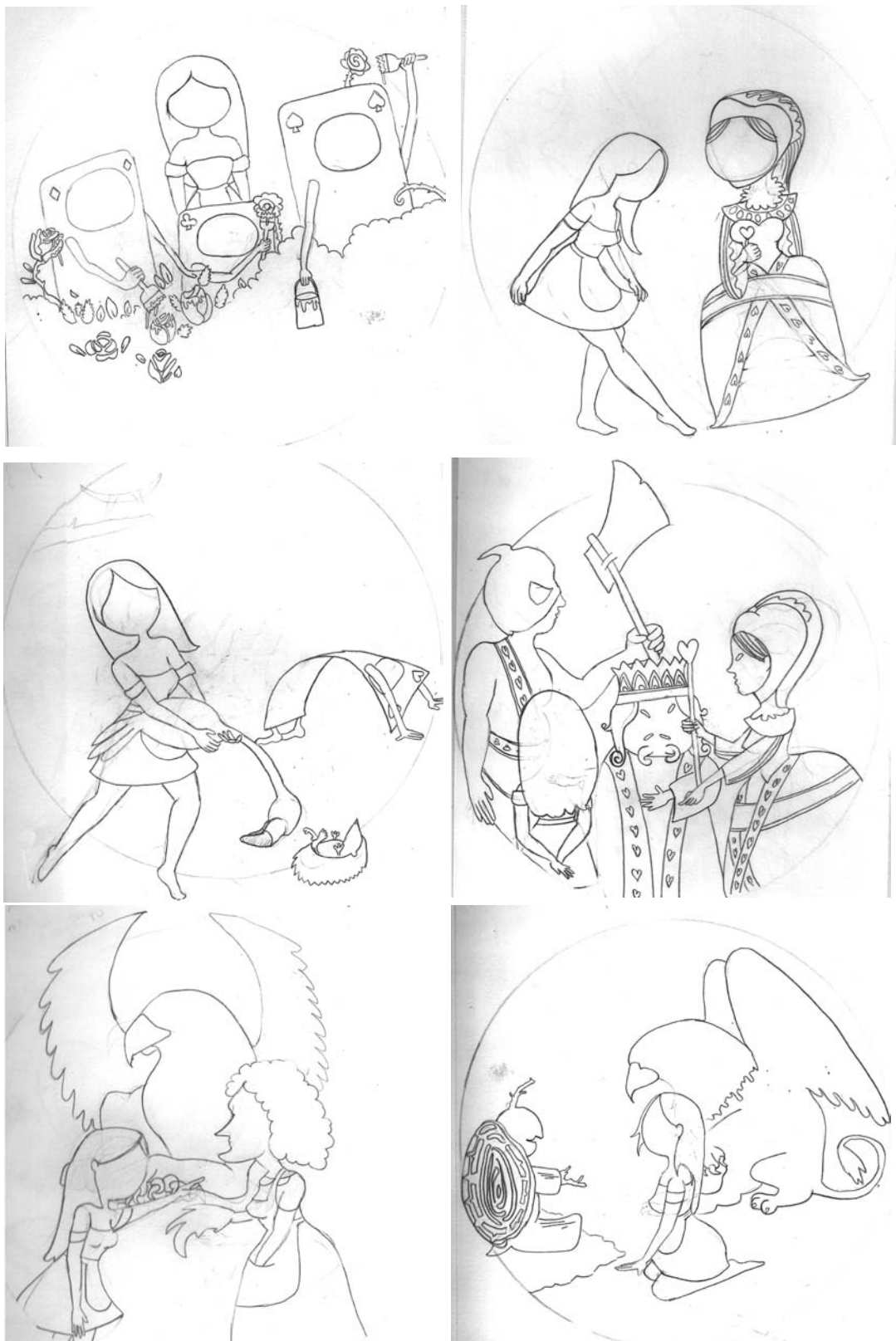
Conjunto de esboços para a realização dos pictogramas, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014



Conjunto de esboços para a realização dos pictogramas, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014



Conjunto de esboços para a realização dos pictogramas, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014



Conjunto de esboços para a realização dos pictogramas, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014



Conjunto de esboços para a realização dos pictogramas, *Alice no País das Maravilhas*, desenho de autor, 2014

7. Inserir a personagem num contexto, reconhece a personagem? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não



Inserir a personagem num contexto, reconhece a personagem?



Sim 58 95%

Não 3 5%

O reconhecimento é feito pelo meio de traços pré-existentes e "certos traços de reconhecimento do objecto devem absolutamente reproduzir-se para se poder reconhecer o próprio objecto." (Eco, 1977)

"Para o reconhecimento de algo como um ícone, é necessário que culturalmente existam fundamentações que apoiem esse reconhecimento, tal como os "traços de reconhecimento" pois não se apelida de signo icónico um objecto desconhecido." (Eco, 1977)



8. Com base na lista de referências acima apresentada, consegue associar a IMAGEM 1 a elas? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

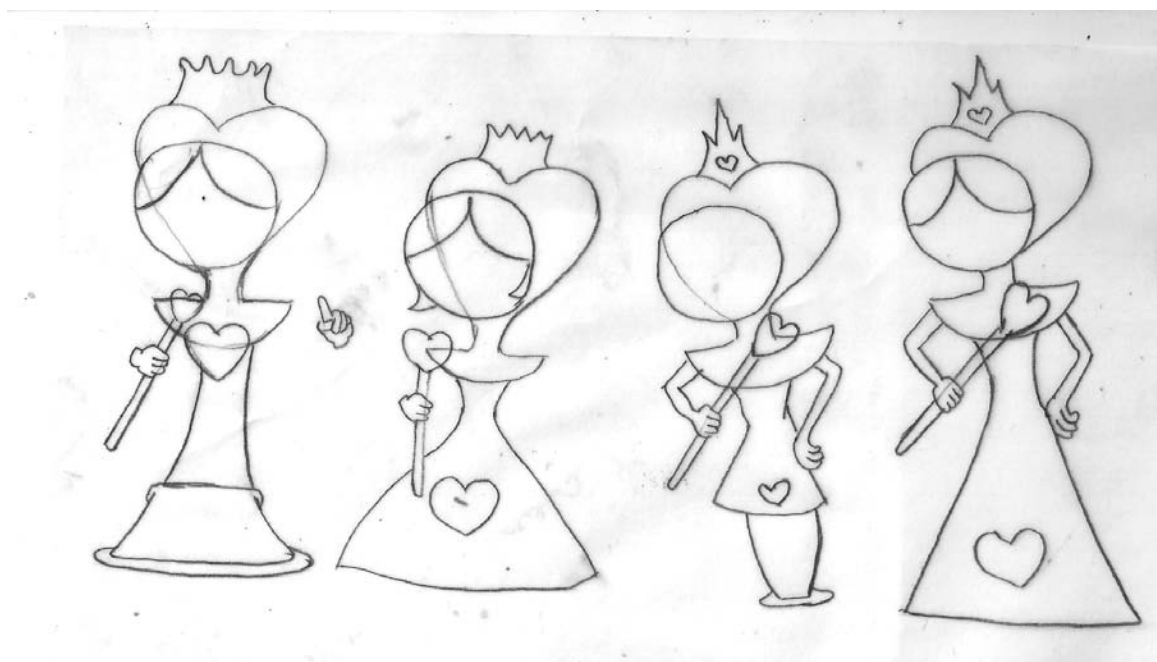
☐ Não

Com base na lista de referências acima apresentada, consegue associar a IMAGEM 1 a elas?



Sim 52 85%

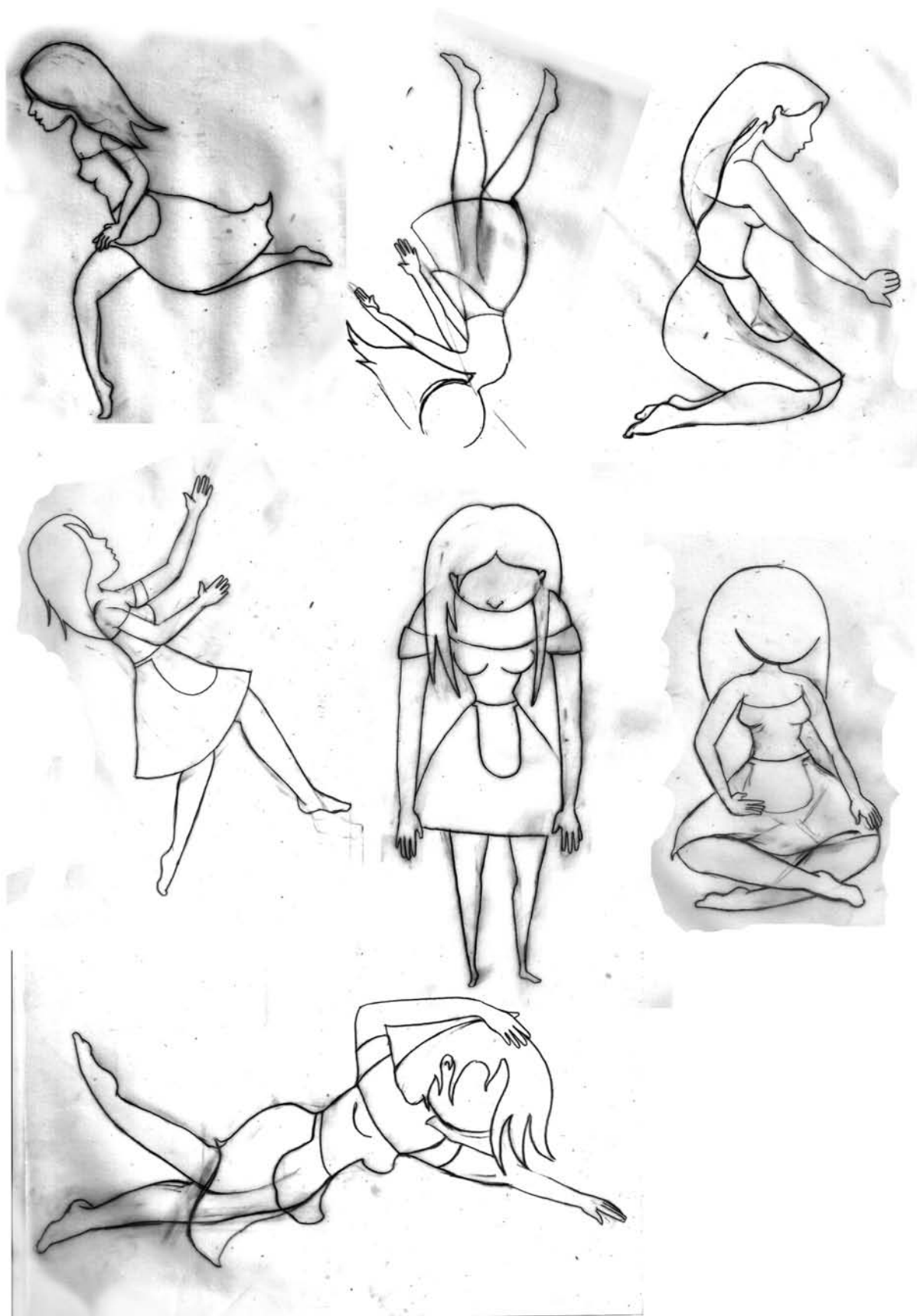
Não 9 15%



Conjunto de 25 ilustrações pictóricas referentes a narrativa, Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll

2ª "...ela correu pelo campo atrás dele, a tempo de vê-lo saltar para dentro de uma grande toca de coelho..."

Conjunto de esboços para a realização dos pictogramas, estudo da Rainha e Copas e do Gato de Cheshire
 Alice no País das Maravilhas, desenho de autor, 2014



¹ Conjunto de 25 ilustrações pictóricas referentes a narrativa, Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll

² "...ela correu pelo campo atrás dele, a tempo de vê-lo saltar para dentro de uma grande toca de coelho..."

Conjunto de desenhos para a realização de um pictograma a partir de poses e melhoramento da figura da Alice, Alice no País das Maravilhas, desenho de autor, 2014

O Desenho e a Comunicação Visual- Signos, Ícones e Pictogramas

Este inquérito é anónimo e voluntário e foi elaborado para o apoio à realização de uma pesquisa para uma dissertação de Mestrado sobre " O Desenho e a Comunicação Visual- Signos, Ícones e Pictogramas. Peço o máximo de atenção às questões e às imagens. Agradeço desde já a sua colaboração.

***Obrigatório**

1. Idade *

.....

2. Sexo *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Feminino
☐ Masculino

3. Grau de Escolaridade *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 9.º ano
☐ 12º. ano
☐ Licenciatura
☐ Bacharelato
☐ Pós-Graduação
☐ Mestrado
☐ Doutoramento

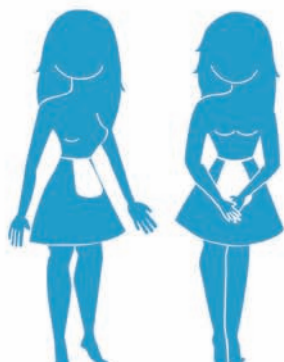
4. Profissão *

.....

Ilustração de uma Narrativa com recurso a ilustrações iconográficas.

As imagens que se seguem foram realizadas para parte prática da dissertação de Mestrado. Peço que tenham atenção às respostas dadas pois é muito importante uma avaliação correcta. Obrigado.

²⁸ Inquérito feito a um grupo de pessoas sobre o reconhecimento dos pictogramas realizados para a narrativa, *Alice no País das Maravilhas*. Optamos por apresentar somente as questões referidas no trabalho teórico com as respostas em paralelo de modo a facilitar a compreensão do mesmo. Para mais informações e detalhes alargados sobre o questionário e respostas consultar o Apêndice Digital que contém o inquérito na íntegra.



5. **Reconhece a figura acima apresentada? ***

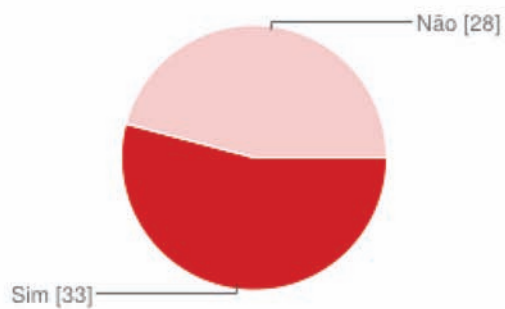
Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

6. **Se sim, refira o nome ou algo identificativo?**

Reconhece a figura acima apresentada?



Sim	33	54%
Não	28	46%

Para melhor poder responder apresento-lhe a opinião de vários autores sobre o conceito de ícone e signo.

"um ícone não é um signo que se assemelha ao próprio objecto porque o reproduz, mas é antes um signo baseado em modalidades particulares de produção" (Eco, 1977)

"o único modo de comunicar directamente uma ideia é por meio de um ícone" (Peirce, 1931-35)

Peço o máximo de atenção na leitura das questões e na resposta apresentada, a importância em obter dados correctos é importante para a análise a realizar na dissertação.

Agradeço desde já a disponibilidade para responder a este questionário.

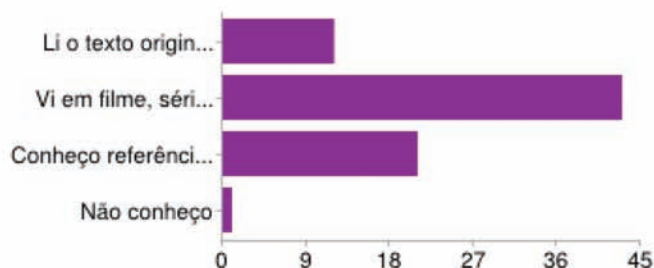
9. Conhece a história? *

Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Li o texto original "Alice no País das Maravilhas" de Lewis Carroll.
- ☐ Vi em filme, séries ou animação
- ☐ Conheço referências e partes da história mas não a sua totalidade.
- ☐ Não conheço

Conhece a história?



Li o texto original "Alice no País das Maravilhas" de Lewis Carroll.	12	20%
Vi em filme, séries ou animação	43	70%
Conheço referências e partes da história mas não a sua totalidade.	21	34%
Não conheço	1	2%

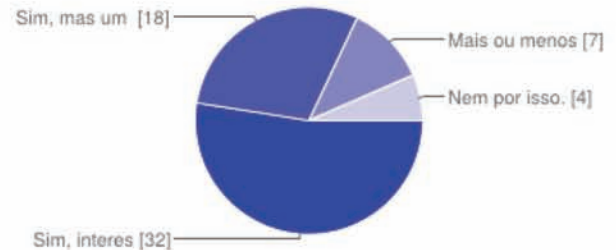


63. **Achou interessante este tipo de ilustração? ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim, interessante e diferente
- ☐ Sim, mas um pouco confuso
- ☐ Mais ou menos
- ☐ Nem por isso.

Achou interessante este tipo de ilustração?



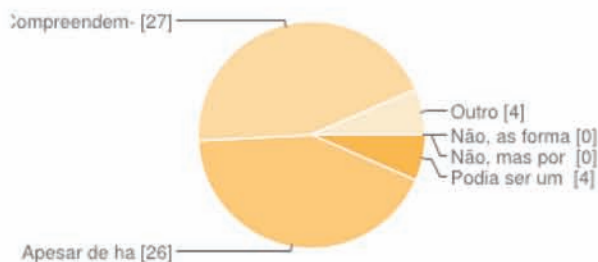
Sim, interessante e diferente	32	52%
Sim, mas um pouco confuso	18	30%
Mais ou menos	7	11%
Nem por isso.	4	7%

64. **O estilo gráfico ajuda ao reconhecimento? ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não, as formas são demasiado confusas
- ☐ Não, mas por outra razão que não a referida anteriormente
- ☐ Podia ser um estilo mais simples e claro que simplificasse o desenho
- ☐ Apesar de haver uma certa dificuldade, consegue perceber-se o essencial
- ☐ Compreendem-se bem as figuras e a acção delas.
- ☐ Outra: _____

O estilo gráfico ajuda ao reconhecimento?



Não, as formas são demasiado confusas	0	0%
Não, mas por outra razão que não a referida anteriormente	0	0%
Podia ser um estilo mais simples e claro que simplificasse o desenho	4	7%
Apesar de haver uma certa dificuldade, consegue perceber-se o essencial	26	43%
Compreendem-se bem as figuras e a acção delas.	27	44%
Outro	4	7%

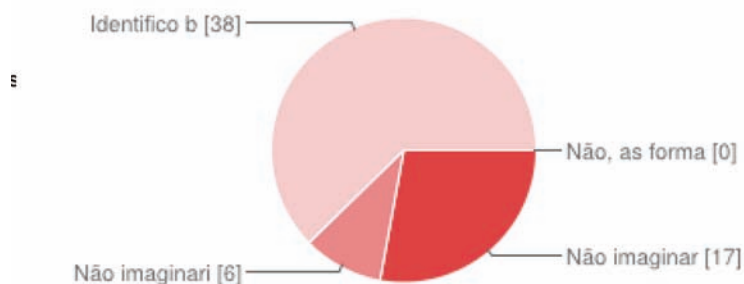
65. O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história? *

Referente à personagem Alice

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não, as formas são demasiado confusas
- ☐ Não imaginaria a Alice assim mas a representação é facil de reconhecimento
- ☐ Não imaginaria a Alice assim e considero que está deslocada da história original
- ☐ Identifico bem a personagem e o estilo agrada-me.

O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história?



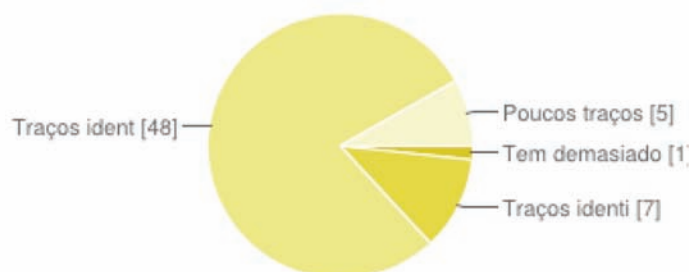
Não, as formas são demasiado confusas	0	0%
Não imaginaria a Alice assim mas a representação é facil de reconhecimento	17	28%
Não imaginaria a Alice assim e considero que está deslocada da história original	6	10%
Identifico bem a personagem e o estilo agrada-me.	38	62%

66. Quanto à representação da figura humana, considera que... *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Tem demasiados traços identificativos, que geram conflito entre si.
- ☐ Traços identificativos que não relaciono com a personagem.
- ☐ Traços identificativos adequados à história e a ilustração pictográfica
- ☐ Poucos traços identificativos, o que torna o reconhecimento mais difícil

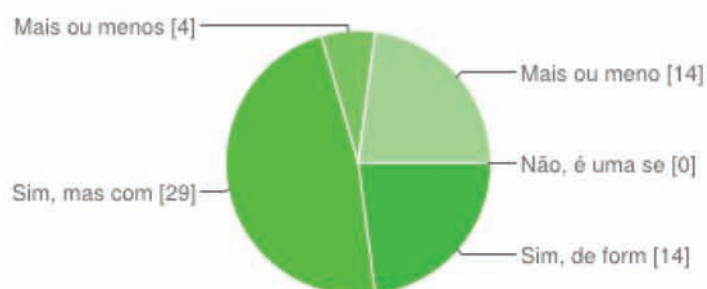
Quanto à representação da figura humana, considera que...



Tem demasiados traços identificativos, que geram conflito entre si.	1	2%
Traços identificativos que não relaciono com a personagem.	7	11%
Traços identificativos adequados à história e a ilustração pictográfica	48	79%
Poucos traços identificativos, o que torna o reconhecimento mais difícil	5	8%



Através da sequência de imagens apresentada, conseguiu ter noção da história como um todo?



Sim, de forma clara e rápida	14	23%
Sim, mas com alguma dificuldade a dado momento	29	48%
Mais ou menos, conheci-a a história mas não associaria assim a essas imagens	4	7%
Mais ou menos, não conheço muito bem a história.	14	23%
Não, é uma sequência muito confusa.	0	0%

20/1C 68. **Considera o número de cenas/ ilustrações suficientes para o bom entendimento da história? ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim, mas até têm de mais.
- ☐ Sim, são as necessárias
- ☐ Não, são poucas.

Considera o número de cenas/ ilustrações suficientes para o bom entendimento da história?



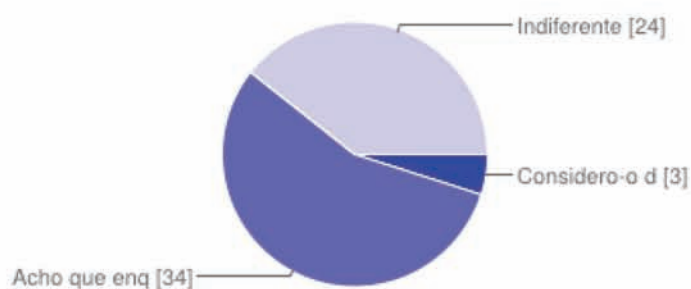
Sim, mas até têm de mais.	6	10%
Sim, são as necessárias	45	74%
Não, são poucas.	10	16%

70. **Considera útil e eficaz a utilização do círculo como fundo? ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Considero-o desnecessário
- ☐ Acho que enquadra bem a acção e a imagem
- ☐ Indiferente

Considera útil e eficaz a utilização do círculo como fundo?



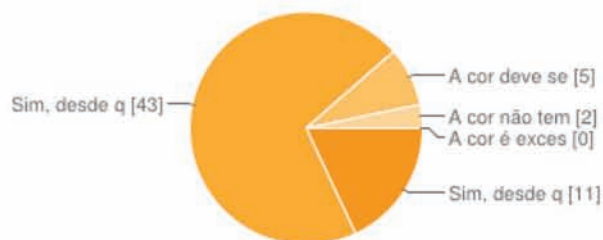
Considero-o desnecessário	3	5%
Acho que enquadra bem a acção e a imagem	34	56%
Indiferente	24	39%

71. **Considera importante a simbologia da cor para a caracterização e a definição das personagens na mensagem visual? ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim, desde que seja reconhecível o seu significado, o que não é o caso
- ☐ Sim, desde que seja reconhecível o seu significado, como acontece neste caso.
- ☐ A cor deve ser secundária na comunicação.
- ☐ A cor não tem qualquer utilidade a não ser a distinguir formas
- ☐ A cor é excessiva e não confere nada de novo nem de simbólico à ilustração.

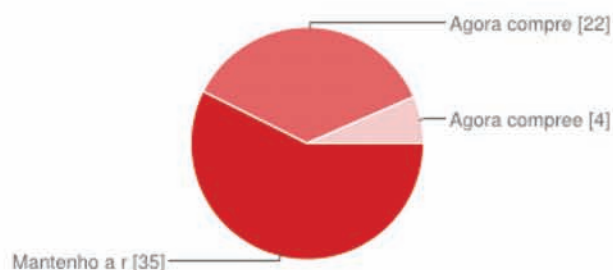
Considera importante a simbologia da cor para a caracterização e a definição das personagens na mensagem visual?



Sim, desde que seja reconhecível o seu significado, o que não é o caso	11	18%
Sim, desde que seja reconhecível o seu significado, como acontece neste caso.	43	70%
A cor deve ser secundária na comunicação.	5	8%
A cor não tem qualquer utilidade a não ser a distinguir formas	2	3%
A cor é excessiva e não confere nada de novo nem de simbólico à ilustração.	0	0%

“O azul é a cor daquelas ideias cuja realização se encontra distante. O violeta simboliza o lado irreal da fantasia- o fantástico. O cor-de-laranja, a terceira cor da fantasia, simboliza o prazer das ideias loucas. O Azul-violeta-cor-de-laranja é a combinação da fantasia.” (Heller, 2007) A utilização do vermelho em oposição ao azul no “Bebe-me”/ “Come-me” é por serem cores complementares e ao mesmo tempo

Após a explicação das cores usadas, considera importante a cor para a caracterização e definição das personagens na mensagem visual?

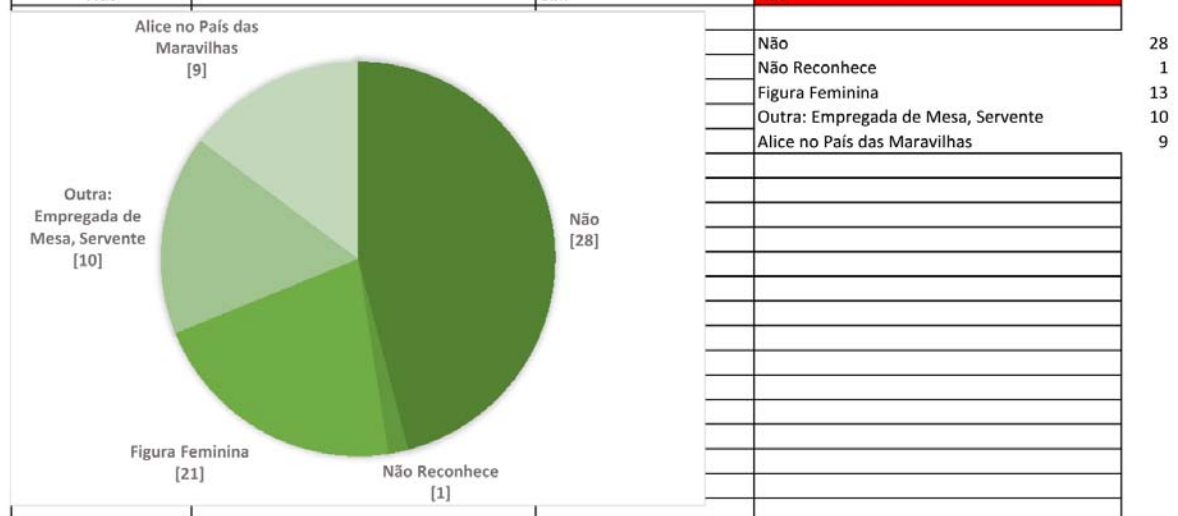


Mantenho a resposta acima referida.	35	57%
Agora compreendo melhor o trabalho, por isso considero a cor importante	22	36%
Agora compreendo melhor o trabalho, mas não acho a cor importante.	4	7%

Reconhece a figura acima apresentada?	Se sim, refira o nome ou algo identificativo?	Inserida a personagem num contexto, reconhece a personagem?	Se sim, refira o nome ou algo identificativo? Extrapolação de respostas
Sim	Alice	Sim	Alice no País das Maravilhas
Sim	Mulher	Sim	Figura feminina
Sim		Sim	Não responde
Não	Alice no País das Maravilhas	Sim	Não
Sim	Alice	Sim	Alice no País das Maravilhas
Sim	Alice	Sim	Alice no País das Maravilhas
Sim	Senhora, Empregada de mesa	Não	Outra: Empregada de Mesa, Servente
Sim	Mulher - Servente	Sim	Outra: Empregada de Mesa, Servente
Não		Sim	Não
Sim	Empregada domestica	Sim	Outra: Empregada de Mesa, Servente
Sim	Uma rapariga	Sim	Figura feminina
Não		Sim	Não
Não		Sim	Não
Sim	Alice	Sim	Alice no País das Maravilhas
Sim	Alice no País das Maravilhas	Sim	Alice no País das Maravilhas
Não		Sim	Não
Não		Sim	Não
Sim	empregada	Sim	Outra: Empregada de Mesa, Servente
Não		Sim	Não
Não		Sim	Não
Não		Sim	Não
Não		Sim	Não
Não		Sim	Não
Não		Sim	Não
Sim	empregada	Sim	Outra: Empregada de Mesa, Servente
Sim	figura feminina	Sim	Figura feminina
Sim	figura feminina	Sim	Figura feminina
Sim	Alice no País das maravilhas	Sim	Alice no País das Maravilhas
Sim	menina	Sim	Figura feminina
Sim	mulher	Sim	Figura feminina
Sim	Empregada de limpeza/ de mesa	Sim	Outra: Empregada de Mesa, Servente
Não		Sim	Não
Sim	mulher	Sim	Figura feminina

Este quadro foi realizado a partir da extrapolação de dados referentes ao reconhecimento da figura e respectiva associação ou não, com a personagem Alice ou outras.

Não		Sim	Não
Sim	uma empregada	Sim	Figura feminina
Não		Sim	Não
Sim	Menina	Sim	Figura feminina
Não		Sim	Não
Sim	Mulher de avental	Sim	Outra: Empregada de Mesa, Servente
Não		Sim	Não
Sim	mulher	Não	Figura feminina
Sim	Mulher	Sim	Figura feminina
Não		Sim	Não
Não		Sim	Não
Não		Sim	Não
Sim	Mulher	Sim	Figura feminina
Sim	Empregada de Limpeza	Sim	Outra: Empregada de Mesa, Servente
Sim	Alice	Sim	Alice no País das Maravilhas
Não		Sim	Não
Não	Alice no país das maravilhas	Sim	Não
Sim	empregada doméstica	Sim	Outra: Empregada de Mesa, Servente
Não		Sim	Não
Sim	mulher	Sim	Figura feminina
Não		Sim	Não
Sim	DOMESTICA	Não	Outra: Empregada de Mesa, Servente
Não		Sim	Não
Sim	Alice no País das Maravilhas	Sim	Alice no País das Maravilhas
Sim	Alice	Sim	Alice no País das Maravilhas
Não		Sim	Não
Não		Sim	Não



O Desenho e a Comunicação Visual- Signos, Ícones e Pictogramas

Este inquérito é anónimo e voluntário e foi elaborado para o apoio à realização de uma pesquisa para uma dissertação de Mestrado sobre " O Desenho e a Comunicação Visual- Signos, Ícones e Pictogramas. Peço o máximo de atenção às questões e às imagens. Agradeço desde já a sua colaboração.

***Obrigatório**

1. Idade *

.....

2. Sexo *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino

3. Grau de Escolaridade *

Marcar apenas uma oval.

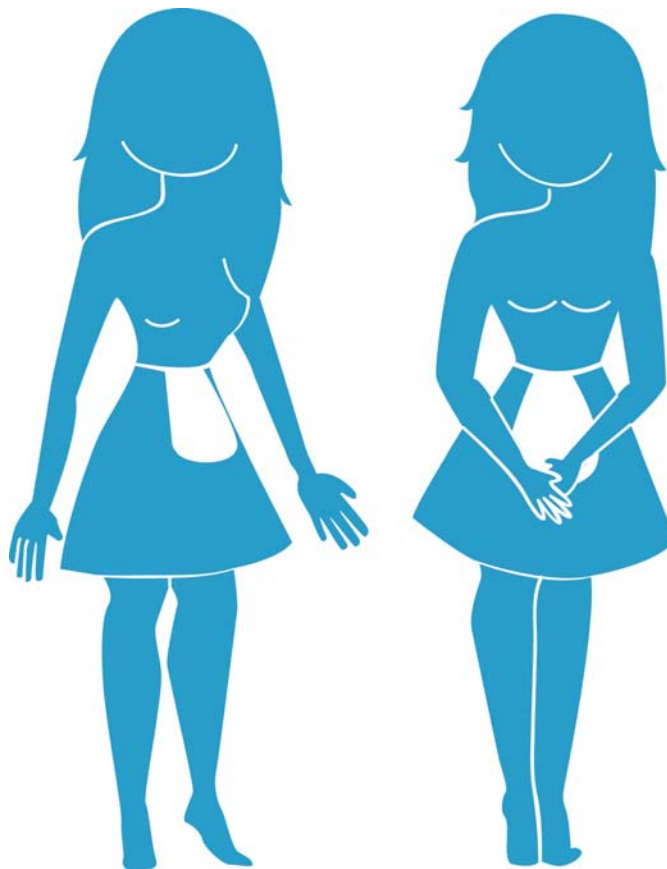
- ☐ 9.º ano
- ☐ 12º. ano
- ☐ Licenciatura
- ☐ Bacharelato
- ☐ Pós-Graduação
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento

4. Profissão *

.....

Ilustração de uma Narrativa com recurso a ilustrações iconográficas.

As imagens que se seguem foram realizadas para parte prática da dissertação de Mestrado. Peço que tenham atenção às respostas dadas pois é muito importante uma avaliação correcta. Obrigado.



5. Reconhece a figura acima apresentada? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

6. Se sim, refira o nome ou algo identificativo?

.....



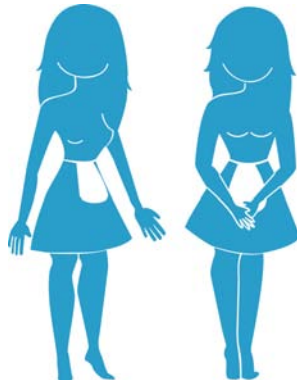
7. **Inserida a personagem num contexto, reconhece a personagem? ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

O reconhecimento é feito pelo meio de traços pré-existentis e "certos traços de reconhecimento do objecto devem absolutamente reproduzir-se para se poder reconhecer o próprio objecto." (Eco, 1977)

"Para o reconhecimento de algo como um ícone, é necessário que culturalmente existam fundamentações que apoiem esse reconhecimento, tal como os "traços de reconhecimento" pois não se apelida de signo icónico um objecto desconhecido." (Eco, 1977)



8. **Com base na lista de referências acima apresentada, consegue associar a IMAGEM 1 a elas? ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

Análise do Projecto

As imagens apresentadas correspondem ao projecto prático de Mestrado em Desenho, cujo tema da dissertação é sobre Desenho e Signos.

São ilustrações icónicas que narram a história "Alice no País das Maravilhas" de Lewis Carroll. O objectivo deste trabalho é por meio do desenho desenvolver um reconhecimento visual dos objectos, para tal, e inspirada na história de Lewis Carroll, conhecida de muitos, criei uma série de ilustrações que narram visualmente os acontecimentos.

Ao longo das perguntas seguintes são apresentadas citações que ajudam a identificar a "cena" na história. O objectivo deste questionário é perceber o grau de reconhecimento das ilustrações e se foi um trabalho bem sucedido na área da leitura visual e da construção icónica.

Para melhor poder responder apresento-lhe a opinião de vários autores sobre o conceito de ícone e signo.

"um ícone não é um signo que se assemelha ao próprio objecto porque o reproduz, mas é antes um signo baseado em modalidades particulares de produção" (Eco, 1977)

"o único modo de comunicar directamente uma ideia é por meio de um ícone" (Peirce, 1931-35)

Peço o máximo de atenção na leitura das questões e na resposta apresentada, a importância em obter dados correctos é importante para a análise a realizar na dissertação.

Agradeço desde já a disponibilidade para responder a este questionário.

9. Conhece a história? *

Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Li o texto original "Alice no País das Maravilhas" de Lewis Carroll.
- ☐ Vi em filme, séries ou animação
- ☐ Conheço referências e partes da história mas não a sua totalidade.
- ☐ Não conheço

Conj. 1

"Ela correu pelo campo atrás dele, a tempo de vê-lo saltar para dentro de uma grande toca de coelho..." (img1)

"Alice não teve um momento sequer para pensar antes de já se encontrar caindo no que parecia ser bastante fundo (...) caiu sobre uma pilha de gravetos e folhas secas e a queda acabou." (img2)

"Encontrou uma cortina que não havia percebido antes e atrás da dela existia uma pequena porta." (img3)



10. Identificação e Reconhecimento *

Faça uma avaliação geral ao conjunto das três ilustrações, respondendo da forma que mais se aproxima do seu reconhecimento, por exemplo se identificou apenas uma das ilustrações na História responda "Com dificuldade", Se reconheceu duas, ou mais responda "Sim".

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não	Com dificuldade	Sim
Identificou a ilustração na História	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Identificou a ilustração sem recorrer à citação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Relaciona a ilustração com o citação transcrita	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A presença de elementos simbólicos ajuda na leitura integral da imagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

11. Identificou mais alguma personagem, além da Alice sem recorrer à citação? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

12. Refira que outra (s) personagem identificou sem recorrer à citação?

.....

13. Análise do estilo gráfico e da cor *

Este trabalho foi realizado segundo as definições de ícone com um cunho pessoal no estilo, e pretende avaliar-se se o estilo de desenho se adequa ao entendimento da mensagem ou se pelo contrário confunde.

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não	Sim, mas com dificuldade	Sim, facilmente
O estilo gráfico é apelativo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconhece as figuras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A figura humana é perceptível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A acção desempenhada pelas figuras é perceptível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconhece a(s) figura(s) animal(ais)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Concorda que a cor ajuda na leitura da imagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Concorda que a cor ajuda no reconhecimento das personagens	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

14. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 1 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconheci com facilidade			

15. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 2 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

1 2 3

Muito difícil de reconhecer ☐ ☐ ☐ Reconheci com facilidade

16. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 3 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

1 2 3

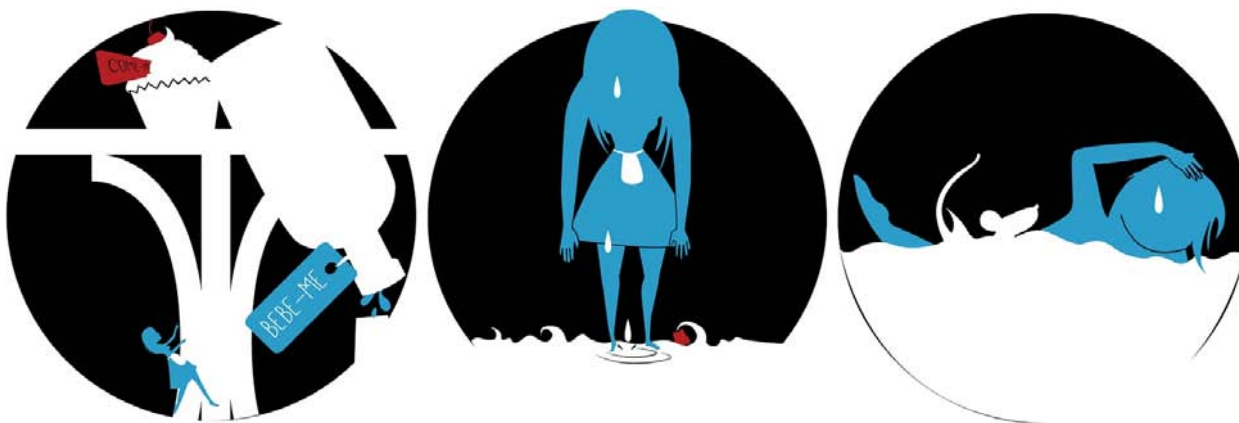
Muito difícil de reconhecer ☐ ☐ ☐ Reconheci com facilidade

Conj. 2

"encontrou uma pequena garrafa e amarrada ao redor do gargalo estava um etiqueta com as palavras «BEBA-ME» (...) "Que sensação estranha ", disse Alice. "Eu devo estar encolhendo como um telescópio!" (img 4)

"caixa de vidro que jazia sob a mesa: ela abriu-a e encontrou um pequeno bolo, no qual a palavra «COMA-ME» (...) "Agora eu estou esticando (...). Adeus meus pezinhos!" (img 5)

"Mas logo percebeu que estava no lago de lágrimas que derramara quando estava com dois metros e meio de altura (...) ouviu algo chapinhando no lago um pouco mais adiante e nadou (...) era apenas um rato, que tinha escorregado... " (img 6)



17. Identificação e Reconhecimento *

Faça uma avaliação geral ao conjunto das três ilustrações, respondendo da forma que mais se aproxima do seu reconhecimento, por exemplo se identificou apenas uma das ilustrações na História responda "Com dificuldade", Se reconheceu duas, ou mais responda "Sim".

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não	Com dificuldade	Sim
Identificou a ilustração na História	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Identificou a ilustração sem recorrer à citação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Relaciona a ilustração com o citação transcrita	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A presença de elementos simbólicos ajuda na leitura integral da imagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

18. Análise do estilo gráfico e da cor *

Este trabalho foi realizado segundo as definições de icone com um cunho pessoal no estilo, e pretende avaliar-se se o estilo de desenho se adequa ao entendimento da mensagem ou se pelo contrário confunde.

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não	Sim, mas com dificuldade	Sim, facilmente
O estilo gráfico é apelativo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconhece ambas as figuras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A figura humana é perceptível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A acção desempenhada pelas figuras é perceptível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconhece a(s) figura(s) animal(ais)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Concorda que a cor ajuda na leitura da imagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Concorda que a cor ajuda no reconhecimento das personagens	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

19. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 4 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

20. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 5 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

21. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 6 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

Conj. 3

"Eles sentaram-se então em círculo, com o Rato no meio." (img7)

"Nós gostaríamos que você aceitasse esse elegante dedal." (img8)

"Alice continuava a crescer e, como último recurso, ela colocou um braço para fora da janela." (img9l)

**22. Identificação e Reconhecimento ***

Faça uma avaliação geral ao conjunto das três ilustrações, respondendo da forma que mais se aproxima do seu reconhecimento, por exemplo se identificou apenas uma das ilustrações na História responda "Com dificuldade", Se reconheceu duas, ou mais responda "Sim".

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não	Com dificuldade	Sim
Identificou a ilustração na História	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Identificou a ilustração sem recorrer à citação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Relaciona a ilustração com o citação transcrita	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A presença de elementos simbólicos ajuda na leitura integral da imagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

23. Análise do estilo gráfico e da cor *

Este trabalho foi realizado segundo as definições de ícone com um cunho pessoal no estilo, e pretende avaliar-se se o estilo de desenho se adequa ao entendimento da mensagem ou se pelo contrário confunde.

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não	Sim, mas com dificuldade	Sim, facilmente
O estilo gráfico é apelativo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconhece ambas as figuras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A figura humana é perceptível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A acção desempenhada pelas figuras é perceptível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconhece a(s) figura(s) animal(ais)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Concorda que a cor ajuda na leitura da imagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Concorda que a cor ajuda no reconhecimento das personagens	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

24. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 7 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

25. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 8 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

26. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 9 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

Conj.4

"um enorme cachorrinho que olhava para ela." (img 10)

"Ela esticou-se na ponta dos dedos e olhou sobre a margem do cogumelo, seus olhos imediatamente avistaram uma enorme lagarta azul" (img 11)

"a menina esticou seus braços o mais que pôde em torno do cogumelo e cortou um pedaço da borda

com cada mão" (img 12)



27. Identificação e Reconhecimento *

Faça uma avaliação geral ao conjunto das três ilustrações, respondendo da forma que mais se aproxima do seu reconhecimento, por exemplo se identificou apenas uma das ilustrações na História responda "Com dificuldade", Se reconheceu duas, ou mais responda "Sim".

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não	Com dificuldade	Sim
Identificou a ilustração na História	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Identificou a ilustração sem recorrer à citação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Relaciona a ilustração com o citação transcrita	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A presença de elementos simbólicos ajuda na leitura integral da imagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

28. Identificou mais alguma personagem, além da Alice sem recorrer à citação? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

29. Refira que outra (s) personagem identificou sem recorrer à citação?

.....

30. Análise do estilo gráfico e da cor *

Este trabalho foi realizado segundo as definições de ícone com um cunho pessoal no estilo, e pretende avaliar-se se o estilo de desenho se adequa ao entendimento da mensagem ou se pelo contrário confunde.

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não	Sim, mas com dificuldade	Sim, facilmente
O estilo gráfico é apelativo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconhece ambas as figuras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A figura humana é perceptível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A acção desempenhada pelas figuras é perceptível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconhece a(s) figura(s) animal(ais)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Concorda que a cor ajuda na leitura da imagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Concorda que a cor ajuda no reconhecimento das personagens	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

31. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 10 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

32. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 11 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

33. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 12 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

Conj. 5

"Alice tentou levar a cabeça até elas (mãos) e descobriu com alegria que o seu pescoço podia tombar facilmente em qualquer direção, como se fosse uma serpente." (img 13)

"A porta dava directamente para uma grande cozinha...a Duquesa estava sentada num tamborete de três pernas bem no meio, embalando um bebé." (img 14)

" Gato de Cheshire sentado sobre o ramo de uma árvore a pouca distância. O Gato apenas sorriu quando viu a Alice..." (img 15)



34. Identificação e Reconhecimento *

Faça uma avaliação geral ao conjunto das três ilustrações, respondendo da forma que mais se aproxima do seu reconhecimento, por exemplo se identificou apenas uma das ilustrações na História responda "Com dificuldade", Se reconheceu duas, ou mais responda "Sim".

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não	Com dificuldade	Sim
Identificou a ilustração na História	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Identificou a ilustração sem recorrer à citação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Relaciona a ilustração com o citação transcrita	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A presença de elementos simbólicos ajuda na leitura integral da imagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

35. Identificou mais alguma personagem, além da Alice sem recorrer à citação? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

36. Refira que outra (s) personagem identificou sem recorrer à citação?

.....

37. Análise do estilo gráfico e da cor *

Este trabalho foi realizado segundo as definições de ícone com um cunho pessoal no estilo, e pretende avaliar-se se o estilo de desenho se adequa ao entendimento da mensagem ou se pelo contrário confunde.

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não	Sim, mas com dificuldade	Sim, facilmente
O estilo gráfico é apelativo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconhece ambas as figuras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A figura humana é perceptível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A acção desempenhada pelas figuras é perceptível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconhece a(s) figura(s) animal(ais)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Concorda que a cor ajuda na leitura da imagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Concorda que a cor ajuda no reconhecimento das personagens	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

38. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 13 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

39. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 14 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

40. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 15 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

Conj. 6

"Havia uma mesa arrumada embaixo de uma árvore em frente à casa, e a Lebre de Março e o Chapeleiro estavam tomando chá; um Leirão estava sentado entre os dois." (img 16l)

"Uma vez mais ela encontrou-se naquela sala (...) começou por apanhar a pequena chave dourada, depois abriu a porta..." (img 17)

"Uma grande roseira imperava na entrada do jardim: as rosas que nela cresciam eram brancas, mas havia três jardineiros que se ocupavam em pintá-las de vermelho." (img 18)



41. Identificação e Reconhecimento *

Faça uma avaliação geral ao conjunto das três ilustrações, respondendo da forma que mais se aproxima do seu reconhecimento, por exemplo se identificou apenas uma das ilustrações na História responda "Com dificuldade", Se reconheceu duas, ou mais responda "Sim".

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não	Com dificuldade	Sim
Identificou a ilustração na História	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Identificou a ilustração sem recorrer à citação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Relaciona a ilustração com o citação transcrita	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A presença de elementos simbólicos ajuda na leitura integral da imagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

42. Identificou mais alguma personagem, além da Alice sem recorrer à citação? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

43. Refira que outra (s) personagem identificou sem recorrer à citação?

.....

44. Análise do estilo gráfico e da cor *

Este trabalho foi realizado segundo as definições de ícone com um cunho pessoal no estilo, e pretende avaliar-se se o estilo de desenho se adequa ao entendimento da mensagem ou se pelo contrário confunde.

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não	Sim, mas com dificuldade	Sim, facilmente
O estilo gráfico é apelativo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconhece ambas as figuras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A figura humana é perceptível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A acção desempenhada pelas figuras é perceptível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconhece a(s) figura(s) animal(ais)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Concorda que a cor ajuda na leitura da imagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Concorda que a cor ajuda no reconhecimento das personagens	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

45. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 16 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

46. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 17 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

47. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 18 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

Conj. 7

"Meu nome é Alice. às suas ordens Majestade. disse Alice bem educadamente." (img 19)

"Alice pensou que ela nunca em sua vida vira um campo de críquete tão curioso: ele era todo cheio de saliências e sulcos, as bolas de críquete eram ouriços vivos e os tacos eram flamingos também vivos." (img 20)

"havia uma discussão entre o carrasco, o Rei e a Rainha, todos falando ao mesmo tempo..." (img 21)



48. Identificação e Reconhecimento *

Faça uma avaliação geral ao conjunto das três ilustrações, respondendo da forma que mais se aproxima do seu reconhecimento, por exemplo se identificou apenas uma das ilustrações na História responda "Com dificuldade", Se reconheceu duas, ou mais responda "Sim".

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não	Com dificuldade	Sim
Identificou a ilustração na História	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Identificou a ilustração sem recorrer à citação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Relaciona a ilustração com o citação transcrita	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A presença de elementos simbólicos ajuda na leitura integral da imagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

49. Identificou mais alguma personagem, além da Alice sem recorrer à citação? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

50. Refira que outra (s) personagem identificou sem recorrer à citação?

.....

51. Análise do estilo gráfico e da cor *

Este trabalho foi realizado segundo as definições de ícone com um cunho pessoal no estilo, e pretende avaliar-se se o estilo de desenho se adequa ao entendimento da mensagem ou se pelo contrário confunde.

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não	Sim, mas com dificuldade	Sim, facilmente
O estilo gráfico é apelativo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconhece ambas as figuras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A figura humana é perceptível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A acção desempenhada pelas figuras é perceptível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconhece a(s) figura(s) animal(ais)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Concorda que a cor ajuda na leitura da imagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Concorda que a cor ajuda no reconhecimento das personagens	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

52. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 19 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

53. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 20 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

54. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 21 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

Conj. 7

"O Grifo sentou-se e esfregou os olhos (...) a Falsa Tartaruga ao longe, sentada triste e solitária sobre a pequena saliência de uma pedra." (img 22)

" (Capítulo Quem roubou as tortes / O depoimento de Alice) O rei e a rainha estavam sentados (...) o Valete estava parado na frente deles, acorrentado (...)A primeira testemunha era o Chapeleiro (...) A

Rainha de Copas fez algumas tortas, Em um dia de Verão: O Valete de Copas roubou todas elas e levou embora sem hesitação" " (img 23)



55. Identificação e Reconhecimento *

Faça uma avaliação geral ao conjunto das três ilustrações, respondendo da forma que mais se aproxima do seu reconhecimento, por exemplo se identificou apenas uma das ilustrações na História responda "Com dificuldade", Se reconheceu duas, ou mais responda "Sim".

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não	Com dificuldade	Sim
Identificou a ilustração na História	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Identificou a ilustração sem recorrer à citação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Relaciona a ilustração com o citação transcrita	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A presença de elementos simbólicos ajuda na leitura integral da imagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

56. Análise do estilo gráfico e da cor *

Este trabalho foi realizado segundo as definições de ícone com um cunho pessoal no estilo, e pretende avaliar-se se o estilo de desenho se adequa ao entendimento da mensagem ou se pelo contrário confunde.

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não	Sim, mas com dificuldade	Sim, facilmente
O estilo gráfico é apelativo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconhece ambas as figuras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A figura humana é perceptível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A acção desempenhada pelas figuras é perceptível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconhece a(s) figura(s) animal(ais)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Concorda que a cor ajuda na leitura da imagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Concorda que a cor ajuda no reconhecimento das personagens	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

57. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 22 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

58. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 23 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

Conj. 8

"Nesse instante todo o baralho voou no ar, começando depois a cair sobre Alice." (img 24)

"A menina achou-se então deitada no barranco com a cabeça no colo da irmã, que gentilmente afastava algumas folhas secas que tinham caído da árvore." (img 25)

**59. Identificação e Reconhecimento ***

Faça uma avaliação geral ao conjunto das três ilustrações, respondendo da forma que mais se aproxima do seu reconhecimento, por exemplo se identificou apenas uma das ilustrações na História responda "Com dificuldade", Se reconheceu duas, ou mais responda "Sim".

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não	Com dificuldade	Sim
Identificou a ilustração na História	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Identificou a ilustração sem recorrer à citação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Relaciona a ilustração com o citação transcrita	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A presença de elementos simbólicos ajuda na leitura integral da imagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

60. Análise do estilo gráfico e da cor *

Este trabalho foi realizado segundo as definições de icone com um cunho pessoal no estilo, e pretende avaliar-se se o estilo de desenho se adequa ao entendimento da mensagem ou se pelo contrário confunde.

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não	Sim, mas com dificuldade	Sim, facilmente
O estilo gráfico é apelativo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconhece ambas as figuras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A figura humana é perceptível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A acção desempenhada pelas figuras é perceptível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reconhece a(s) figura(s) animal(ais)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Concorda que a cor ajuda na leitura da imagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Concorda que a cor ajuda no reconhecimento das personagens	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

61. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 24 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

62. Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 25 *

1- Muito difícil de reconhecer ; 2- Reconheci com alguma dificuldade ; 3- Reconheci com facilidade

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	
Muito difícil de reconhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconheci com facilidade

Análise Global



63. **Achou interessante este tipo de ilustração? ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim, interessante e diferente
- ☐ Sim, mas um pouco confuso
- ☐ Mais ou menos
- ☐ Nem por isso.

64. **O estilo gráfico ajuda ao reconhecimento? ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não, as formas são demasiado confusas
- ☐ Não, mas por outra razão que não a referida anteriormente
- ☐ Podia ser um estilo mais simples e claro que simplificasse o desenho
- ☐ Apesar de haver uma certa dificuldade, consegue perceber-se o essencial
- ☐ Compreendem-se bem as figuras e a acção delas.
- ☐ Outra:

65. **O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história? ***

Referente à personagem Alice

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não, as formas são demasiado confusas
- ☐ Não imaginaria a Alice assim mas a representação é fácil de reconhecimento
- ☐ Não imaginaria a Alice assim e considero que está deslocada da história original
- ☐ Identifico bem a personagem e o estilo agrada-me.

66. Quanto à representação da figura humana, considera que... *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Tem demasiados traços identificativos, que geram conflito entre si.
- ☐ Traços identificativos que não relaciono com a personagem.
- ☐ Traços identificativos adequados à história e a ilustração pictográfica
- ☐ Poucos traços identificativos, o que torna o reconhecimento mais difícil



67. **Através da sequência de imagens apresentada, conseguiu ter noção da história como um todo? ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim, de forma clara e rápida
- ☐ Sim, mas com alguma dificuldade a dado momento
- ☐ Mais ou menos, conheci-a a história mas não associaria assim a essas imagens
- ☐ Mais ou menos, não conheço muito bem a história.
- ☐ Não, é uma sequência muito confusa.

68. **Considera o número de cenas/ ilustrações suficientes para o bom entendimento da história? ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim, mas até têm de mais.
- ☐ Sim, são as necessárias
- ☐ Não, são poucas.

69. **Que ilustração escolheria para melhor representar a história?**

.....

70. **Considera útil e eficaz a utilização do círculo como fundo? ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Considero-o desnecessário
- ☐ Acho que enquadra bem a acção e a imagem
- ☐ Indiferente

71. **Considera importante a simbologia da cor para a caracterização e a definição das personagens na mensagem visual? ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim, desde que seja reconhecível o seu significado, o que não é o caso
- ☐ Sim, desde que seja reconhecível o seu significado, como acontece neste caso.
- ☐ A cor deve ser secundária na comunicação.
- ☐ A cor não tem qualquer utilidade a não ser a distinguir formas
- ☐ A cor é excessiva e não confere nada de novo nem de simbólico à ilustração.

“O azul é a cor daquelas ideias cuja realização se encontra distante. O violeta simboliza o lado irreal da fantasia- o fantástico. O cor-de-laranja, a terceira cor da fantasia, simboliza o prazer das ideias loucas. O Azul-violeta-cor-de-laranja é a combinação da fantasia.” (Heller, 2007) A utilização do vermelho em oposição ao azul no “Bebe-me”/ “Come-me” é por serem cores complementares e ao mesmo tempo

antagónicas.

72. Após a explicação das cores usadas, considera importante a cor para a caracterização e definição das personagens na mensagem visual? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Mantenho a resposta acima referida.
- ☐ Agora compreendo melhor o trabalho, por isso considero a cor importante
- ☐ Agora compreendo melhor o trabalho, mas não acho a cor importante.

Análise Final

Peço que responda apenas às questões em que se sentir familiarizado com os temas.

"Um signo é um «signo» apenas quando «exprime ideias» e suscita no espírito daquele ou daqueles que o recebem uma atitude interpretativa." (Joly, 2008)

"O ícone corresponde à classe dos signos cujo significante mantém uma relação de analogia com aquilo que representa, ou seja, com o seu referente. Um desenho figurativo, uma fotografia, uma imagem de síntese..." (Joly; 2008)

73. Tendo em conta a definição de "signo" considera que este trabalho se insere nessa definição?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

74. Tendo em conta a definição de "ícone" considera que este trabalho se insere nessa definição?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

75. Tendo em conta a definição de ícone considera suficiente a quantidade de informação apresentada para a construção das ilustrações?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Devia de ter mais porque quanto mais melhor.
- ☐ Tem a suficiente e necessária para um rápido entendimento sem ser demasiado obvia.
- ☐ Pouca mas útil e correcta de forma a evitar redundâncias e ruídos na leitura
- ☐ Pouca com necessidade de mais para ajudar no entendimento global e particular das ilustrações.
- ☐ Tem demasiada informação

**"(Pictogramas) Se cada figura tem de servir para «todo o conjunto de objectos possíveis pertencentes a essa classe», a figura de que falamos não deve nunca prefigurar um objecto, mas toda a classe daqueles objectos. Ou seja o conceito."
(Massironi, 2010)**

76. Tendo em conta a definição de "pictograma" considera que este trabalho se insere nessa definição?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

Obrigado pela sua disponibilidade na resposta a este questionário! A sua opinião foi de extrema importância para a conclusão do meu trabalho. Obrigado.

Com tecnologia



61 respostas

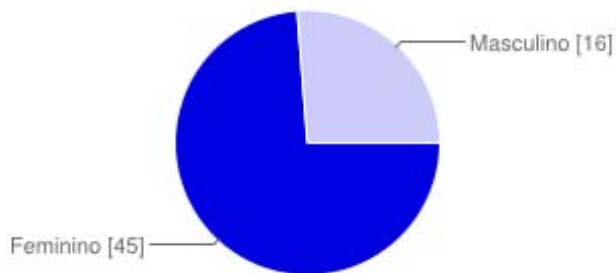
[Ver todas as respostas](#) [Publicar estatísticas](#)

Resumo

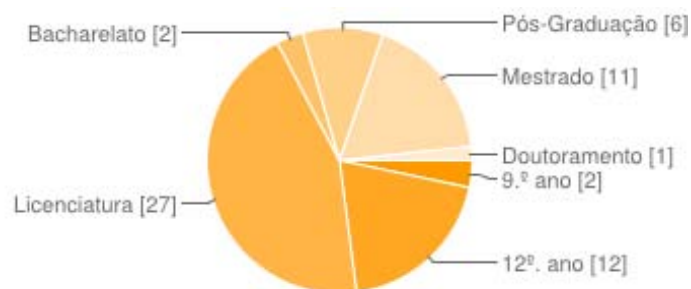
Idade

- 35
- 36
- 33
- 39
- 38
- 43
- 41
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 29
- 32
- 19
- 17
- 18
- 21
- 20
- 66
- 57
- 60
- 48
- 46

Sexo

Feminino **45** 74%Masculino **16** 26%

Grau de Escolaridade



9.º ano	2	3%
12º. ano	12	20%
Licenciatura	27	44%
Bacharelato	2	3%
Pós-Graduação	6	10%
Mestrado	11	18%
Doutorado	1	2%

Profissão

estudante
autónoma
Engenheira Electrotécnica
Arquiteta
vendedora
Designer Gráfico
estudante enfermagem
TSHST
Professora
Designer Gráfica
Enfermeira
Técnico Comercial
ESCRITURÁRIA
Treinadora de Voleibol
designer
Estudante Mestrado

professora

Designer Gráfico

Estudante

bibliotecária

Contabilista

Estudante

Terapeuta da Fala

Assistente Técnica

Investigação

prof seguros

Desempregado

Desempregada

Gerontologa

Arquiteta

Designer

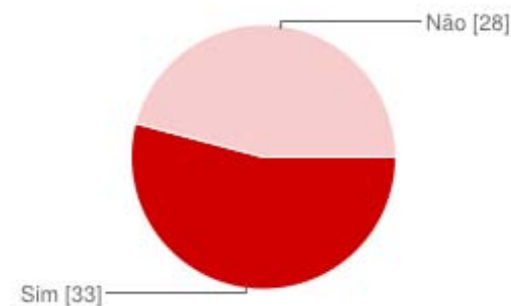
Engenheiro Mecânico

Software developer

Ilustração de uma Narrativa com recurso a ilustrações iconográficas.

[Imagem]

Reconhece a figura acima apresentada?



Sim **33** 54%

Não **28** 46%

Se sim, refira o nome ou algo identificativo?

empregada doméstica

Mulher - Servente

Mulher

DOMESTICA

figura feminina

Empregada de limpeza/ de mesa

Senhora, Empregada de mesa

Alice no País das Maravilhas

menina

mulher

Menina

Uma rapariga

uma empregada

Alice

Alice no País das Maravilhas

Empregada domestica

empregada

Alice no País das maravilhas

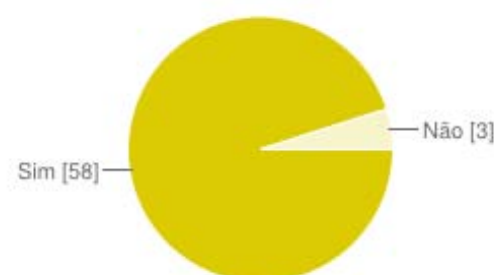
Alice no pais das maravilhas

Mulher de avental

Empregada de Limpeza

[Imagem]

Inserida a personagem num contexto, reconhece a personagem?



Sim 58 95%

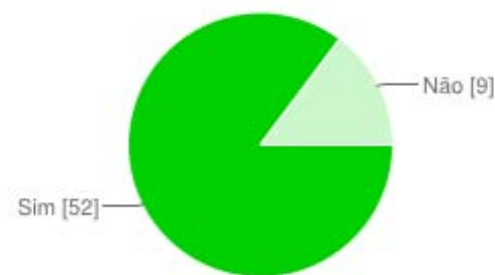
Não 3 5%

O reconhecimento é feito pelo meio de traços pré-existent e "certos traços de reconhecimento do objecto devem absolutamente reproduzir-se para se poder reconhecer o próprio objecto." (Eco, 1977)

[Imagem]

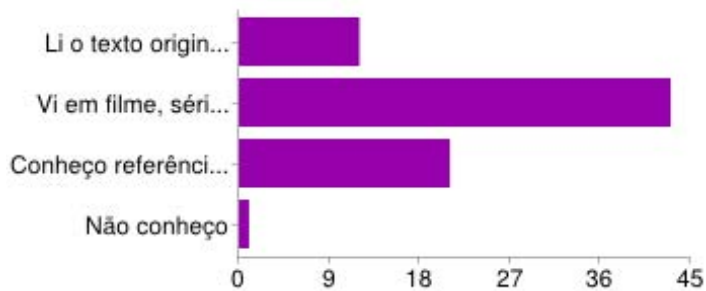
[Imagem]

Com base na lista de referências acima apresentada, consegue associar a IMAGEM 1 a elas?

Sim **52** 85%Não **9** 15%

Análise do Projecto

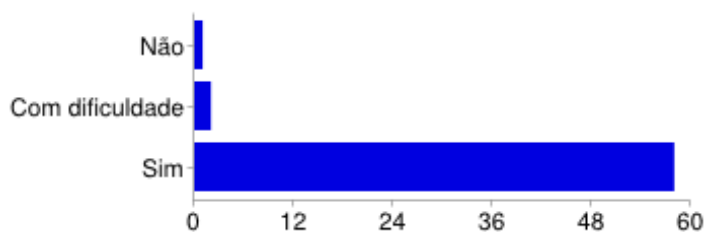
Conhece a história?

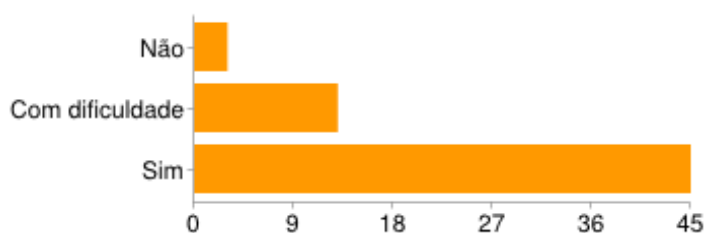
Li o texto original "Alice no País das Maravilhas" de Lewis Carroll. **12** 20%Vi em filme, séries ou animação **43** 70%Conheço referências e partes da história mas não a sua totalidade. **21** 34%Não conheço **1** 2%

Conj. 1

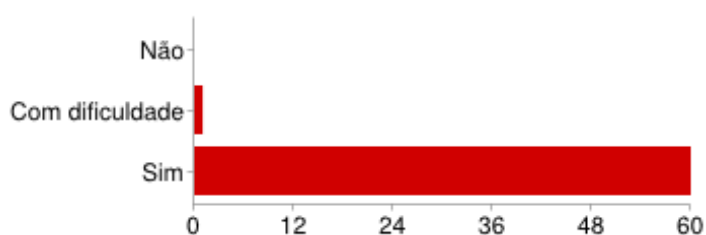
[Imagem]

Identificou a ilustração na História [Identificação e Reconhecimento]

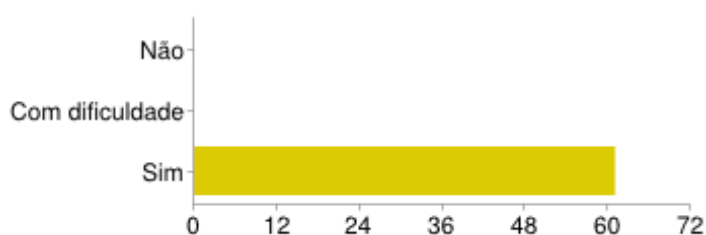
Não **1** 2%Com dificuldade **2** 3%Sim **58** 95%

Identificou a ilustração sem recorrer à citação [Identificação e Reconhecimento]

Não	3	5%
Com dificuldade	13	21%
Sim	45	74%

Relaciona a ilustração com o citação transcrita [Identificação e Reconhecimento]

Não	0	0%
Com dificuldade	1	2%
Sim	60	98%

A presença de elementos simbólicos ajuda na leitura integral da imagem [Identificação e Reconhecimento]

Não	0	0%
Com dificuldade	0	0%
Sim	61	100%

Identificou mais alguma personagem, além da Alice sem recorrer à citação?

Sim **56** 92%Não **5** 8%

Refira que outra (s) personagem identificou sem recorrer à citação?

o coelho

Coelho

O Coelho Branco

Coelho branco

Coelho Branco

O Coelho (The White Rabbit)

coelho atrasado

coelho

o coelho gordo e grande

Coelho Branco

o coelho

Coelho do Relógio

O coelho branco

Coelho atrasado

O coelho

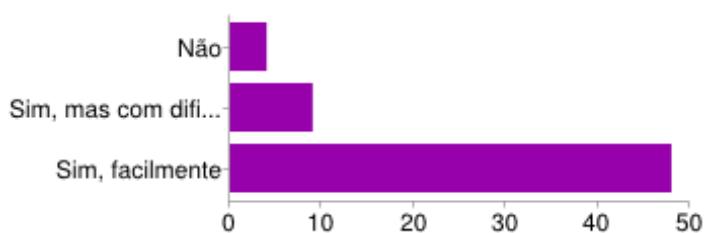
coelho

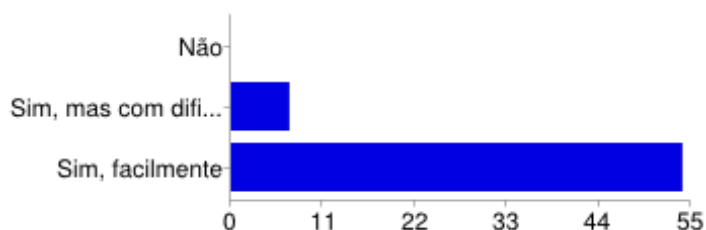
Coelho Branco, penso que seja uma personagem importante que resulta como a "confirmação" da Alice

O coelho apressado

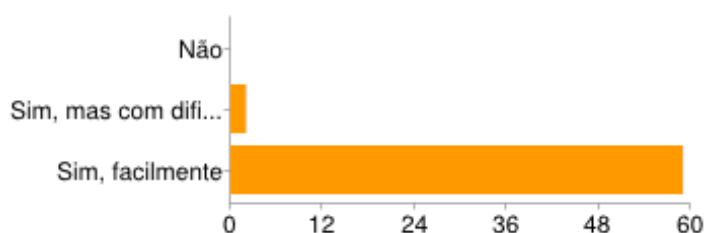
coelho branco

O estilo gráfico é apelativo [Análise do estilo gráfico e da cor]

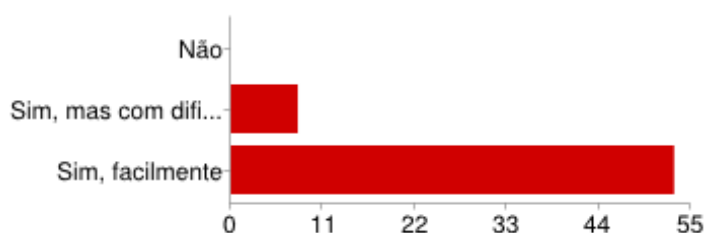
Não **4** 7%Sim, mas com dificuldade **9** 15%Sim, facilmente **48** 79%

Reconhece as figuras [Análise do estilo gráfico e da cor]

Não	0	0%
Sim, mas com dificuldade	7	11%
Sim, facilmente	54	89%

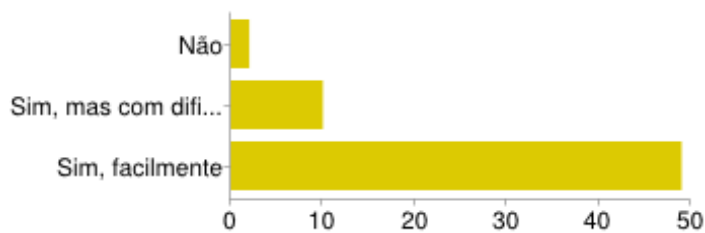
A figura humana é perceptível [Análise do estilo gráfico e da cor]

Não	0	0%
Sim, mas com dificuldade	2	3%
Sim, facilmente	59	97%

A acção desempenhada pelas figuras é perceptível [Análise do estilo gráfico e da cor]

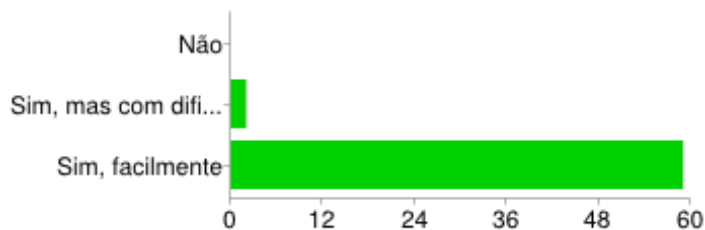
Não	0	0%
Sim, mas com dificuldade	8	13%
Sim, facilmente	53	87%

O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história [Análise do estilo gráfico e da cor]



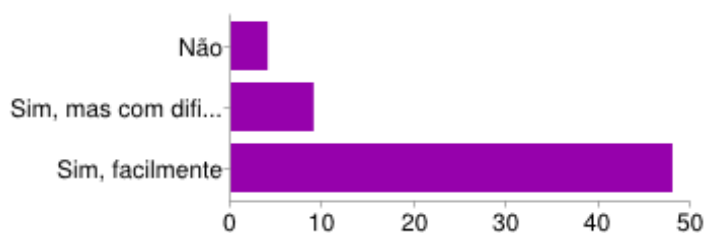
Não	2	3%
Sim, mas com dificuldade	10	16%
Sim, facilmente	49	80%

Reconhece a(s) figura(s) animal(ais) [Análise do estilo gráfico e da cor]



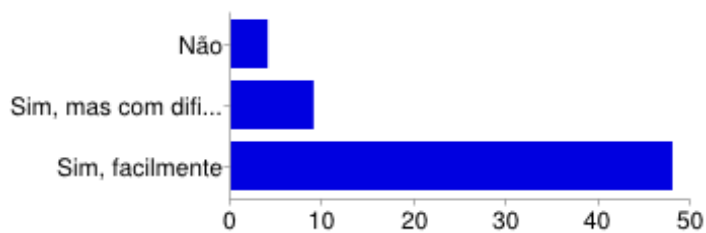
Não	0	0%
Sim, mas com dificuldade	2	3%
Sim, facilmente	59	97%

Concorda que a cor ajuda na leitura da imagem [Análise do estilo gráfico e da cor]



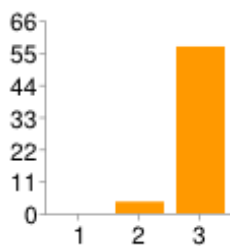
Não	4	7%
Sim, mas com dificuldade	9	15%
Sim, facilmente	48	79%

Concorda que a cor ajuda no reconhecimento das personagens [Análise do estilo gráfico e da cor]



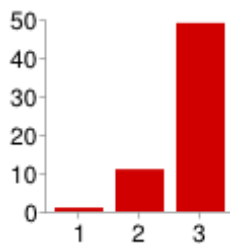
Não	4	7%
Sim, mas com dificuldade	9	15%
Sim, facilmente	48	79%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 1



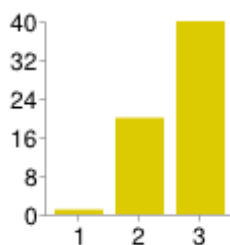
1	0	0%
2	4	7%
3	57	93%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 2



1	1	2%
2	11	18%
3	49	80%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 3

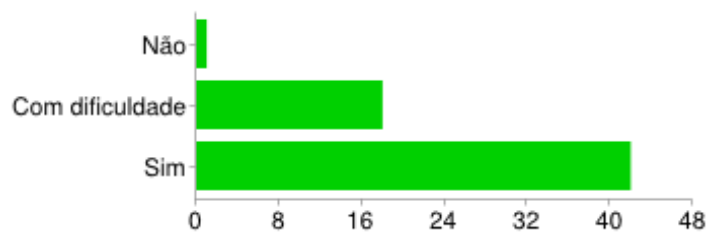


1	1	2%
2	20	33%
3	40	66%

Conj. 2

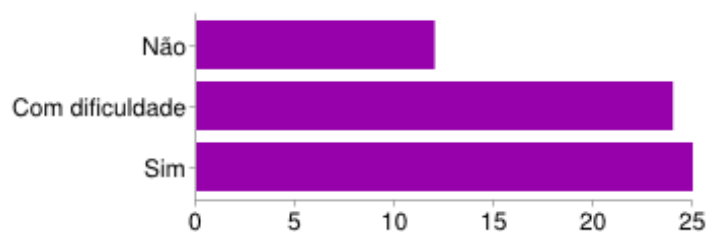
[Imagem]

Identificou a ilustração na História [Identificação e Reconhecimento]



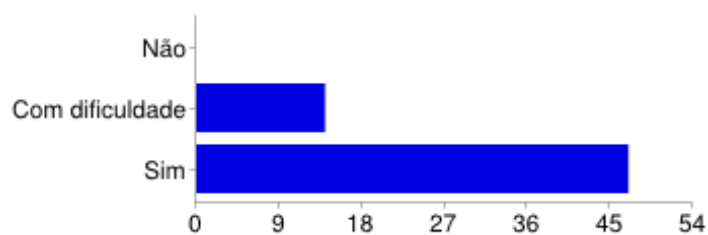
Não	1	2%
Com dificuldade	18	30%
Sim	42	69%

Identificou a ilustração sem recorrer à citação [Identificação e Reconhecimento]



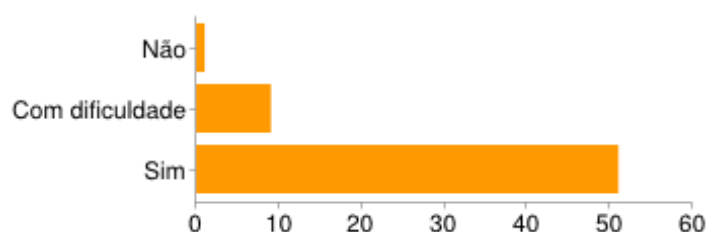
Não	12	20%
Com dificuldade	24	39%
Sim	25	41%

Relaciona a ilustração com o citação transcrita [Identificação e Reconhecimento]



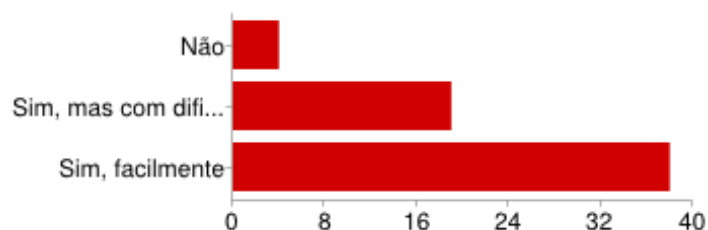
Não	0	0%
Com dificuldade	14	23%
Sim	47	77%

A presença de elementos simbólicos ajuda na leitura integral da imagem [Identificação e Reconhecimento]



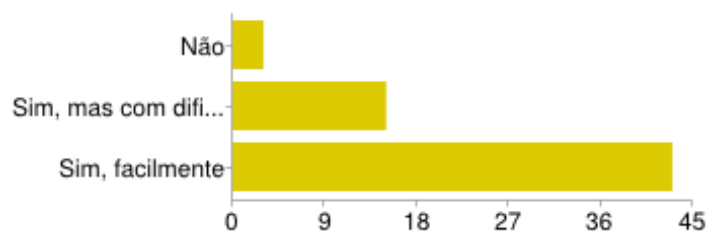
Não	1	2%
Com dificuldade	9	15%
Sim	51	84%

O estilo gráfico é apelativo [Análise do estilo gráfico e da cor]



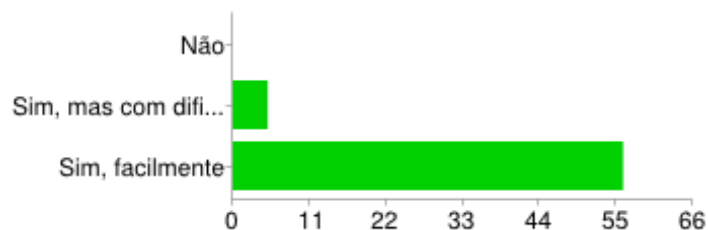
Não	4	7%
Sim, mas com dificuldade	19	31%
Sim, facilmente	38	62%

Reconhece ambas as figuras [Análise do estilo gráfico e da cor]



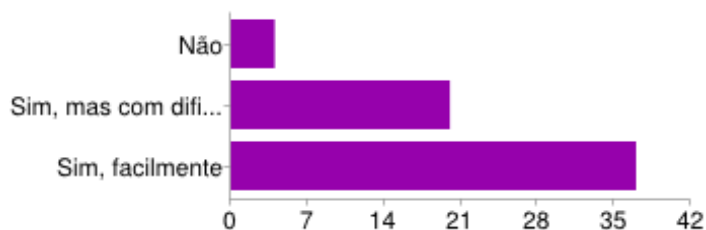
Não	3	5%
Sim, mas com dificuldade	15	25%
Sim, facilmente	43	70%

A figura humana é perceptível [Análise do estilo gráfico e da cor]

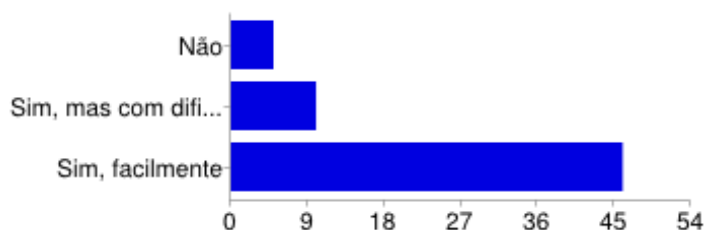


Não	0	0%
Sim, mas com dificuldade	5	8%
Sim, facilmente	56	92%

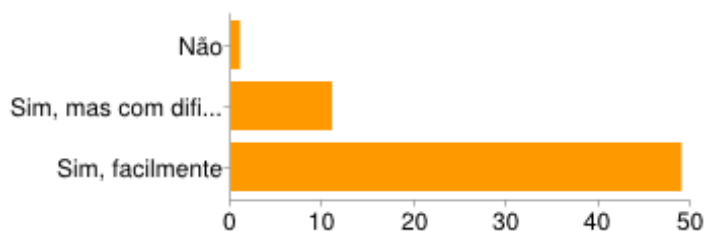
A acção desempenhada pelas figuras é perceptível [Análise do estilo gráfico e da

cor]

Não	4	7%
Sim, mas com dificuldade	20	33%
Sim, facilmente	37	61%

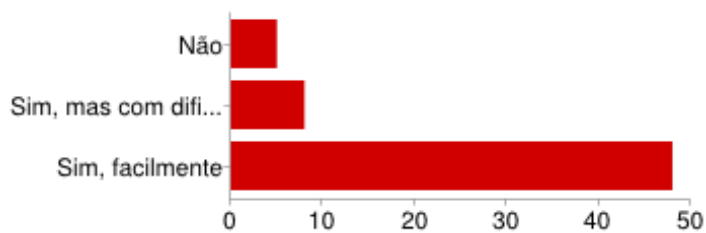
O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história [Análise do estilo gráfico e da cor]

Não	5	8%
Sim, mas com dificuldade	10	16%
Sim, facilmente	46	75%

Reconhece a(s) figura(s) animal(ais) [Análise do estilo gráfico e da cor]

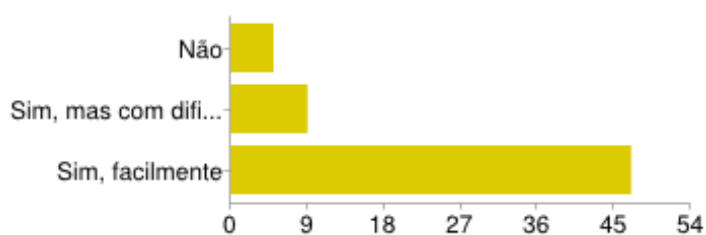
Não	1	2%
Sim, mas com dificuldade	11	18%
Sim, facilmente	49	80%

Concorda que a cor ajuda na leitura da imagem [Análise do estilo gráfico e da cor]



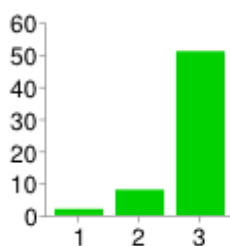
Não	5	8%
Sim, mas com dificuldade	8	13%
Sim, facilmente	48	79%

Concorda que a cor ajuda no reconhecimento das personagens [Análise do estilo gráfico e da cor]



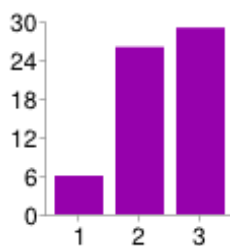
Não	5	8%
Sim, mas com dificuldade	9	15%
Sim, facilmente	47	77%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 4



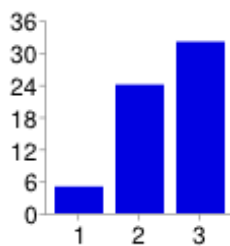
1	2	3%
2	8	13%
3	51	84%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 5



1	6	10%
2	26	43%
3	29	48%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 6

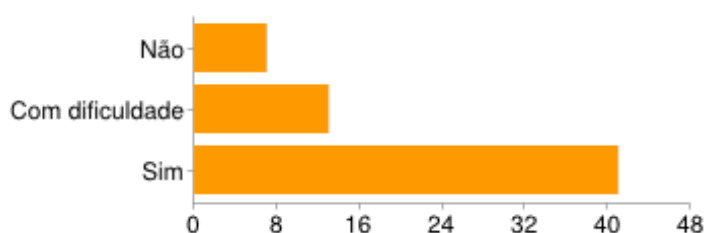


1	5	8%
2	24	39%
3	32	52%

Conj. 3

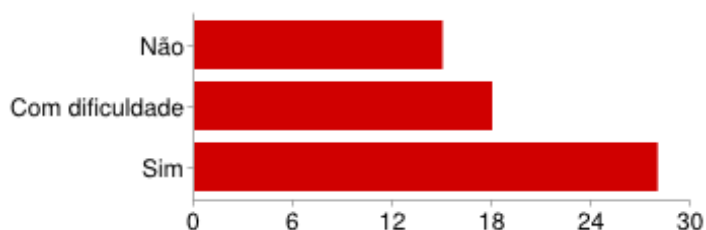
[Imagem]

Identificou a ilustração na História [Identificação e Reconhecimento]



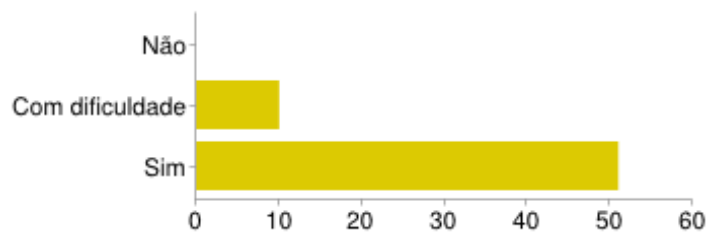
Não	7	11%
Com dificuldade	13	21%
Sim	41	67%

Identificou a ilustração sem recorrer à citação [Identificação e Reconhecimento]



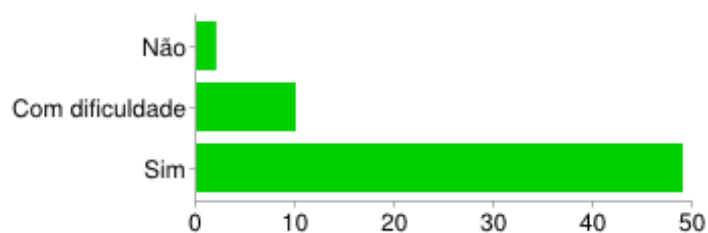
Não	15	25%
Com dificuldade	18	30%
Sim	28	46%

Relaciona a ilustração com o citação transcrita [Identificação e Reconhecimento]



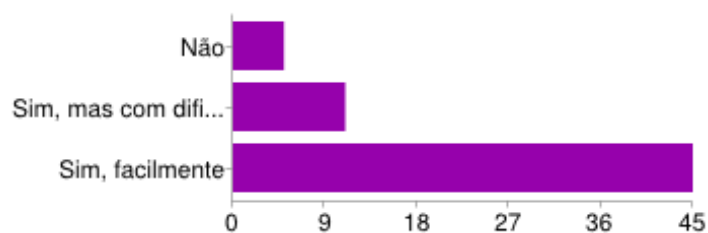
Não	0	0%
Com dificuldade	10	16%
Sim	51	84%

A presença de elementos simbólicos ajuda na leitura integral da imagem [Identificação e Reconhecimento]



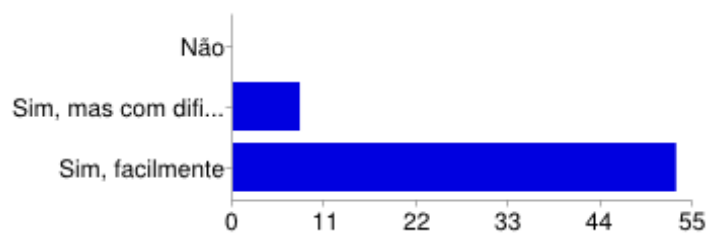
Não	2	3%
Com dificuldade	10	16%
Sim	49	80%

O estilo gráfico é apelativo [Análise do estilo gráfico e da cor]



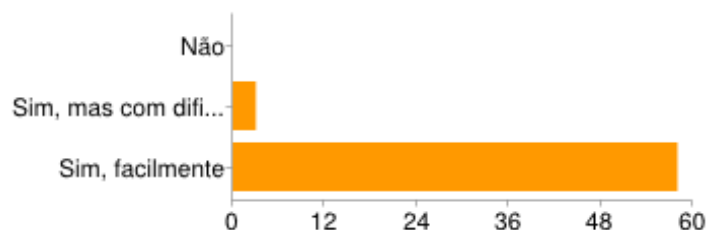
Não	5	8%
Sim, mas com dificuldade	11	18%
Sim, facilmente	45	74%

Reconhece ambas as figuras [Análise do estilo gráfico e da cor]



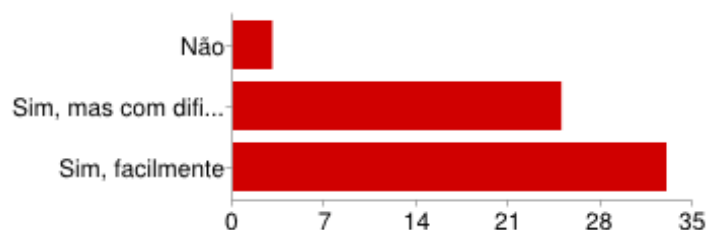
Não	0	0%
Sim, mas com dificuldade	8	13%
Sim, facilmente	53	87%

A figura humana é perceptível [Análise do estilo gráfico e da cor]



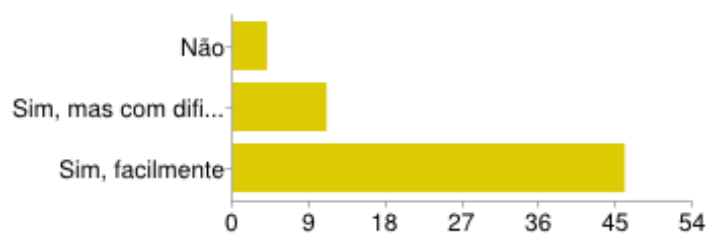
Não	0	0%
Sim, mas com dificuldade	3	5%
Sim, facilmente	58	95%

A acção desempenhada pelas figuras é perceptível [Análise do estilo gráfico e da cor]

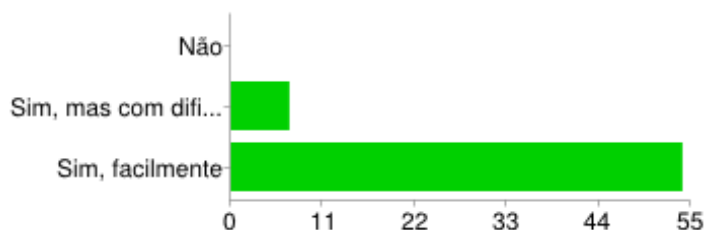


Não	3	5%
Sim, mas com dificuldade	25	41%
Sim, facilmente	33	54%

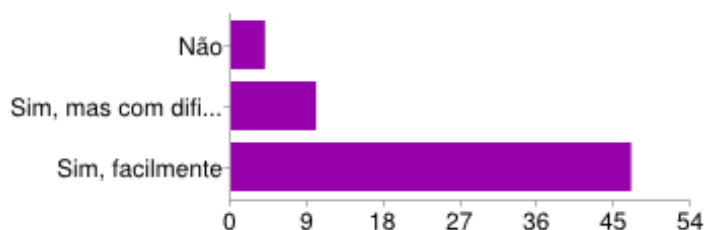
O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história [Análise do estilo gráfico e da cor]



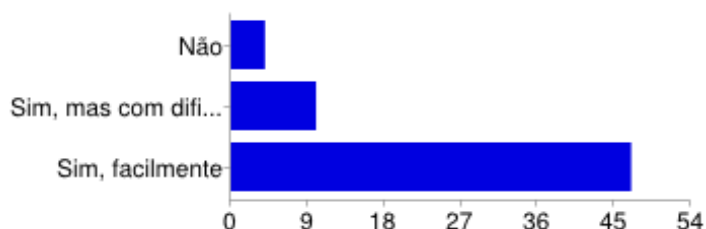
Não	4	7%
Sim, mas com dificuldade	11	18%
Sim, facilmente	46	75%

Reconhece a(s) figura(s) animal(ais) [Análise do estilo gráfico e da cor]

Não	0	0%
Sim, mas com dificuldade	7	11%
Sim, facilmente	54	89%

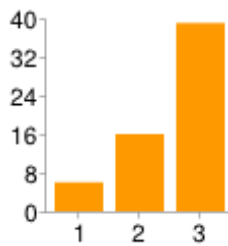
Concorda que a cor ajuda na leitura da imagem [Análise do estilo gráfico e da cor]

Não	4	7%
Sim, mas com dificuldade	10	16%
Sim, facilmente	47	77%

Concorda que a cor ajuda no reconhecimento das personagens [Análise do estilo gráfico e da cor]

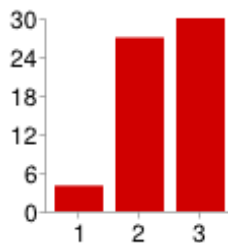
Não	4	7%
Sim, mas com dificuldade	10	16%
Sim, facilmente	47	77%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 7



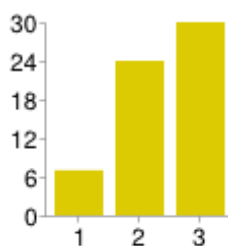
1	6	10%
2	16	26%
3	39	64%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 8



1	4	7%
2	27	44%
3	30	49%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 9

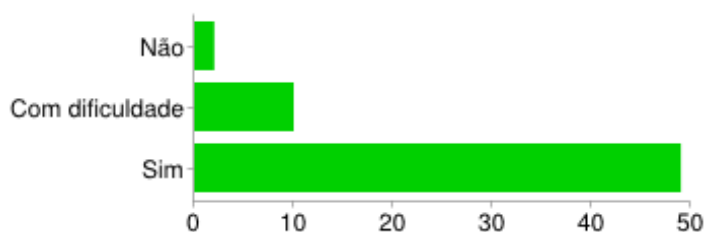


1	7	11%
2	24	39%
3	30	49%

Conj.4

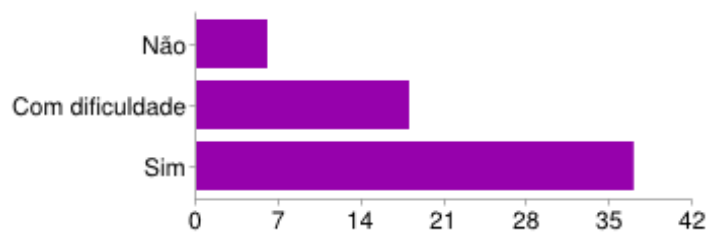
[Imagem]

Identificou a ilustração na História [Identificação e Reconhecimento]



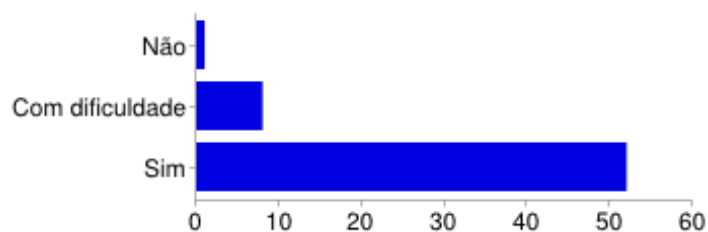
Não	2	3%
Com dificuldade	10	16%
Sim	49	80%

Identificou a ilustração sem recorrer à citação [Identificação e Reconhecimento]



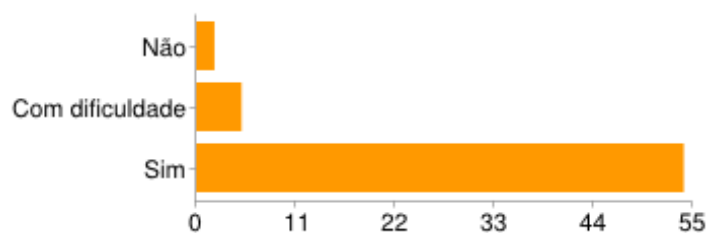
Não	6	10%
Com dificuldade	18	30%
Sim	37	61%

Relaciona a ilustração com o citação transcrita [Identificação e Reconhecimento]



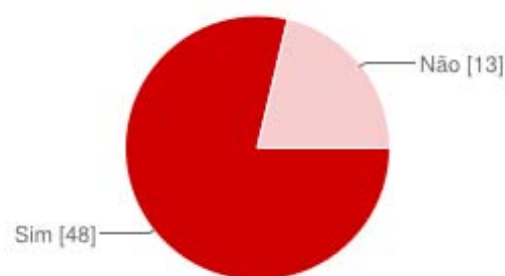
Não	1	2%
Com dificuldade	8	13%
Sim	52	85%

A presença de elementos simbólicos ajuda na leitura integral da imagem [Identificação e Reconhecimento]



Não	2	3%
Com dificuldade	5	8%
Sim	54	89%

Identificou mais alguma personagem, além da Alice sem recorrer à citação?

Sim **48** 79%Não **13** 21%

Refira que outra (s) personagem identificou sem recorrer à citação?

lagarta que fuma

Cão, lagarta

Cão

o cão

A lagarta e o cão

The Hookah Catrapilar

a lagarta (em referência ao filme da Disney "who are you")

cão

Lagarta azul, Cão

Lagarta

Lagarta(esqueci-me do nome dele)

lagarta azul

Cachorro

Lagarta e Cachorro

O cão, o cogumelo e a lagarta

Lagarta do cachimbo

um cão

Absolem

Largarta e o Cão

Cão & Lagarta

A Lagarta

Lagarta Azul

cao

a lagarta

o cogumelo

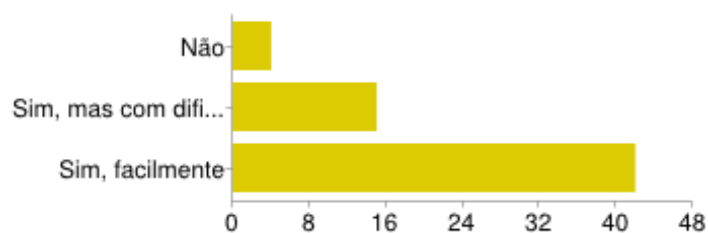
cachorro

Cão e lagarta.

A lagarta

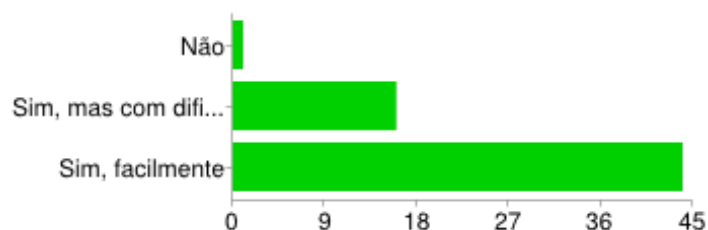
O cão, mas não me recordo dele na história

O estilo gráfico é apelativo [Análise do estilo gráfico e da cor]



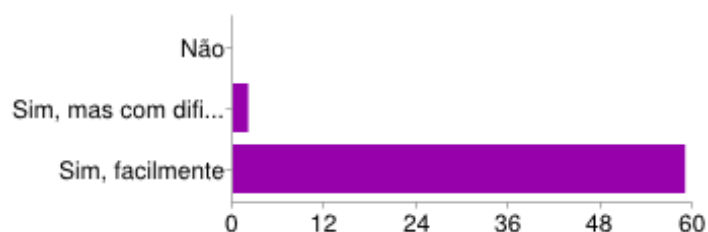
Não	4	7%
Sim, mas com dificuldade	15	25%
Sim, facilmente	42	69%

Reconhece ambas as figuras [Análise do estilo gráfico e da cor]



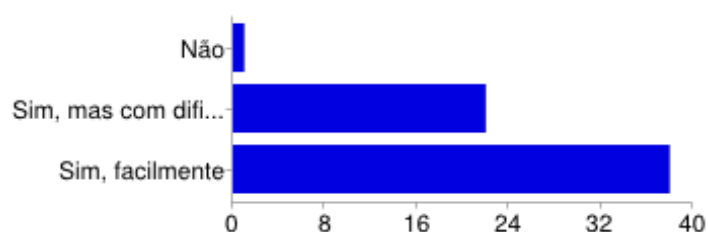
Não	1	2%
Sim, mas com dificuldade	16	26%
Sim, facilmente	44	72%

A figura humana é perceptível [Análise do estilo gráfico e da cor]



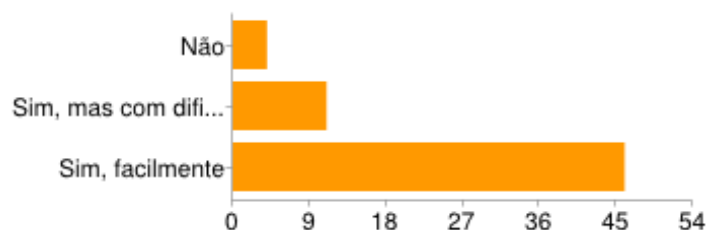
Não	0	0%
Sim, mas com dificuldade	2	3%
Sim, facilmente	59	97%

A acção desempenhada pelas figuras é perceptível [Análise do estilo gráfico e da cor]



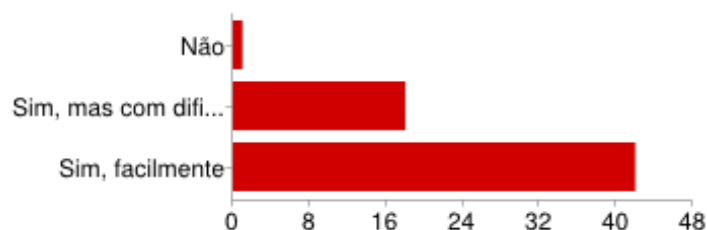
Não	1	2%
Sim, mas com dificuldade	22	36%
Sim, facilmente	38	62%

O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história [Análise do estilo gráfico e da cor]



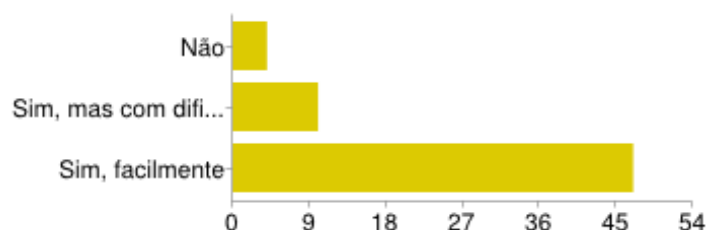
Não	4	7%
Sim, mas com dificuldade	11	18%
Sim, facilmente	46	75%

Reconhece a(s) figura(s) animal(ais) [Análise do estilo gráfico e da cor]



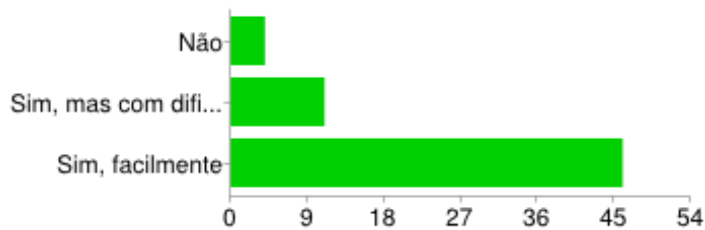
Não	1	2%
Sim, mas com dificuldade	18	30%
Sim, facilmente	42	69%

Concorda que a cor ajuda na leitura da imagem [Análise do estilo gráfico e da cor]



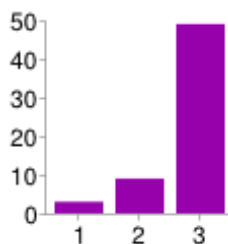
Não	4	7%
Sim, mas com dificuldade	10	16%
Sim, facilmente	47	77%

Concorda que a cor ajuda no reconhecimento das personagens [Análise do estilo gráfico e da cor]



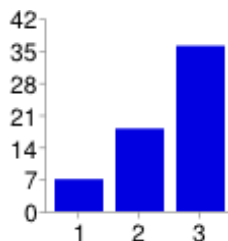
Não	4	7%
Sim, mas com dificuldade	11	18%
Sim, facilmente	46	75%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 10



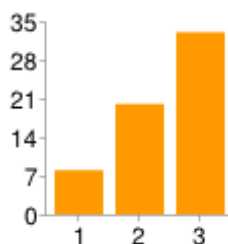
1	3	5%
2	9	15%
3	49	80%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 11



1	7	11%
2	18	30%
3	36	59%

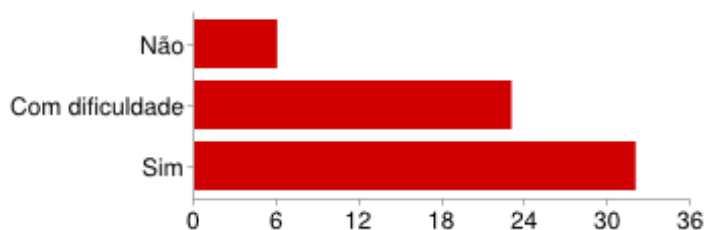
Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 12



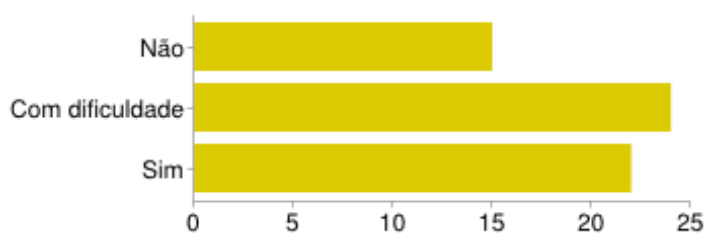
1	8	13%
2	20	33%
3	33	54%

Conj. 5

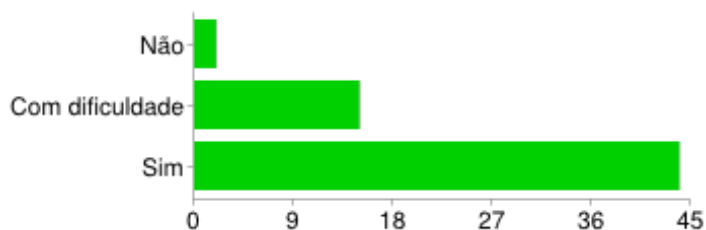
[Imagem]

Identificou a ilustração na História [Identificação e Reconhecimento]

Não	6	10%
Com dificuldade	23	38%
Sim	32	52%

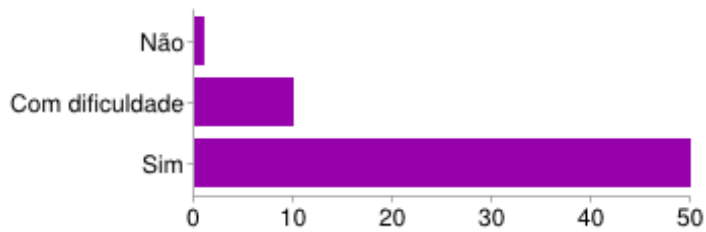
Identificou a ilustração sem recorrer à citação [Identificação e Reconhecimento]

Não	15	25%
Com dificuldade	24	39%
Sim	22	36%

Relaciona a ilustração com o citação transcrita [Identificação e Reconhecimento]

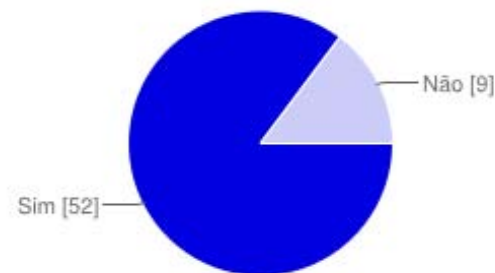
Não	2	3%
Com dificuldade	15	25%
Sim	44	72%

A presença de elementos simbólicos ajuda na leitura integral da imagem [Identificação e Reconhecimento]



Não	1	2%
Com dificuldade	10	16%
Sim	50	82%

Identificou mais alguma personagem, além da Alice sem recorrer à citação?



Sim	52	85%
Não	9	15%

Refira que outra (s) personagem identificou sem recorrer à citação?

O gato e a Duquesa

o gato

O Gato

GATO

Gato de Cheshire

um gato

Cheshire

Gato

Pássaro

Gato e pomba

Gato e pássaro

Pássaro, Gato

Ceshire Cat

O gato Cheshire

Duquesa

pássaro, gato

O gato de cheshire

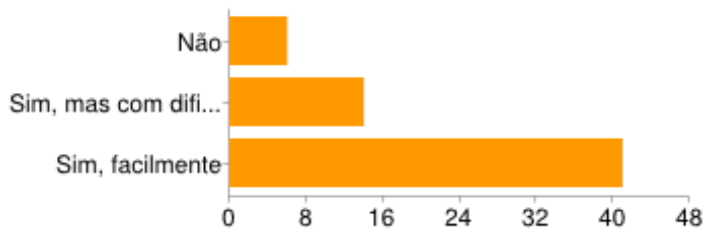
Gato Cheshire

Gato Duquesa

Duquesa e Gato.

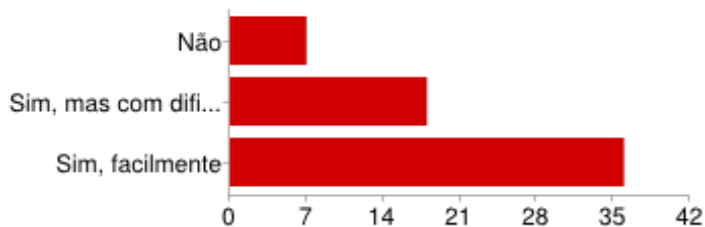
gato
 passaro
 pomba, gato
 Chesshire Cat
 o gato que ri
 Gato, pomba
 A duquesa

O estilo gráfico é apelativo [Análise do estilo gráfico e da cor]



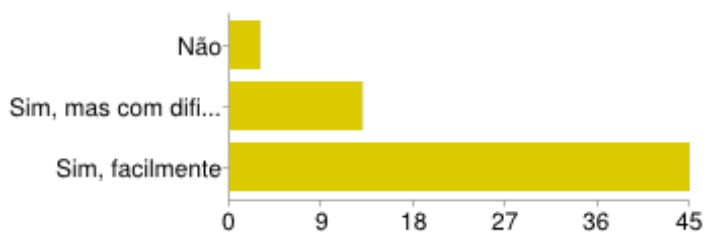
Não	6	10%
Sim, mas com dificuldade	14	23%
Sim, facilmente	41	67%

Reconhece ambas as figuras [Análise do estilo gráfico e da cor]



Não	7	11%
Sim, mas com dificuldade	18	30%
Sim, facilmente	36	59%

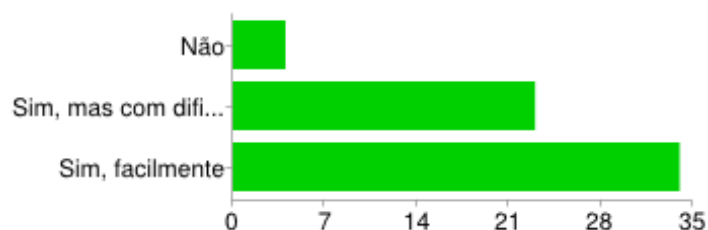
A figura humana é perceptível [Análise do estilo gráfico e da cor]



Não	3	5%
Sim, mas com dificuldade	13	21%

Sim, facilmente **45** 74%

A acção desempenhada pelas figuras é perceptível [Análise do estilo gráfico e da cor]

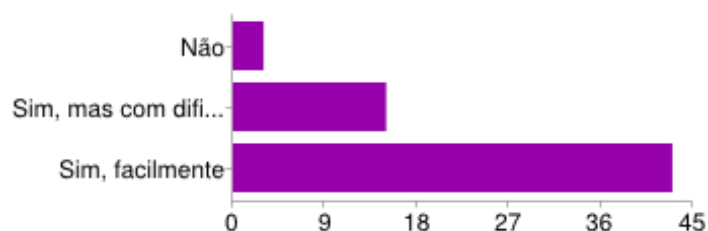


Não **4** 7%

Sim, mas com dificuldade **23** 38%

Sim, facilmente **34** 56%

O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história [Análise do estilo gráfico e da cor]

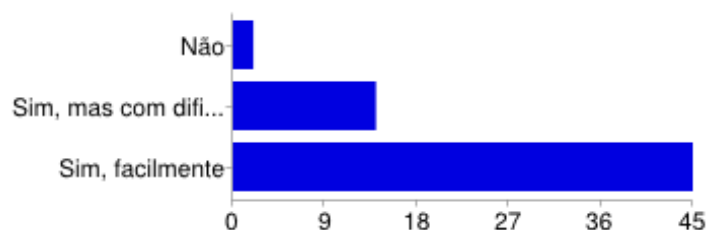


Não **3** 5%

Sim, mas com dificuldade **15** 25%

Sim, facilmente **43** 70%

Reconhece a(s) figura(s) animal(ais) [Análise do estilo gráfico e da cor]

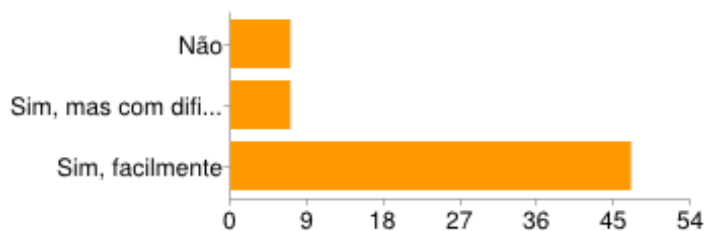


Não **2** 3%

Sim, mas com dificuldade **14** 23%

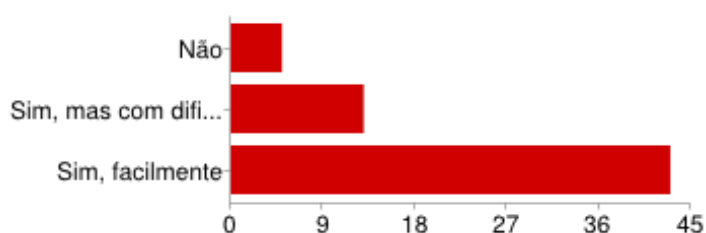
Sim, facilmente **45** 74%

Concorda que a cor ajuda na leitura da imagem [Análise do estilo gráfico e da cor]



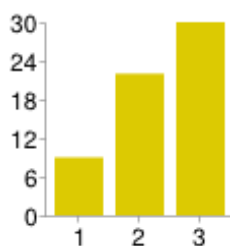
Não	7	11%
Sim, mas com dificuldade	7	11%
Sim, facilmente	47	77%

Concorda que a cor ajuda no reconhecimento das personagens [Análise do estilo gráfico e da cor]



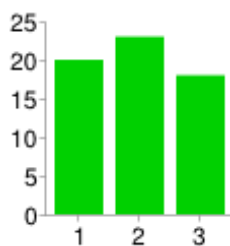
Não	5	8%
Sim, mas com dificuldade	13	21%
Sim, facilmente	43	70%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 13



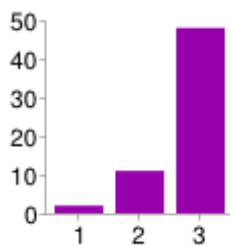
1	9	15%
2	22	36%
3	30	49%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 14



1	20	33%
2	23	38%
3	18	30%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 15

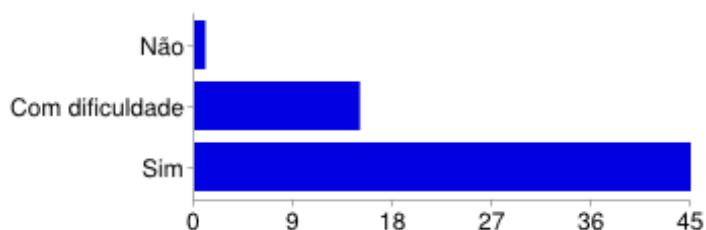


1	2	3%
2	11	18%
3	48	79%

Conj. 6

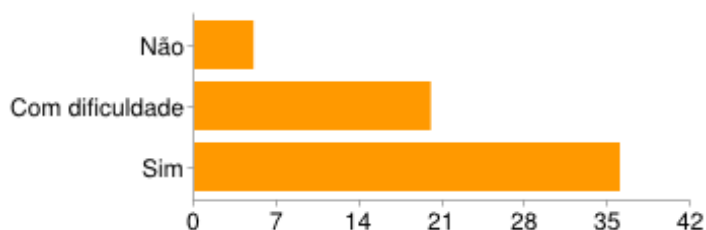
[Imagem]

Identificou a ilustração na História [Identificação e Reconhecimento]



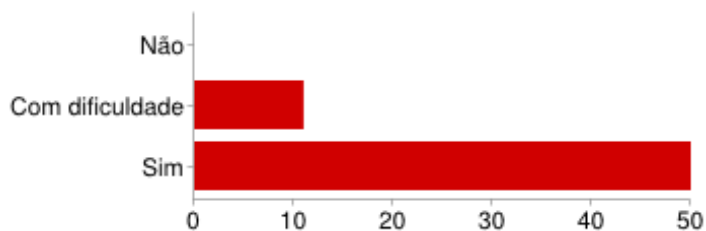
Não	1	2%
Com dificuldade	15	25%
Sim	45	74%

Identificou a ilustração sem recorrer à citação [Identificação e Reconhecimento]



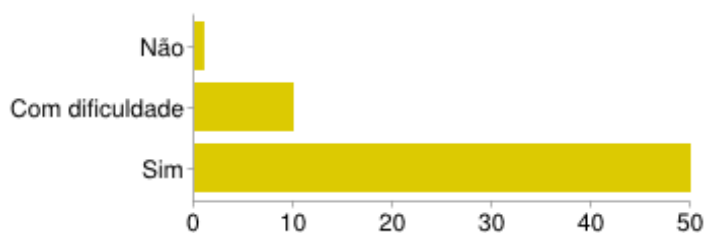
Não	5	8%
Com dificuldade	20	33%
Sim	36	59%

Relaciona a ilustração com o citação transcrita [Identificação e Reconhecimento]



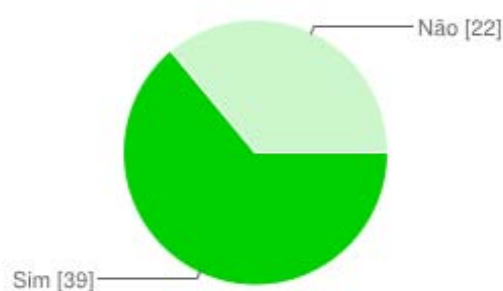
Não	0	0%
Com dificuldade	11	18%
Sim	50	82%

A presença de elementos simbólicos ajuda na leitura integral da imagem [Identificação e Reconhecimento]



Não	1	2%
Com dificuldade	10	16%
Sim	50	82%

Identificou mais alguma personagem, além da Alice sem recorrer à citação?



Sim	39	64%
Não	22	36%

Refira que outra (s) personagem identificou sem recorrer à citação?

chapeleiro

Chapeleiro Louco, Lebre, Cartas/Guardas da Rainha de Copas

O Chapeleiro

Chapeu e soldados

cartas de jogar

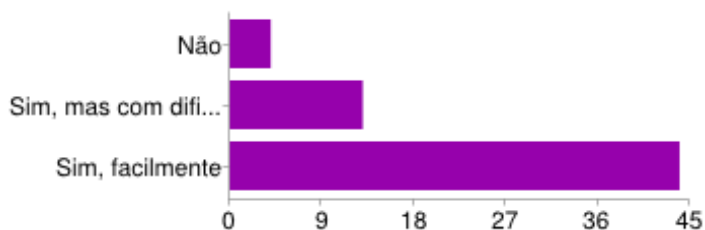
Chapeleiro, Jardineiros

Chapeleiro e Soldados Cartas

Jardineiros.

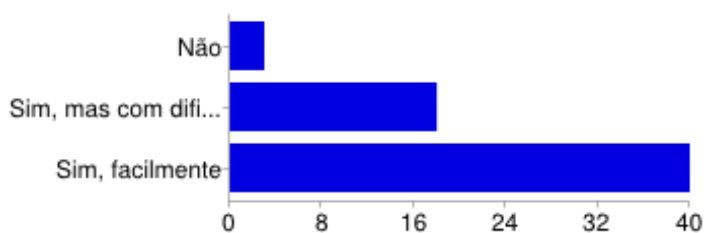
os jardineiros
 Chapeleiro Louco
 Soldados da rainha de copas
 Mad Hatter
 O.chapeleiro
 roseira
 chapeleiro maluco
 Chapeleiro
 Chapeleiro, cartas
 os jardineiros da tropa da rainha de copas
 chapeleiro louco
 o chapeleiro maluco
 O chapeleiro
 Chapeleiro, Jardineiros
 Cartas (Jardineiro)
 as cartas
 jardineiros
 Os "soldados"
 o chapeleiro
 Chapeleiro louco
 chapeleiro e as cartas pintoras

O estilo gráfico é apelativo [Análise do estilo gráfico e da cor]



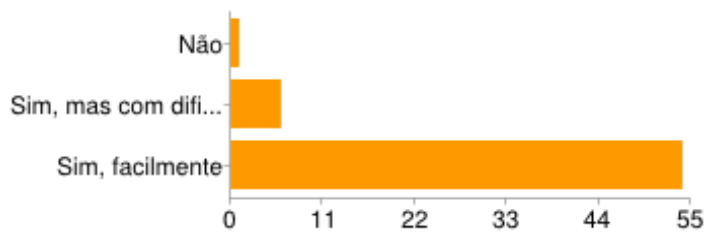
Não	4	7%
Sim, mas com dificuldade	13	21%
Sim, facilmente	44	72%

Reconhece ambas as figuras [Análise do estilo gráfico e da cor]



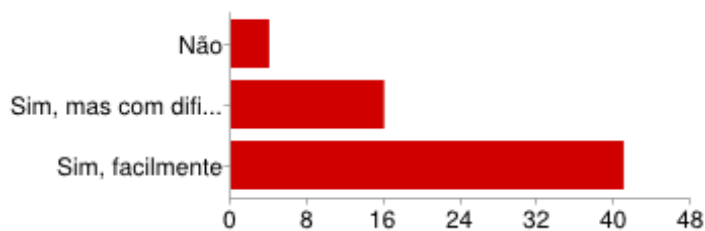
Não	3	5%
Sim, mas com dificuldade	18	30%
Sim, facilmente	40	66%

A figura humana é perceptível [Análise do estilo gráfico e da cor]



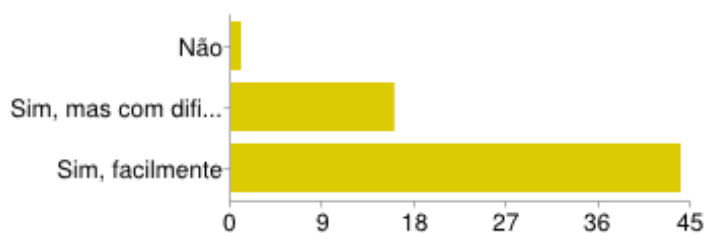
Não	1	2%
Sim, mas com dificuldade	6	10%
Sim, facilmente	54	89%

A acção desempenhada pelas figuras é perceptível [Análise do estilo gráfico e da cor]

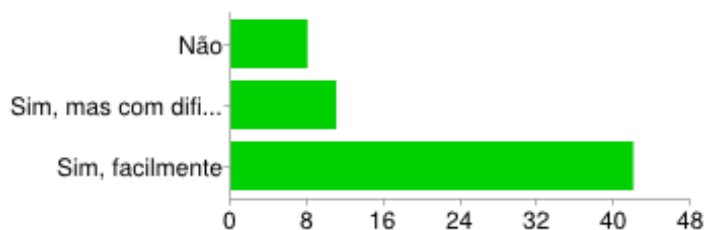


Não	4	7%
Sim, mas com dificuldade	16	26%
Sim, facilmente	41	67%

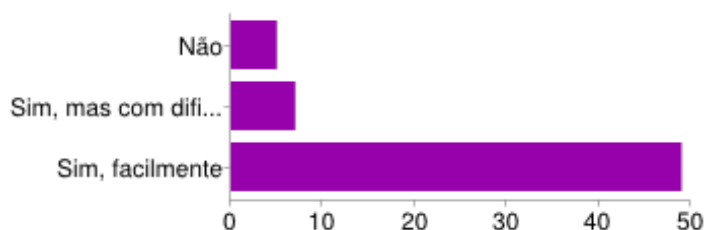
O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história [Análise do estilo gráfico e da cor]



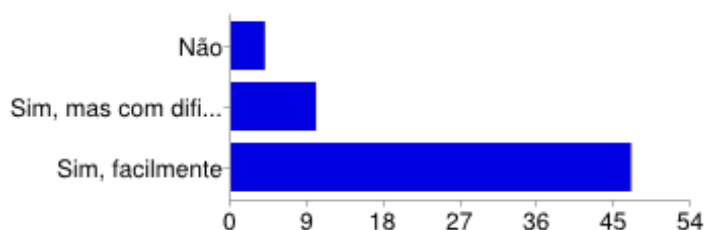
Não	1	2%
Sim, mas com dificuldade	16	26%
Sim, facilmente	44	72%

Reconhece a(s) figura(s) animal(ais) [Análise do estilo gráfico e da cor]

Não	8	13%
Sim, mas com dificuldade	11	18%
Sim, facilmente	42	69%

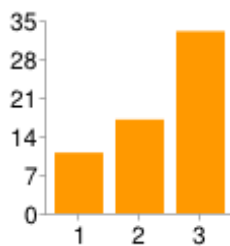
Concorda que a cor ajuda na leitura da imagem [Análise do estilo gráfico e da cor]

Não	5	8%
Sim, mas com dificuldade	7	11%
Sim, facilmente	49	80%

Concorda que a cor ajuda no reconhecimento das personagens [Análise do estilo gráfico e da cor]

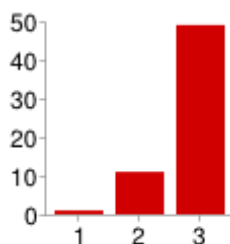
Não	4	7%
Sim, mas com dificuldade	10	16%
Sim, facilmente	47	77%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 16



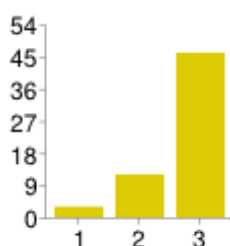
1	11	18%
2	17	28%
3	33	54%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 17



1	1	2%
2	11	18%
3	49	80%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 18

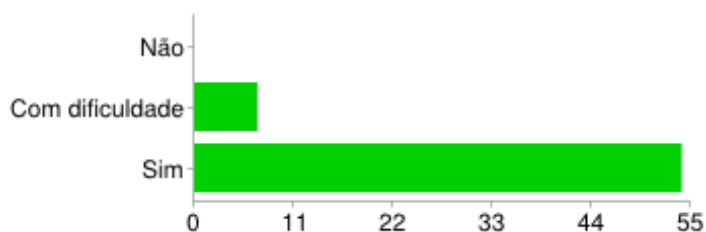


1	3	5%
2	12	20%
3	46	75%

Conj. 7

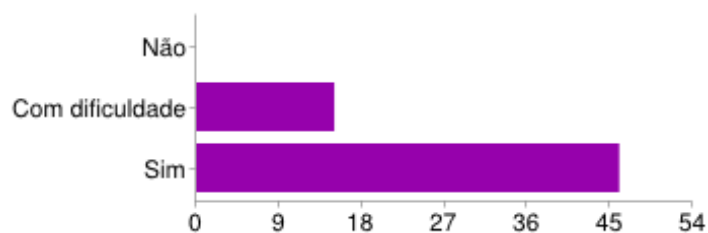
[Imagem]

Identificou a ilustração na História [Identificação e Reconhecimento]



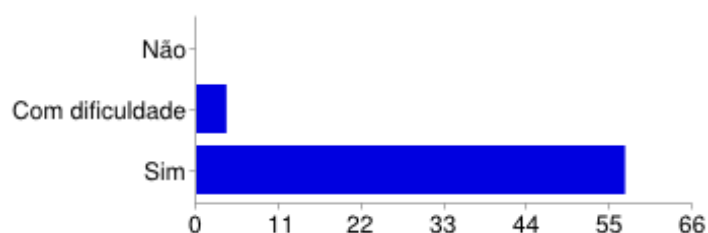
Não	0	0%
Com dificuldade	7	11%
Sim	54	89%

Identificou a ilustração sem recorrer à citação [Identificação e Reconhecimento]



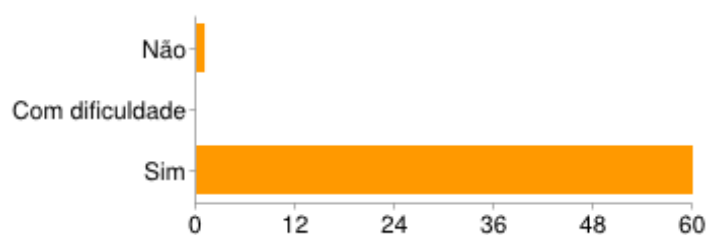
Não	0	0%
Com dificuldade	15	25%
Sim	46	75%

Relaciona a ilustração com o citação transcrita [Identificação e Reconhecimento]



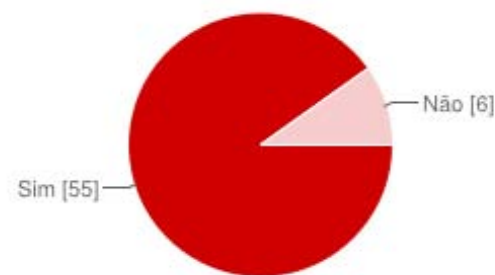
Não	0	0%
Com dificuldade	4	7%
Sim	57	93%

A presença de elementos simbólicos ajuda na leitura integral da imagem [Identificação e Reconhecimento]



Não	1	2%
Com dificuldade	0	0%
Sim	60	98%

Identificou mais alguma personagem, além da Alice sem recorrer à citação?

Sim **55** 90%Não **6** 10%

Refira que outra (s) personagem identificou sem recorrer à citação?

Rainha Vermelha

A rainha, o rei e o flamingo

A rainha

Flamingo e rainha

A Rainha

Rainha, flamengo

rainha, pelicano e o rei

Rainha de copas e o rei

Rainha de Copas, Rei e Flamingo

Rainha de copas

a rainha

A rainha de copas e o flamingo.

Rainha e Rei de Copas

Rei, rainha e flamingo

rei

Queen Of Hearts

rainha

A Rainha de Copas

Rainha e o Rei

Dama de Copas, Rei, Flamingo

Reis

a rainha de copas

a rainha de copas

Flamingo e rei

rei, rainha, flamingo

Rainha

A rainha de copas e o flamingo/taco

Rainha de copas Rei de copas

A rainha de copas, o rei de copas

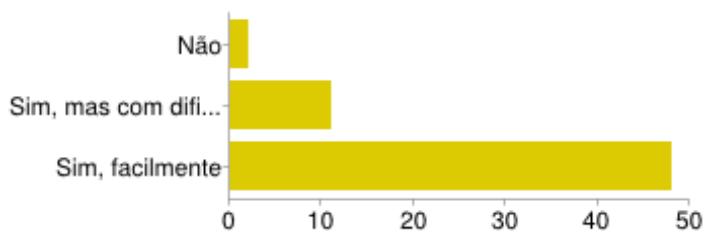
Flamingo e a Rainha de Copas

Rainhda de copas

magistade

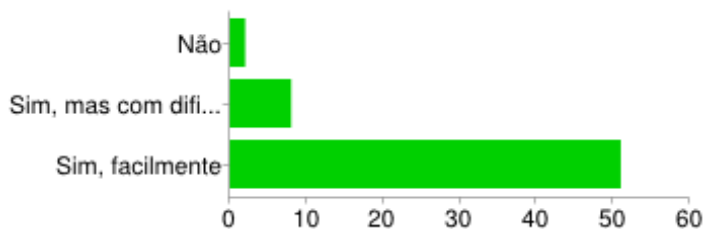
a rainha
 flamingo
 Rei, Rainha de Copas
 rainha, rei, flamingo
 Rei & Rainha
 Rainha de Copas
 rainha de copas

O estilo gráfico é apelativo [Análise do estilo gráfico e da cor]



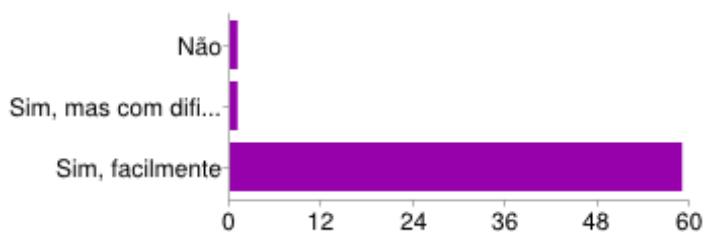
Não	2	3%
Sim, mas com dificuldade	11	18%
Sim, facilmente	48	79%

Reconhece ambas as figuras [Análise do estilo gráfico e da cor]



Não	2	3%
Sim, mas com dificuldade	8	13%
Sim, facilmente	51	84%

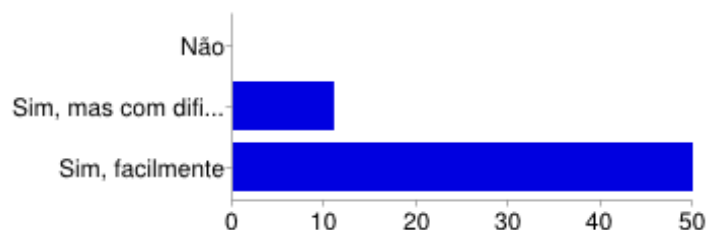
A figura humana é perceptível [Análise do estilo gráfico e da cor]



Não	1	2%
Sim, mas com dificuldade	1	2%

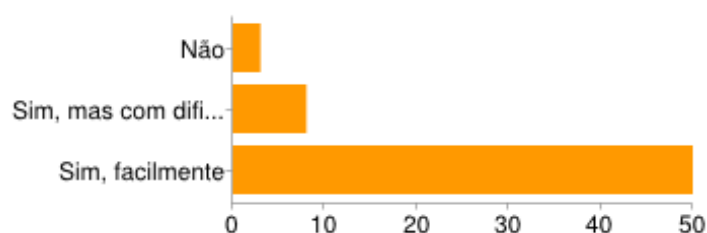
Sim, facilmente **59** 97%

A acção desempenhada pelas figuras é perceptível [Análise do estilo gráfico e da cor]



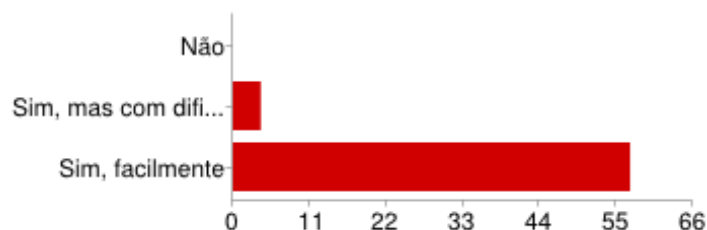
Não **0** 0%
 Sim, mas com dificuldade **11** 18%
 Sim, facilmente **50** 82%

O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história [Análise do estilo gráfico e da cor]



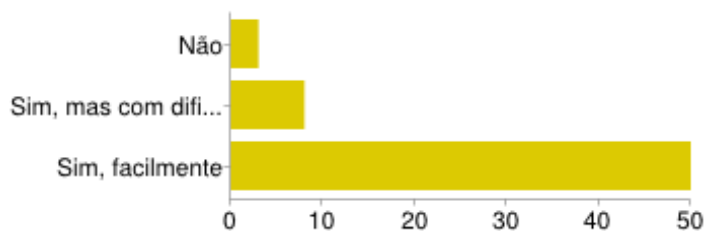
Não **3** 5%
 Sim, mas com dificuldade **8** 13%
 Sim, facilmente **50** 82%

Reconhece a(s) figura(s) animal(ais) [Análise do estilo gráfico e da cor]



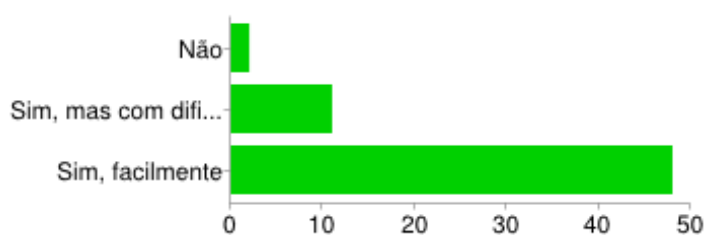
Não **0** 0%
 Sim, mas com dificuldade **4** 7%
 Sim, facilmente **57** 93%

Concorda que a cor ajuda na leitura da imagem [Análise do estilo gráfico e da cor]



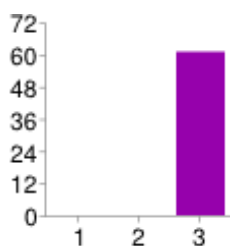
Não	3	5%
Sim, mas com dificuldade	8	13%
Sim, facilmente	50	82%

Concorda que a cor ajuda no reconhecimento das personagens [Análise do estilo gráfico e da cor]



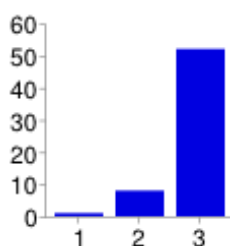
Não	2	3%
Sim, mas com dificuldade	11	18%
Sim, facilmente	48	79%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 19



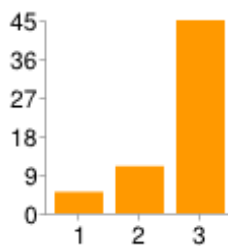
1	0	0%
2	0	0%
3	61	100%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 20



1	1	2%
2	8	13%
3	52	85%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 21

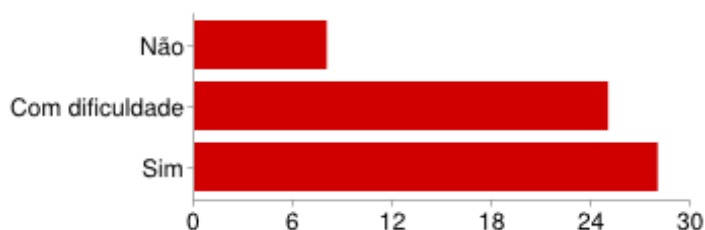


1	5	8%
2	11	18%
3	45	74%

Conj. 7

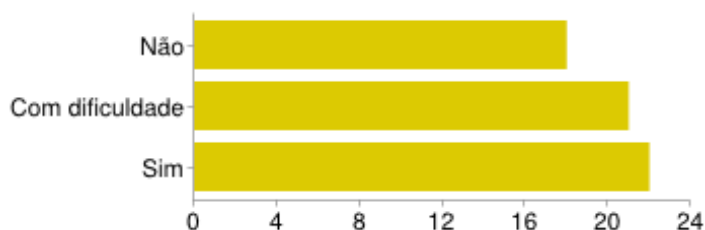
[Imagem]

Identificou a ilustração na História [Identificação e Reconhecimento]



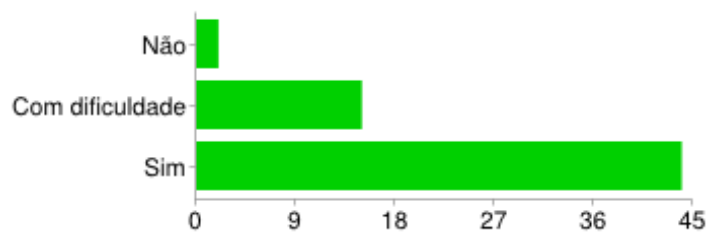
Não	8	13%
Com dificuldade	25	41%
Sim	28	46%

Identificou a ilustração sem recorrer à citação [Identificação e Reconhecimento]



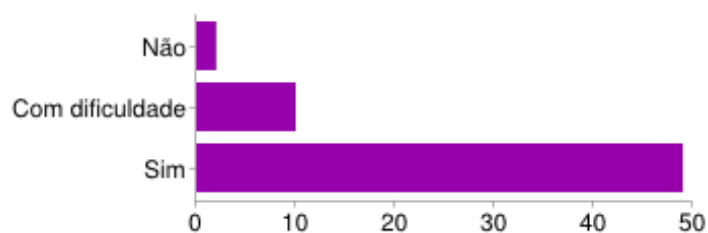
Não	18	30%
Com dificuldade	21	34%
Sim	22	36%

Relaciona a ilustração com o citação transcrita [Identificação e Reconhecimento]



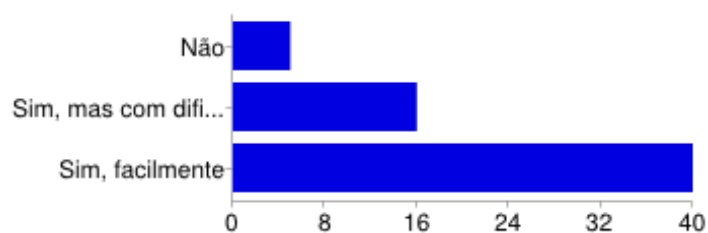
Não	2	3%
Com dificuldade	15	25%
Sim	44	72%

A presença de elementos simbólicos ajuda na leitura integral da imagem [Identificação e Reconhecimento]



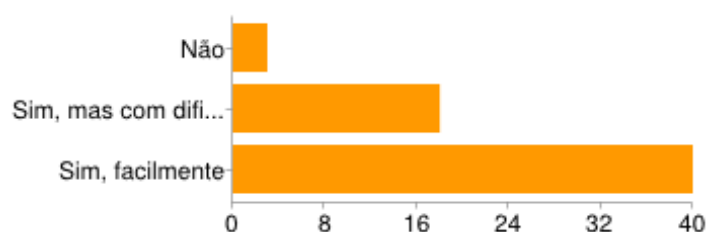
Não	2	3%
Com dificuldade	10	16%
Sim	49	80%

O estilo gráfico é apelativo [Análise do estilo gráfico e da cor]



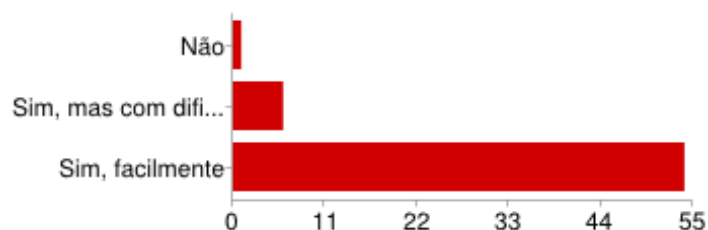
Não	5	8%
Sim, mas com dificuldade	16	26%
Sim, facilmente	40	66%

Reconhece ambas as figuras [Análise do estilo gráfico e da cor]



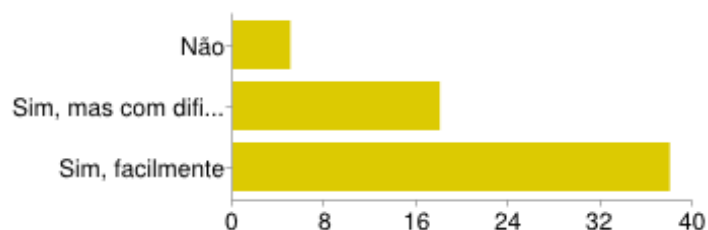
Não	3	5%
Sim, mas com dificuldade	18	30%
Sim, facilmente	40	66%

A figura humana é perceptível [Análise do estilo gráfico e da cor]



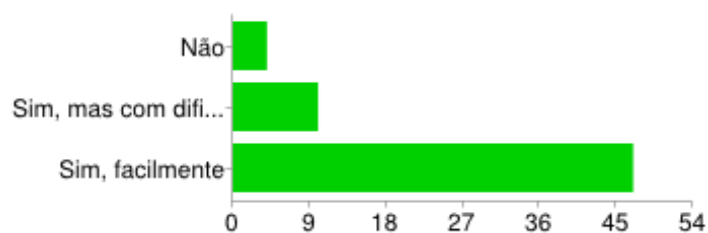
Não	1	2%
Sim, mas com dificuldade	6	10%
Sim, facilmente	54	89%

A acção desempenhada pelas figuras é perceptível [Análise do estilo gráfico e da cor]

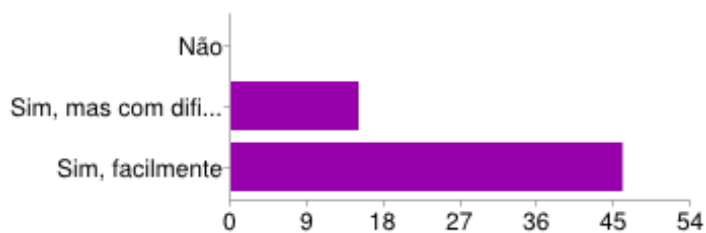


Não	5	8%
Sim, mas com dificuldade	18	30%
Sim, facilmente	38	62%

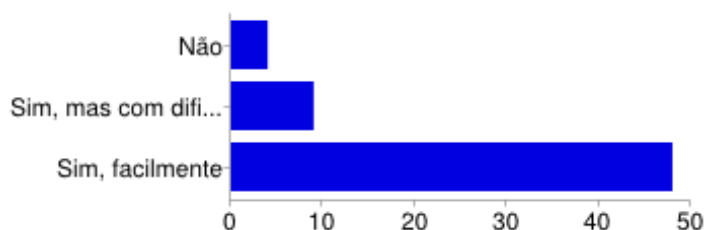
O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história [Análise do estilo gráfico e da cor]



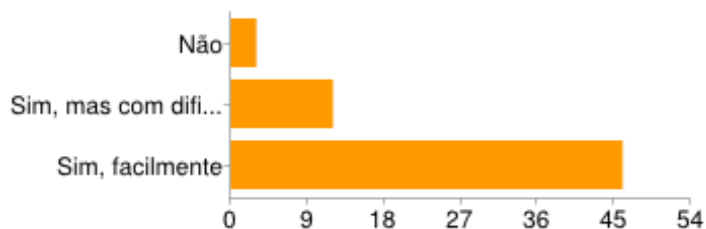
Não	4	7%
Sim, mas com dificuldade	10	16%
Sim, facilmente	47	77%

Reconhece a(s) figura(s) animal(ais) [Análise do estilo gráfico e da cor]

Não	0	0%
Sim, mas com dificuldade	15	25%
Sim, facilmente	46	75%

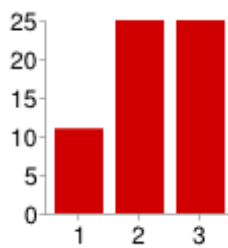
Concorda que a cor ajuda na leitura da imagem [Análise do estilo gráfico e da cor]

Não	4	7%
Sim, mas com dificuldade	9	15%
Sim, facilmente	48	79%

Concorda que a cor ajuda no reconhecimento das personagens [Análise do estilo gráfico e da cor]

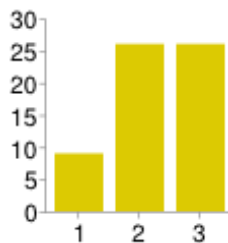
Não	3	5%
Sim, mas com dificuldade	12	20%
Sim, facilmente	46	75%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 22



1	11	18%
2	25	41%
3	25	41%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 23

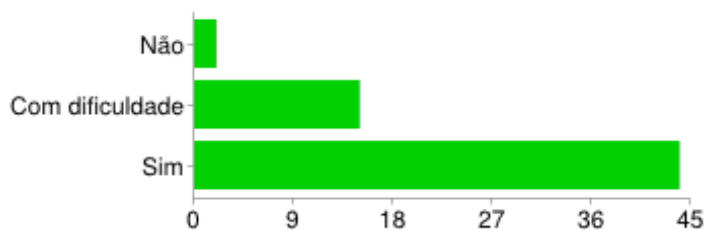


1	9	15%
2	26	43%
3	26	43%

Conj. 8

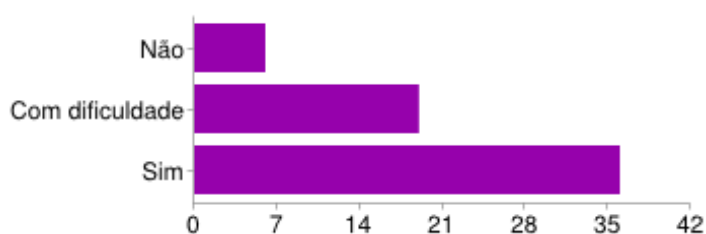
[Imagem]

Identificou a ilustração na História [Identificação e Reconhecimento]



Não	2	3%
Com dificuldade	15	25%
Sim	44	72%

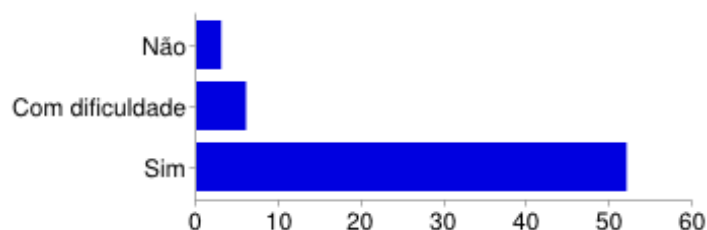
Identificou a ilustração sem recorrer à citação [Identificação e Reconhecimento]



Não	6	10%
Com dificuldade	19	31%

Sim **36** 59%

Relaciona a ilustração com o citação transcrita [Identificação e Reconhecimento]

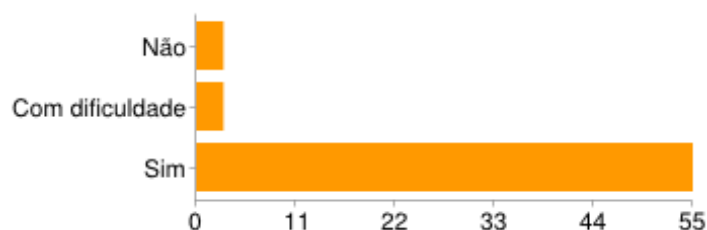


Não **3** 5%

Com dificuldade **6** 10%

Sim **52** 85%

A presença de elementos simbólicos ajuda na leitura integral da imagem [Identificação e Reconhecimento]

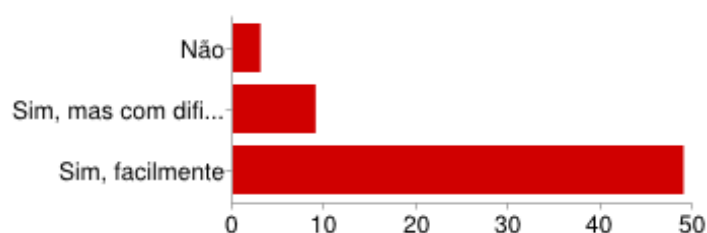


Não **3** 5%

Com dificuldade **3** 5%

Sim **55** 90%

O estilo gráfico é apelativo [Análise do estilo gráfico e da cor]

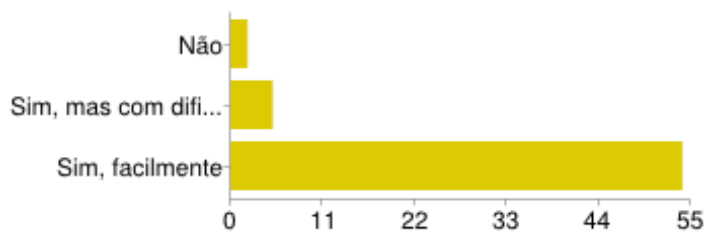


Não **3** 5%

Sim, mas com dificuldade **9** 15%

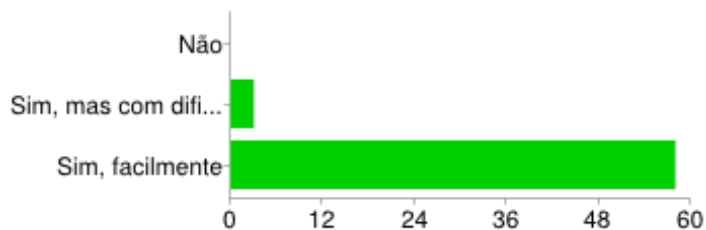
Sim, facilmente **49** 80%

Reconhece ambas as figuras [Análise do estilo gráfico e da cor]



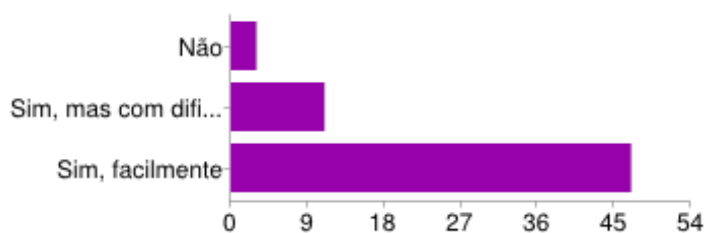
Não	2	3%
Sim, mas com dificuldade	5	8%
Sim, facilmente	54	89%

A figura humana é perceptível [Análise do estilo gráfico e da cor]



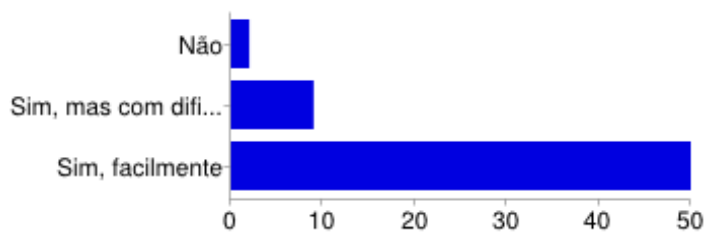
Não	0	0%
Sim, mas com dificuldade	3	5%
Sim, facilmente	58	95%

A acção desempenhada pelas figuras é perceptível [Análise do estilo gráfico e da cor]



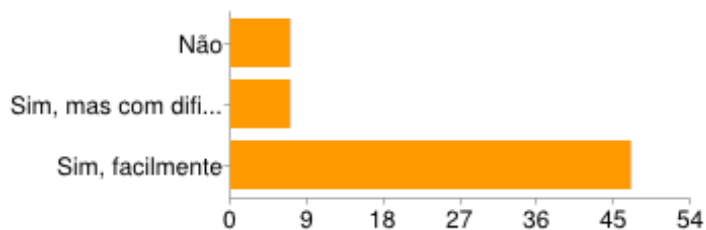
Não	3	5%
Sim, mas com dificuldade	11	18%
Sim, facilmente	47	77%

O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história [Análise do estilo gráfico e da cor]



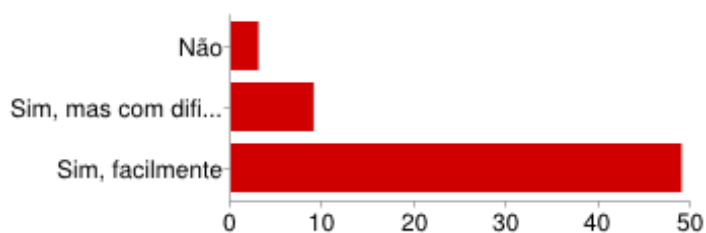
Não	2	3%
Sim, mas com dificuldade	9	15%
Sim, facilmente	50	82%

Reconhece a(s) figura(s) animal(ais) [Análise do estilo gráfico e da cor]



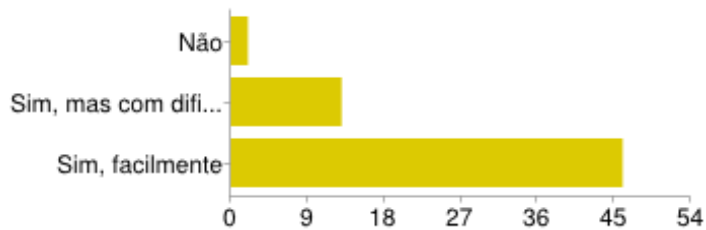
Não	7	11%
Sim, mas com dificuldade	7	11%
Sim, facilmente	47	77%

Concorda que a cor ajuda na leitura da imagem [Análise do estilo gráfico e da cor]



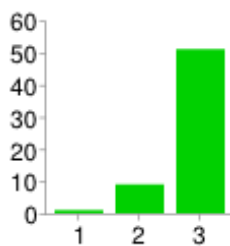
Não	3	5%
Sim, mas com dificuldade	9	15%
Sim, facilmente	49	80%

Concorda que a cor ajuda no reconhecimento das personagens [Análise do estilo gráfico e da cor]



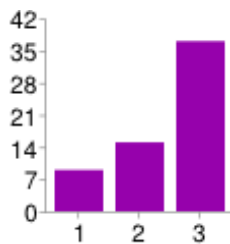
Não	2	3%
Sim, mas com dificuldade	13	21%
Sim, facilmente	46	75%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 24



1	1	2%
2	9	15%
3	51	84%

Avalie segundo a dificuldade que teve em reconhecer a imagem 25

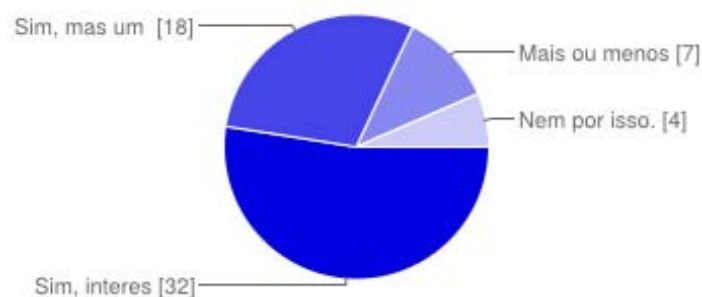


1	9	15%
2	15	25%
3	37	61%

Análise Global

[Imagem]

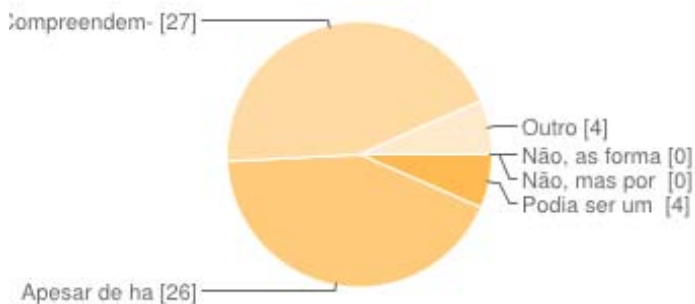
Achou interessante este tipo de ilustração?



Sim, interessante e diferente	32	52%
-------------------------------	----	-----

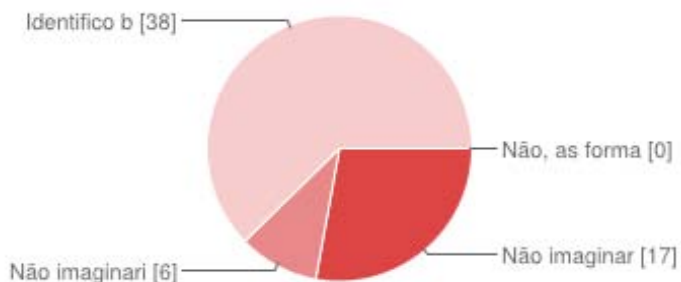
Sim, mas um pouco confuso	18	30%
Mais ou menos	7	11%
Nem por isso.	4	7%

O estilo gráfico ajuda ao reconhecimento?



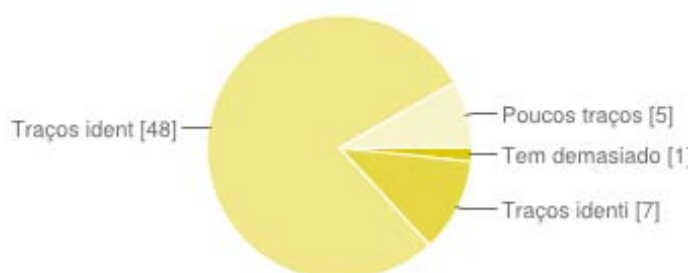
Não, as formas são demasiado confusas	0	0%
Não, mas por outra razão que não a referida anteriormente	0	0%
Podia ser um estilo mais simples e claro que simplificasse o desenho	4	7%
Apesar de haver uma certa dificuldade, consegue perceber-se o essencial	26	43%
Compreendem-se bem as figuras e a acção delas.	27	44%
Outro	4	7%

O estilo gráfico da figura humana adequa-se à história?



Não, as formas são demasiado confusas	0	0%
Não imaginaria a Alice assim mas a representação é fácil de reconhecimento	17	28%
Não imaginaria a Alice assim e considero que está deslocada da história original	6	10%
Identifico bem a personagem e o estilo agrada-me.	38	62%

Quanto à representação da figura humana, considera que...



Tem demasiados traços identificativos, que geram conflito entre si.	1	2%
Traços identificativos que não relaciono com a personagem.	7	11%
Traços identificativos adequados à história e a ilustração pictográfica	48	79%
Poucos traços identificativos, o que torna o reconhecimento mais difícil	5	8%

[Imagem]

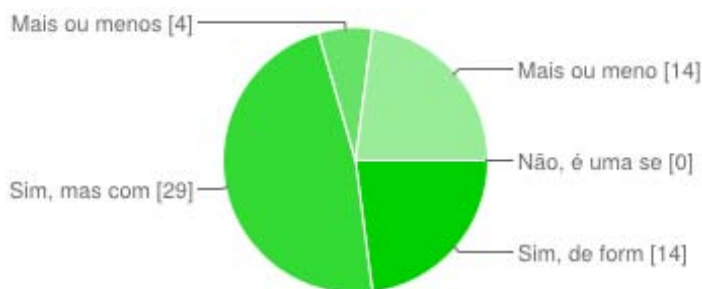
[Imagem]

[Imagem]

[Imagem]

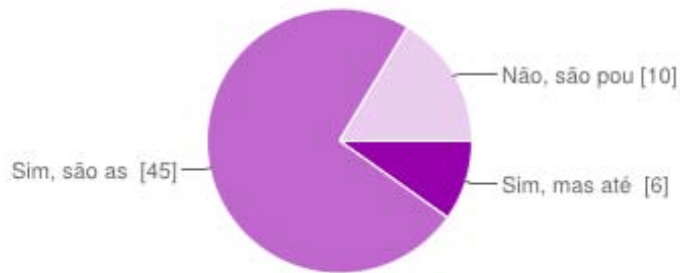
[Imagem]

Através da sequência de imagens apresentada, conseguiu ter noção da história como um todo?



Sim, de forma clara e rápida	14	23%
Sim, mas com alguma dificuldade a dado momento	29	48%
Mais ou menos, conheci-a a história mas não associaria assim a essas imagens	4	7%
Mais ou menos, não conheço muito bem a história.	14	23%
Não, é uma sequência muito confusa.	0	0%

Considera o número de cenas/ ilustrações suficientes para o bom entendimento da história?



Sim, mas até têm de mais.	6	10%
Sim, são as necessárias	45	74%
Não, são poucas.	10	16%

Que ilustração escolheria para melhor representar a história?

numero 2

nº1

Mais cores, e o corpo de Alice diferente. Do modo, como está é difícil de identificar inicialmente a personagem

24

3

2

1

7

4

19

17

18

15

Sobretudo a 1 (outras opções seriam a 2 ou a 24)

A Alice a perseguir o Coelho

A 1 ou a 19

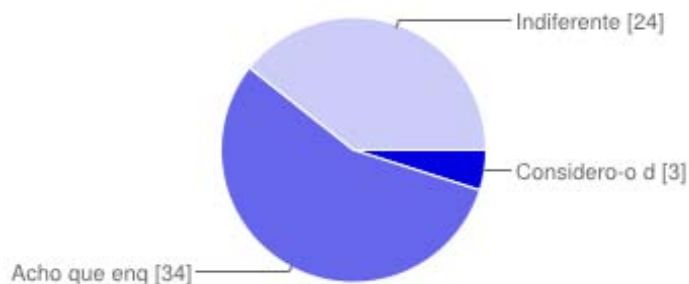
A primeira

A primeira ilustração

15, porque o gato é um símbolo importante da história

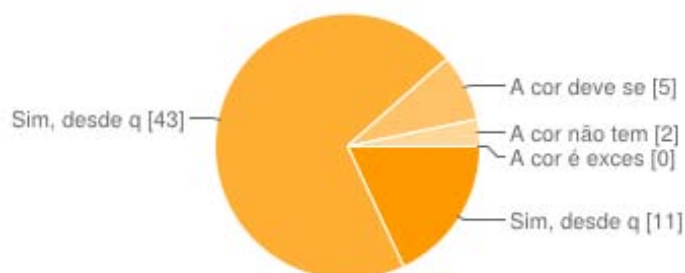
1 ou 10

Considera útil e eficaz a utilização do circulo como fundo?



Considero-o desnecessário	3	5%
Acho que enquadra bem a acção e a imagem	34	56%
Indiferente	24	39%

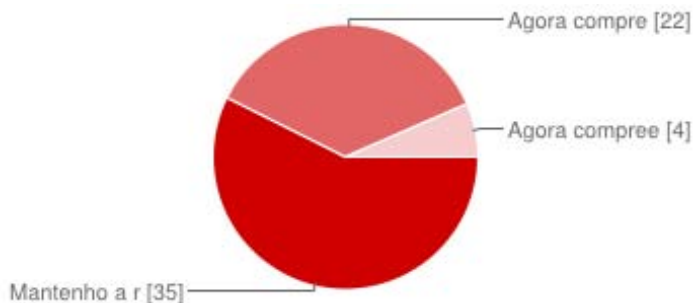
Considera importante a simbologia da cor para a caracterização e a definição das personagens na mensagem visual?



Sim, desde que seja reconhecível o seu significado, o que não é o caso	11	18%
Sim, desde que seja reconhecível o seu significado, como acontece neste caso.	43	70%
A cor deve ser secundária na comunicação.	5	8%
A cor não tem qualquer utilidade a não ser a distinguir formas	2	3%
A cor é excessiva e não confere nada de novo nem de simbólico à ilustração.	0	0%

“O azul é a cor daquelas ideias cuja realização se encontra distante. O violeta simboliza o lado irreal da fantasia- o fantástico. O cor-de-laranja, a terceira cor da fantasia, simboliza o prazer das ideias loucas. O Azul-violeta-cor-de-laranja é a combinação da fantasia.” (Heller, 2007) A utilização do vermelho em oposição ao azul no “Bebe-me”/ “Come-me” é por serem cores complementares e ao mesmo tempo antagónicas.

Após a explicação das cores usadas, considera importante a cor para a caracterização e definição das personagens na mensagem visual?



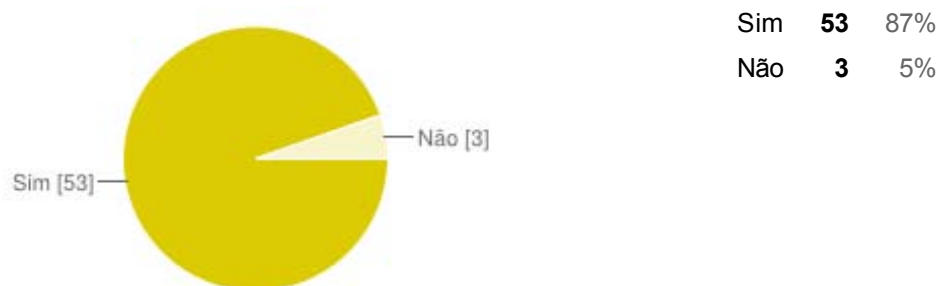
Mantenho a resposta acima referida.	35	57%
Agora compreendo melhor o trabalho, por isso considero a cor importante	22	36%
Agora compreendo melhor o trabalho, mas não acho a cor importante.	4	7%

Análise Final

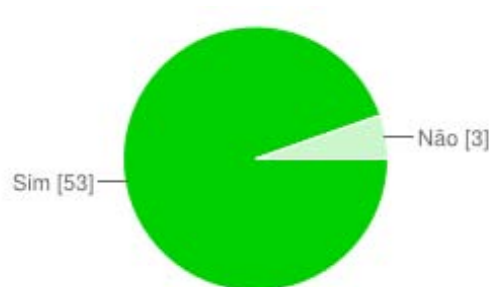
"Um signo é um «signo» apenas quando «exprime ideias» e suscita no espírito daquele ou daqueles que o recebem uma atitude interpretativa." (Joly, 2008)

"O ícone corresponde à classe dos signos cujo significante mantém uma relação de analogia com aquilo que representa, ou seja, com o seu referente. Um desenho figurativo, uma fotografia, uma imagem de síntese..." (Joly; 2008)

Tendo em conta a definição de "signo" considera que este trabalho se insere nessa definição?



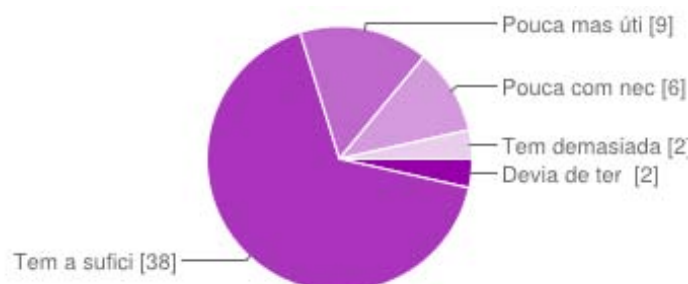
Tendo em conta a definição de "ícone" considera que este trabalho se insere nessa definição?



Sim **53** 87%

Não **3** 5%

Tendo em conta a definição de icone considera suficiente a quantidade de informação apresentada para a construção das ilustrações?



Devia de ter mais porque quanto mais melhor.

2 3%

Tem a suficiente e necessária para um rápido entendimento sem ser demasiado obvia.

38 62%

Pouca mas útil e correcta de forma a evitar redundâncias e ruídos na leitura

9 15%

Pouca com necessidade de mais para ajudar no entendimento global e particular das ilustrações.

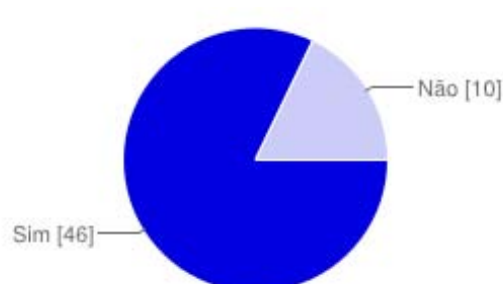
6 10%

Tem demasiada informação

2 3%

"(Pictogramas) Se cada figura tem de servir para «todo o conjunto de objectos possíveis pertencentes a essa classe», a figura de que falamos não deve nunca prefigurar um objecto, mas toda a classe daqueles objectos. Ou seja o conceito." (Massironi, 2010)

Tendo em conta a definição de "pictograma" considera que este trabalho se insere nessa definição?



Sim **46** 75%

Não **10** 16%

Obrigado pela sua disponibilidade na resposta a este questionário! A sua opinião foi de extrema importância

para a conclusão do meu trabalho. Obrigado.

Número de respostas diárias

